

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA

"CARETAS"

Festa e performance dos Brincantes da cidade de Jardim-CE

Ivaneide Barbosa Ulisses

DISSERTAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

“C A R E T A S”

Festa e performance dos Brincantes na cidade de Jardim-Ce

Festa e performance dos Brincantes na cidade de Jardim-Ce

Ivaneide Barbosa Ulisses

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho.

Fortaleza
Setembro, 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

“C A R E T A S”

Festa e performance dos Brincantes da cidade de Jardim-Ce

Ivaneide Barbosa Ulisses

“C A R E T A S”

Festa e performance dos Brincantes na cidade de Jardim-Ce

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

Ivaneide Barbosa Ulisses

Francisco Gilmar Cavalcante

Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho – UFC

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho.

Ivaneide Barbosa Ulisses – Fortaleza, 2004

1980

Orientador: Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Mestrado em História Social

Prof. Dr.

1- Cultura – Jardim – Jardim (CE) 2- Festa – Jardim (CE) 3- Cavalcante, Francisco Gilmar de Carvalho II – Universidade Federal do Ceará, Mestrado em História Social III – Título

Fortaleza

Setembro, 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

"CARETA 8"
Festa e performance dos Brincantes na cidade de Jardim-Ce

Ivaneide Barbosa Ulisses

FICHA CATALOGRÁFICA

U 36c

Ulisses, Ivaneide Barbosa

Caretas: festa e performance dos Brincantes da cidade de Jardim- Ce
Ivaneide Barbosa Ulisses. – Fortaleza, 2004.
183p.

Orientador: Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Mestrado em
História Social

1- Cultura – Jardim (CE) 2. Festas- Jardim (CE) I Carvalho, Francisco Gilmar
de Carvalho II. Universidade Federal do Ceará. Mestrado em História
Social. III Título

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

“C A R E T A S”

Festa e performance dos Brincantes da cidade de Jardim -Ce

Ivaneide Barbosa Ulisses

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho – UFC

Orientador

José Augusto de Moraes Junior

Prof. Dr.

Francisco Régis de Aguiar Gomes

Prof. Dr.

Fortaleza

Setembro, 2004

Agradecimentos

Uma pesquisa acadêmica é sempre uma produção coletiva, assim, agradeço, a todos que direta e indiretamente deram força e me animaram neste trabalho, entre eles: os colegas de especialização da UECE (Universidade Estadual do Ceará), onde dê início ao projeto: Silvana, Vira e Oliveira. Ainda da Especialização, os professores que leram o projeto, deram suas opiniões: Manoel e Germano e, principalmente, professor Gisafra Jucá, além de ter tirado um tempo para leitura minuciosa do pré-projeto deu a força decisiva para que eu tentasse a seleção.

Aos professores do curso de mestrado: Euripedes, Frank, Fred, Ivona, Régis, Norberto, Adelaide. Aos meus colegas no curso, tão companheiros que foram sempre: Rose, Miries, Carla, Glória, Henrique, Antônio, Iza, Dionesiana, Benedito, Luís e, especiais agradecimentos, ao Gleison e Gustavo estes, que vez e outra, dividia minhas angústias.

As pessoas que já não nos encontramos tanto mas que foram primordiais para meu enriquecimento intelectual e pessoal desde da época da graduação: os professores e arqueólogos Miriam Cazzetta e Fábio Parente, O encenador Oswald Barroso e a Cia Boca Rica de Teatro. A **à Jamile e Eudásio** Pre-História Verônica Viana. A amiga Germana, agora, mestre em História Social e mãe.

Agradecimentos especiais ao meu orientador, Gilmar de Carvalho, cujo conhecimento, tranquilidade e respeito tendeu uma orientação motivadora, rica.

A minha família, pelo carinho e paciência.

Agradecimentos

Uma pesquisa acadêmica é sempre uma produção coletiva, assim, agradeço, a todos que direta e indiretamente deram força e me animaram neste trabalho, entre eles: os colegas de especialização da UECE (Universidade Estadual do Ceará), onde dê início ao projeto: Silvana, Vila e Oliveira. Ainda da Especialização, os professores que leram o projeto, deram suas opiniões: Manoel e Germano e, principalmente, professor Gisafran Jucá, além de ter tirado um tempo para leitura minuciosa do pré-projeto deu a força decisiva para que eu tentasse a seleção.

Aos professores do curso de mestrado: Eurípedes, Frank, Fred, Ivone, Régis, Norberto, Adelaide. Aos meus colegas no curso, tão companheiros que foram sempre: Rose, Mirtes, Carla, Glória, Henrique, Antônio, Iza, Dioclesiana, Benedito, Luís e, especiais agradecimentos, ao Gleison e Gustavo estes, que vez e outra, dividia minhas angústias.

As pessoas que já não nos encontramos tanto mas que foram primordiais para meu enriquecimento intelectual e pessoal desde da época da graduação: os professores e arqueólogos Miriam Cazzetta e Fábio Parente. O encenador Oswald Barroso e a Cia Boca Rica de Teatro. A colega e mestre em Pré-História Verônica Viana. A amiga Germana, agora, mestre em História Social e mãe.

Agradecimentos especiais ao meu orientador, Gilmar de Carvalho, cujo conhecimento, tranquilidade e respeito rendeu uma orientação motivadora, rica.

A minha família, pelo carinho e paciência.

SUMMARY

The work has as object a party, in matter, the Party of the Grimaces ", that happens annually (period of the Week Saint) in the municipal district of Jardim, south of the State of Ceará. The research, is centered, in the manners as " Brincantes ", " former - Brincantes " and organizers of the event live and they interpret the processes of accomplishment of the festivity. And how it is meant and resignificado in the daily of the city in the days of preparation and presentation of the Grimaces. The problem heads in the mat of studies in that the " parties " express conflicts, tensions, temporary dimensions of those social groups that execute them. The Party of the Grimaces, it is faced in the work

Agradecimentos as pessoas do município de Jardim que sempre me receberam tão bem, em especial aos entrevistados que deram um intervalo em suas rotinas para conversar comigo, são elas e eles: José Marcondes Pereira; Jamilles Freitas dos Santos; Miguel Moraes; Fernando Pereira de Sousa; João José de Sousa; João Geraldo Pereira; José Geraldo pereira (seu Nelson); Manoel Bernardino; Eternite Lopes de Sousa; Flávio Vidal; Francisco Hildeberg; Nélsia; Sinê; Jucilene Ribeiro de Sousa.; João Salu; Antônio Amaro; Cícero Cândido.

ratifies, clubs, materials of v gestures, the said expressions, musicadas and the musical instruments. The support of the text is the bodies of the Grimaces. And as primordial element of the understanding of the message and reception of the text that it is the own articulation of group of the work the oral source it comes as primordial methodology.

SUMMARY

INDICE

The work has as object a party, in matter, the Party of the Grimaces ", that happens annually (period of the Week Saint) in the municipal district of Garden, south of the State of Ceará. The research, is centered, in the manners as " Brincantes ", " former - Brincantes " and organizers of the event live and they interpret the processes of accomplishment of the festivity. And how it is meant and resignificado in the daily of the city in the days of preparation and presentation of the Grimaces. The problem heads in the mat of studies in that the " parties " express conflicts, tensions, temporary dimensions of those social groups that execute them. The Party of the Grimaces, it is faced in the work while a staging " type, close to the codes of the popular theater. Sending to subjects as, production (producer); instruments (codes / supports); message (content / significance); reception (reading and reapropriação). In the case, the producing of the text, are the Grimaces and organizers of the festivity, they are still those individuals that attend the presentation of " Brincantes ". The codes are formalized in the clothes of " Brincantes ", they are the masks, clothes, rattles, clubs, materials of vegetable origin. (straw, leaves...). Saint also the gestures, the said expressions, musicadas and the musical instruments. The support of the text is the bodies of the Grimaces. And as primordial element of the understanding of the message and reception of the text that it is the own articulation of group of the work the oral source it comes as primordial methodology.

14. "Sexta-feira Santa" 102

15. "Sábado de aleluia" 103

16. "Domingo" 104

17. Serra do Brajinho 105

18. Três gerações de homens Caratas 107

ÍNDICE

- A BRINCADEIRA/FESTA COMO ENCENAÇÃO - ato I

19. "Encontro marcado" 116

- A CIDADE E A BRINCADEIRA - Considerações iniciais, 11

21. Encenar 125

- A CIDADE E O NOME - JARDIM

1. A viagem 19

2. Acampamento dos pequizeiros 22

3. Sede de Jardim 26

4. "Cultura plural" 30

5. O que é a Festa/Brincadeira/Caretas 34

6. Zona urbana e zona rural 45

7. Papangus e Caretas 49

8. Zona rural 52

- A CIDADE E AS "FESTAS"

9. "Semana Santa é minha paixão" 71

10. "baile à fantasia que irradia meu coração" 75

11. Caretinhas 78

12. Associação dos Karetas 85

13. "Quinta-feira Santa" 99

14. "Sexta-feira Santa" 102

15. "Sábado de aleluia" 103

16. "Domingo 104

17. Serra do Brejinho 105

18. Três gerações de homens Caretas 107

"A CIDADE E A BRINCADEIRA" - considerações iniciais

- A BRINCADEIRA/FESTA COMO ENCENAÇÃO - ato I

19. "Encontro marcado" 116

20. Ser Careta 122

21. Encenar 125

22. A Brincadeira/Festa como encenação – ato II 130

23. Um corpo 134

24. Chocalho 139

25. Mundo risível 142

26. Máscara 149

A CIDADE E A BRINCADEIRA – considerações finais 153

FONTE 161

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 162

ANEXO 168

¹ Nome dado aos participantes trajados dentro da festa.

“A CIDADE E A BRINCADEIRA”- considerações iniciais

“Todo “lugar “próprio” é alterado por aquilo que, dos outros, já se acha nele...cada estudo particular é um espelho de cem faces (neste espaço os outros estão sempre aparecendo), mas um espelho partido e anamórfico (os outros aí se fragmentam e se alteram).” (De Certeau, 1998, p110)

Ao pesquisar sobre a “Festa dos Caretas” veio a oportunidade de lidar, de aprofundar conhecimentos a respeito das manifestações populares, compostas não só de festas, mas de outras fontes (cantorias, provérbios, ritos, cordel, festejos...), foi um trabalho, mas foi, igualmente, um prazer.

Propositadamente, seguir o princípio do prazer, isso, deu-me a chance de atender a uma expectativa já apontada no projeto de pesquisa, de buscar, dar vazão a uma vontade surgida no período da adolescência, quando fui ativista do movimento estudantil. Uma vontade de entender, o que na época de militante, já me parecia um saber do “povo”, e não simplesmente uma falta de conscientização, como era batizada pelos “politizados”.

Entender a capacidade de determinados grupos sociais de “solucionarem” seus problemas cotidianos através da fé, dos festejos, do carnaval, dos ritos, da “palhaçada”, e não necessariamente por meio de ações políticas. Ou como diz uma canção: “...fazer carnaval batendo em panelas vazias.”

Assim, as páginas que seguem são o resultado do que podemos apreender, na perspectiva acima, a partir de uma cidade, cujo objeto é uma festa, em particular a “Festa dos Caretas”, no município de Jardim, sul do Ceará, região do Cariri.

A “Festa dos Caretas”, ocorre, anualmente, no período da “Semana Santa”, caracterizada pelo humor, brincadeiras e pelos trajes usados pelos “Brincantes¹”, trazendo como foco as suas máscaras.

Ela obedece a um riso proveniente da tradição, ligado as comunidades, que têm na forma oral, uma importante fonte de aprendizado incluindo, nessa tradição oral, o modo de improvisar que respeita a criatividade

¹ Nome dado aos participantes trajados dentro da festa.

individual, mas obedece a “regras” préestabelecidas. Regras dadas e entregues pelos mais velhos aos mais jovens através, principalmente, da observação e da imitação realizadas pelos mais novos.

O ato da pesquisa trouxe a mim a sensação descrita por Maurice Bèjart, quando em visita a uma ilha do Mediterrâneo oriental expôs, “...pude viver, durante algumas semanas do verão, a vida de pescadores e de camponeses...cujo o ritmo era do ar, da água, da luz, dos vegetais.”(Garaudy, 1950,p38)

“Viver...a vida de pescadores...”. Seria possível? Viver a vida, o fazer de outrem, vida de Careta, por exemplo?

Existe vida de Careta? O que é ser Careta?

Em Jardim, pude sentir, viver o ritmo de uma parte do cotidiano das pessoas do lugar, especialmente aquelas envolvidas na Festa, mas não ser um deles. Cheguei a interagir com os participantes mas não era um deles e nem poderia ser.

Não pertencia à Cidade de Jardim, não trazia na memória histórias do lugar, contadas pelos meus avós e pais...O olhar, o sentimento era de estrangeira. Olhar daquela que olha de fora. Simpatiza, mas encontra-se fora dos códigos particulares de interpretação.

Parecido com que disse o poeta e “ex-brincante” Miguel Morais na nossa conversa:

“É, eu diria até, que você deveria fazer parte dessa sociedade, aqui. Ter amigos, pra quando você brincar de Careta, você realmente(..).porque, quando você coloca a máscara, você passa a ser um estranho entre os amigos. Então se você não conhece aquele povo quando... vai brincar de Careta não faz diferença, não faz efeito. Vai ser a mesma coisa.”

A idéia externada por Miguel, a brincadeira tendo como característica o esconder-se através dos trajes, esconder-se daqueles que conhecem a pessoa que traz o Careta. Pois, produzem suas vidas em um mesmo espaço há várias gerações. Contam as mesmas histórias do lugar e sabem detalhes particulares uns dos outros. O sucesso do Careta é não ser reconhecido por seus pares.

Inspirada nas palavras de R. Williams, em “O Campo e a Cidade”, é preciso reafirmar que a motivação para a realização da presente pesquisa sempre foi pessoal e só expressar, às claras, a partir da legitimação dada pela aproximação com os teóricos e com a própria festa em si.

Quando Williams diz, “Guardo comigo as referências dadas...Quando nasci, meu pai era sinaleiro...porém, continuava um aldeão, com seus jardins e suas abelhas...(Williams,2000,p15), imaginei, a mim, faltaria tais referências. A vivência de um lugar “meu”.

Eu, filha de trabalhadores pobres, pai nordestino, mãe goiana cuja conjuntura econômica os reuniu em um casal no Distrito Federal, alguns anos após a fundação de Brasília.

Migrações que resultaram em outras migrações. Levando a família a ter boa parte de sua existência vivida aos sabores das direções dos “ventos”, ou melhor dos planos de governos.

A nós, filhos, restou-nos a sensação passada, nostalgicamente, por pai e mãe sobre uma vida melhor em outro espaço que não nas cidades que morávamos.

Nós, filhos, no suspiro de cada um dos progenitores podíamos imaginar um mundo das feiras, das comidas típicas, das festas, dos poetas de cordéis, manifestações comuns a eles.

Ir ao encontro dos Caretas de Jardim foi um encontro não só com a Festa, o Riso e o espaço geográfico e social diferente do vivenciado por mim, com suas “falsas caras”, mas ainda um encontro um pouco comigo mesma, como o ato de costurar uma colcha de retalhos que pode representar a vida de uma família “dispersa” como a minha.

Neste sentido, costumo falar que não fui eu que escolhi Jardim, mas ao contrário. “A Festa dos Caretas” acontece em diferentes municípios do Ceará. E a determinação por Jardim, como foco do estudo, foi sendo impulsionado por uma soma de razões: o fato das pesquisas do meu orientador, Gilmar de Carvalho, concentrarem-se mais por aquela área do Cariri. Ainda, a questão da

“Festa de Jardim” ser um referencial de quem conhece o evento, seja para criticá-la ou admirá-la.

Mais determinante para escolha de Jardim foram as primeiras entrevistas. O tratamento dado pelos Caretas a Festa e sua relação com a própria idéia de ser jardinense.

Atraiu-me a curiosidade por aqueles que por suas falas gostariam de ligar-se cada vez mais ao lugar e a seus habitantes. E a Festa pareceu-me um belo pretexto utilizado por eles para este objetivo.

Lembrou-me os suspiros de saudades de minha mãe quando fala do trabalho e dos costumes da roça e a idéia persistente de retorno ao lugar dela. A ligação sentimental com o lugar de nascimento e infância, do qual teve de afastar-se, brutalmente, por não mais poder suprir as necessidades de sobrevivência.

Meu pai acabou voltando para o “interior dele” no Estado do Rio Grande do Norte, mas não mais se adaptou e acabou arribando, mais uma vez, para a cidade de Natal.

Quanto a mim, ouvia as sensações, as histórias de cada um deles. Via suas histórias acontecerem, mas não entendia muito. Acostumei a dizer que o meu lugar era aquele onde me encontrava no momento.

Nas falas dos Caretas transparece a luta dos jardinenses para garantir certas condições de trabalho e vida que possibilitem a permanência dos filhos do lugar no seus espaços de origem.

Sair por escolha e não ser impulsionado pelas más condições de vida e falta de perspectiva, como foi o caso das migrações de meus pais, e é o caso dos moradores de Jardim.

Mas, a fala dos Caretas e organizadores, ao mesmo tempo que une, separa. Traz uma divisão bem clara entre os modos de fazer da festa da Cidade e os modos de fazer da zona rural. Pensando em R. Willians, novamente, em “O Campo e a Cidade” (2000), talvez, pudesse perceber relações entre urbano e rural e a articulação com a festa dos Caretas.

Talvez, em tal ordem de divisão, haja uma luta dos jardinenses para resguardar elementos considerados importantes para manutenção da Festa. Talvez, possa enxergar uma luta a favor e contra a regulamentação da Festa.

Transparece, ao conversar como um Careta, o orgulho em ser Careta. Em ter Careta na Cidade. A Cidade muda no período da Festa. O Careta passa a ser pauta de reuniões de instituições como a igreja, a prefeitura, empresas de patrocínio, sem se falar nas épocas das eleições.

Assim, a presente pesquisa parte de questões como: O que revela "A Festa dos Caretas" de Jardim?" O que a apresentação dos Caretas na rua diz sobre o grupo de pessoas que a fazem? A Festa Oculta algo? O que a Festa traz de elementos recorrentes, historicamente, a esses tipos de manifestações de rua, de praça das comunidades tradicionais? Quais os elementos renovados por cada comunidade? Quais as formas gestuais e figuras que aparecem nos trajes dos Brincantes? Que tipo de corpo é "risível"(humor) ou "terrível" (medo) para aquela cultura ? Como são selecionados os trajes pelos Brincantes? Que relação ocorre entre o "público" e o "Brincante" durante a apresentação? O que é "Ser Careta" para o Careta? Como os "Brincantes" dos Caretas percebem sua participações na Festa?

Talvez, possibilite-nos, verificar sistemas de valores e interpretar símbolos dos grupos que realizam a "Festa dos Caretas"; perceber as inovações realizada em cada comunidade, e como se dão as rupturas com a tradição.

A problemática encaminha-se na esteira de estudos em que as "festas" expressam conflitos, tensões e dimensões temporais daqueles grupos sociais que nela estão envolvidas.

E, dentro da relação da brincadeira/festa no processo local e global, econômica e socialmente, perceber como os Caretas e organizadores dão encaminhamentos às suas ações, apesar das dificuldades.

A dissertação apresenta-se em três capítulos: o primeiro, "**A Cidade e o Nome**", houve preocupação, em primeiro lugar, em trazer não a Festa

em si, mas iniciar pela Cidade de Barra de Jardim, local de morada, de vida daqueles que “festam” na “Semana Santa”.

A tentativa de demonstrar o envolvimento local com o festejo dentro de suas rotinas, ou de uma rotina transformada pelos fazeres em relação aos momentos antecedentes da Festa, bem como dentro da dinâmica do evento

Formulando sempre discussões em torno de temas propostos pelas entrevistas com os Caretas, bem como envolvendo reflexões sobre o meio-ambiente de Jardim, localizado que é o município na Chapada do Araripe .

Perceber os produtores diretos da Festa, dentro do contexto da Cidade, de uma cidade de Chapada, são eles, os que lutam com dificuldade para sobreviver, são lavradores, estudantes e funcionários públicos em sua maioria.

Todos trazem na força da voz, nas palavras ditas, nos gestos e no olhar muita esperança de dias melhores. Melhora que, nas falas, só acontece junto com a Cidade.

Prontos, com disposição para ficar do lado “certo” (aquele que levaria Jardim ao desenvolvimento econômico, carregado com a lembrança de um passado áureo. Ou um novo caminho rumo ao futuro, ainda não concebido totalmente por essas vozes e olhares, pelo(s) idealizador(es)).

O segundo capítulo, “**A Cidade e a Festa**”, parte da fala dos entrevistados e observações realizadas durante o trabalho de campo , tanto na zona rural como da zona urbana, fazendo um paralelo entre os dois espaços festivos.

A divisão espacial entre rural e urbano, presente nas falas dos “Brincantes”, foi assimilada pela pesquisa e escrita do trabalho. Procurou-se ainda perceber a participação de grupos específicos na festa, como as crianças e as mulheres.

O terceiro capítulo, “**A Festa como encenação**”, aborda o evento como encenação, mas nada ou pouco parecido com a idéia de teatralização que a maioria de nós vê nos palcos atuais. Encenação próxima ao rito de encontro do ser com algo sagrado, em que aquele que representa não é ator, mas é personagem e pessoa, ao mesmo tempo, sendo o corpo o suporte de

tal processo. Um corpo particular, com dadas características, um corpo de Careta. É este corpo que faz da pessoa um Careta. remetendo a questões como produção (produtor); instrumentos (códigos/ suportes); mensagem (conteúdo/ significação); recepção (leitura e reapropriação).

No caso, os produtores do texto, são os Caretas e os organizadores da festividade, são ainda aqueles indivíduos que assistem à apresentação dos Brincantes.

Os códigos são formalizados nos trajes dos Brincantes, são as máscaras, roupas, chocalhos, cassetetes, materiais de origem vegetal. (palha, folhas...). São também os gestos, as expressões ditas, tocadas e os instrumentos musicais. O suporte do texto são os corpos dos Caretas.

E, como elemento primordial para entendimento da mensagem e recepção do texto, fazendo a própria articulação do conjunto do trabalho, vem a fonte oral como metodologia primordial.

Os Caretas, ex- Caretas e organizadores são os entrevistados. Foram elaborados roteiros de perguntas para cada etapa do trabalho de campo. Não se ficou preso a ele, mas foi importante porque foi criado a partir da problematização do trabalho, bem como de questões nascida das leituras e da observação participante.

Roteiros tiveram como preocupações básicas a obtenção de descrições dos processos da festa e responder a indagações formuladas, já na problematização do projeto, como: Quem são os produtores do texto? Onde produzem o texto? Como produzem? Quem tem interesse em manter ou não a festa?

E, ainda, não perder de vista novas problemáticas nascidas das falas dos Brincantes. Tem-se como categorias primordiais: a Oralidade, a História, a Memória, a Festa e o Riso (entendido como a linguagem cômica que os Brincantes privilegiam durante a festa).

A idéia é formar uma arquivo com as fitas e transcrições das entrevistas junto aos Caretas. Pois, tem-se a certeza, que, mesmo depois de transcritas as fitas, a audição das mesmas de ser algo essencial à análise do

texto. Pois, permanece a inter-relação do ouvir a fita, ver o entrevistado e ler a entrevista.

A escrita nas transcrições procurou nessa fase obedecer à fala das pessoas, sendo deixado os “erros” e as repetições. Os textos foram organizados com perguntas e respostas.

Criou-se uma simbologia: “aspas” para palavras ditas incorretamente. “Interrogação” para palavras que não ficaram claras nas gravações. “Reticências” para silêncios, dúvidas, rupturas nas falas. “Parênteses” para risos.

Durante esta pesquisa conheci um pouco da violência com que a situação social pressiona grupos como os Caretas, e como a falta de condições de estar em seus lugares faz manifestações como a deles sofrerem.

Mas, de acordo com as palavras De Certeau, transcritas na epígrafe desta parte do texto: “ Todo lugar “próprio” é alterado por aquilo que, dos outros, já se acha nele...”(1998,P110) Os Caretas lutam, recriando suas ações, dando fôlego à sua prática, enfim, a briga encontra-se em pleno andamento. Assim como a de todos nós que, a exemplo, dos “Brincantes” de Jardim, temos que reinventar nossas práticas cotidianas.



“A CIDADE E O NOME”- JARDIM

“Não se olha de frente nem o sol nem a morte, diz o ditado. Exatamente o sol e morte se confundem e sabemos que em determinados momentos os homens tentam enfrentar uma “coisa indefinida” que não se confunde, de modo algum, com o “não ser” ou o “nada” dos filósofos. Aquilo que se denomina a festa, corresponde, sem dúvida, a esta “subversão exaltante”. (Duvignaud, 1983,p31)

1

Tomo a estrada em direção àqueles que fazem na prática o tema que escolhi para centrar minha pesquisa, a “Festa dos Caretas”, no município de Jardim.

Percurso longo esse de Fortaleza até eles. Desde o Terminal Rodoviário João Tomé em Fortaleza (sempre à noite), parando em Barbalha, pegando um carro de frete, ou indo de carona, de Juazeiro, com Gilmar de Carvalho .

As expectativas? Não poderia ser de outra maneira, são muitas. Em relação ao encontro com os Caretas, às conversas que teremos. Como vão me receber? Quais minhas impressões? As impressões deles para comigo?

Enquanto não chego a cabeça fervilha mas o objetivo foi traçado, entrevistar pessoas que fazem a festa/brincadeira, os Caretas, os organizadores, observadores, aqueles que gostam e aqueles que não dão tanto valor assim.

Também tenho como objetivo o de sentir, observar de perto os processos de preparação dos momentos que antecedem à queda do Judas. Como o município, as pessoas se preparam? Quem são os Caretas? E como os Caretas e o município funcionam durante a festividade? Estamos chegando!!!

Jardim é uma cidade que se vê de cima de uma chapada, Chapada do Araripe, cuja altitude varia de 500 a 700 metros. Cidade vizinha ao Estado de Pernambuco, sul do Ceará, a cerca de 600 km de Fortaleza.

Fica em meio ao verde e de uma névoa acompanhada de um vento frio, que, entre os meses de maio e julho, intensificam-se, e, neste período, faz esquecer àqueles que aventuram-se até lá, que há pouco, na verdade, há menos de uma hora, uma hora e meia deixaram para trás o calor de “Barbalha dos Penitentes” e do “Juazeiro do Padre Cícero”.

Jardim é diferente!

Dizem os geógrafos que os ventos úmidos e o orvalho são os principais determinantes para existência dessa floresta que avistamos e sentimos na pele através da janela do veículo.

A cidade não poderia ter nome mais apropriado.

Segundo contam, nasceu da exclamação, “- É um Jardim!”, dita pelo responsável pelas primeiras missões religiosas na região, no século XVIII, pelo frade capuchinho João Bandeira Melo, que com a beleza do vale e da floresta teria ficado estupefato.

Floresta, cujas espécies vegetais e animais, falam os ambientalistas e moradores da região, existem bem menos que na época que habitava o Araripe, a nação “Kariri”.

Destes antigos habitantes da Chapada, herdou-se o nome da região, Kariri, “em Tupi, significa tristonho, calado expressão que corresponderia ao julgamento destes índios pelos colonizadores portugueses”, (Leitão,199,p190) colonizadores chegados á região já no século XVII, procedentes do Estado de Pernambuco.

O desmatamento histórico da floresta do Araripe bem como a ausência de aterro para o lixo jogado na mata vem gerando o desaparecimento de suas nascentes de água que já foram mais de trezentas, hoje mal chegam a cinqüenta e quatro.

Mesmo assim, ainda é possível ver espécies da mata nativa como os jatobás, visgueiros e pau d’ óleo, ou adentrando a mata, araçás, araticuns e muricis.

Nos meses de fevereiro e março, principalmente, com chegada das chuvas, o “canafisto” amarelo contrasta com o verde da mata, enfeitando a paisagem circundante da estrada que nos leva a Jardim.

Na parte agreste da serra, aparecem os pequizeiros, são eles uma festa para seus coletores, vendedores e consumidores.

Uma pausa na viagem.

O fruto do pequi é bastante apreciado na região. Utilizado como tempero e “mistura” no feijão, considerado também excelente óleo comestível. Sua coleta ocorre entre os meses de fevereiro e abril, ajudando a melhorar o orçamento familiar de pequenos agricultores de Cacimbas (15km da Sede de Jardim), localidade de Jardim.

Os processos de coleta, tratamento, venda e degustação do vegetal podem ser apreciados por aqueles que rumam ao município para participar da “Festa dos Caretas”, já que a safra do pequi coincide com o período da brincadeira. Bem como os seus coletores-vendedores integram, de uma forma ou de outra, a “Festa /Brincadeira” os Caretas no município.

Quem passa pela estrada pode parar e comprar o produto em bancas, à beira da pista, pode andar pelo acampamento montado por eles especificamente para abrigar suas famílias por um período de não menos que dois meses.

Quem pára, vê um núcleo de quinze cabanas extremamente higienizadas, com suas entradas em direção contrária à estrada, feitas a partir de estacas de árvores, cobertas por palhas de coqueiros e plásticos pretos, daqueles que se usam para colocar lixo.

No acampamento, perguntei a uma moça, de mais ou menos 25 anos, que encontrava-se ao lado de uma barraca à beira da estrada, aguardando os compradores para seus pequis, se alguém lá no acampamento brincava de Careta.

Ela sorriu, e, afirmativamente, respondeu à minha indagação, acrescentando que as pessoas brincavam bem mais lá mesmo na localidade de Cacimbas. Mas, naquele ano, talvez não brincassem, pois, o responsável, o

organizador da festa, o “vereador Manoel”² tinha viajado, e eles não tinham “tirado” a autorização para brincarem.

Um menino, de mais ou menos 11 anos, que acorrera em nossa direção, devido à curiosidade e ouvia a conversa, apressou-se em corrigir a moça, dizendo que algumas pessoas brincavam mesmo sem organização, ou seja, sem a autorização. Era só ir lá em Cacimbas à noite, horário da brincadeira.

Pedi ao menino nomes de “Brincantes”³, ele falou que conversasse com seu pai para que o mesmo confirmasse a informação. E saiu em disparada a procurá-lo.

Enquanto esperava, fui observar o trabalho de duas mulheres e um homem sentados no chão, ao fundo do acampamento, tirando a casca do pequi. Puxei conversa e o homem falou, orgulhoso e sem embaraço, do trabalho com o pequi, da concorrência na coleta e venda do produto.

Mostrou-me o óleo produzido do pequi. E da sua idéia de guardá-lo até o mês de agosto, quando não haveria mais o óleo em abundância, e ele poderia vender o seu mais caro, dando-lhe a possibilidade com o dinheiro de concluir o negócio da compra de uma moto.

Usou da máxima do óleo produzido por ele ser o melhor da região, levando-me à sua barraca para que eu comprovasse, com uma boa olhada, a qualidade do produto. E, eu, que nada sei de óleo de pequi, concordei com ele através de uma expressão com a boca e balanço de cabeça em uma afirmativa convincente, acho.

2

A parada no acampamento e a conversa com as pessoas naquele local lembraram reflexões de trabalhos como, “Geopolítica e Biodiversidade” de Sarita Albagli, em particular no que se refere à relação entre as pessoas e o ambiente da floresta, no nosso caso, de Chapada, cabendo a afirmativa abaixo transcrita em que Albagli coloca:

² Manoel Galdino é vereador em Jardim e mora na localidade de Cacimbas.

“...o papel positivo que populações nativas e locais...comunidades tradicionais... têm desempenhado na conservação e no uso sustentável de espécies florestais...No entanto, a conversão e degradação das florestas têm sido acompanhadas da degradação dessas comunidades, de suas práticas e de seus conhecimentos. Ou seja, à perda de biodiversidade tem também correspondido uma significativa perda de diversidade sociocultural.”(Albagi, 1999, P66)

Ou seja, a defesa da mata passando também pela defesa da manutenção de formas de viver de grupos de seres humanos próximos a ela, floresta, principalmente, daqueles grupos que vivem dela e/ou nela.

As pessoas que coletam o pequi pertencem a grupos de agricultores que sempre conviveram com técnicas tradicionais de lidar com a terra, inclusive o da coleta do pequi na floresta, mas são ao mesmo tempo um grupo que sofre pressões dos mecanismos econômicos para abandonarem seus locais de origem, em busca de uma “sorte” melhor, em constantes idas e voltas.

Atores que, nesta gangorra, acabam tendo o sentimento de pertença ao seu local de origem quebrado, bem como têm desarticulados seus saberes, tanto em relação ao tratamento com a mata, como em relação a outros saberes, como os culturais.

A floresta, além de perder aliados na sua preservação, acaba por ganhar mais agentes destruidores. E a festa, igualmente, como vamos percebendo nas conversas com os Brincantes, vai perdendo parte de sua força também. Pelo menos no que diz respeito ao local, já que não sei se os costumes são levados para o destino destas pessoas. Creio que não.

Diante de perguntas que fui fazendo os Caretas responderam que só brincam quando em estão em Jardim. Como resultado desta gangorra, de idas e voltas, muitos agentes da festa acabam por não retornarem aos seus locais de origem, deixando de passar sua aprendizagem no que se refere à brincadeira às novas gerações.

E, se o Brasil é megacampeão em biodiversidade, tanto em espécies animais e vegetais como em microorganismos, não fica atrás quanto à diversidade cultural ou “diversidade sociocultural” termo utilizado por Albagli.

³ Nome dado pelas pessoas àqueles que se trajam de Careta no período da Festa.

Acredito poder pensar a “Festa dos Caretas” menos como uma forma de diversão, em espaço aberto e público, e mais dentro de esquemas de saberes ligados a modos particulares de manifestar cultura dos habitantes do município. Uma manifestação cultural que traz revelações comparada ao que Burke define como cultura: “...um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas em que eles são expressos ou encarnados...” (Burke, 1999, p25)

Pensando a “Festa dos Caretas” como aliança entre homens, espaço físico e como operam, articulam simbolicamente as pessoas nesta aliança, podemos perceber o sentimento de pertença que faz dos Caretas um grupo cultural-social particular e importante.

E ainda, os Caretas, ligando-se a essa diversidade cultural mais ampla, a brasileira. Particular e geral ao mesmo tempo!

“Em comum com as grandes tradições de outros continentes, nossa cena popular tradicional apresenta não apenas uma cosmologia alicerçada no chamado pensamento mágico...Em sua linguagem podemos observar manifestações características do universo mítico, como a concepção sagrada do espaço, o animismo.” (Barroso,2001,p33)

Oswald Barroso nos revela no trecho acima, algo de “universal” na forma como as pessoas podem organizar suas vidas, quando alicerçadas no pensamento tradicional. Pensamento tradicional que tem, como via de aprendizagem, o dia-a-dia das pessoas, perfeitamente observado em manifestações culturais executadas por elas.

Seja nas ruas das cidades com os gritos dos vendedores ambulantes ou em apresentações mais elaboradas como no teatro (de rua nas) praças públicas. Em uma aprendizagem que é dada pela observação e imitação daqueles que são referências para aquele que aprende.

E, com certeza, nos seus fazeres resiste o mítico e a ligação estreita entre suas produções e o meio natural em que vivem. Demonstrada, por exemplo, na busca de assemelhar-se a animais admirados ou temidos, ou a figuras existentes apenas na imaginação. Alguns parecem vir da própria mata, cobertos de folhas, e mascaradas com quenga de coco.

“A Festa dos Caretas” não foge às características apontadas por Barroso, mas tanto quanto em outras formulações culturais de outros grupos e pessoas, os Caretas dão a sua manifestação características ímpares.

“A Festa dos Caretas” faz parte deste cenário analisado por Barroso da tradição oral. Soma-se a outras formas de linguagens culturais tradicionais, como a Literatura de cordel; os emboladores; os cantadores; o auto do Congo; as folias de reis; as lapinhas; o maneiro pau; o teatro de mamulengos; o teatro de rua, os vendedores de feiras como os camelôs; o imaginário dos trabalhos a partir da madeira, do barro e da renda, enfim de uma infinidade de manifestações, ricas e presentes, permanentemente construídas e reconstruídas ao longo dos tempos.

Os “Brincantes”, fazem o jogo, entre o acervo que cada Careta possui e suas re-elaborações de significados. Acervo, resultado de experiências contadas, vividas por cada elemento do grupo. Assim, ocorre a relação do Careta com a Festa e o espaço em que ela, a Festa, transcorre.

O Careta de Jardim seleciona o que vai utilizar do repertório cultural que possui. O risco de ver suprimidas tais formas de realização não ocorre dentro desse processo dialético da própria cultura dos grupos que a realizam. Os Caretas estão sempre em processo.

Dificuldades surgem, quando vemos as pessoas na tal gangorra imposta pela luta da sobrevivência, afastando-as do seu meio e das condições particulares em que vivem e processam o repertório (onde acontece) da Festa.

Mas, para o historiador, do ponto de vista da interpretação, talvez a questão seja mesmo a tal dificuldade, ou seja, perceber como tais grupos dão encaminhamento a suas ações apesar das dificuldades, e mesmo como adaptam-se, enfrentam direta ou indiretamente tais dificuldades.

Eis a problemática a ser discutida no trabalho! E a reforço com a afirmativa de E.P Thompson no artigo, “Folclore, Antropologia e História Social”, sobre a pesquisa em História:

“...la historia es la disciplina del contexto y del proceso: todo significado es un significado-en-contexto, y cuando as estructuras cambiam las

formas antiguas pueden expresar funciones nuevas y las funciones antiguas pueden encontrar su expresión en formas nuevas. (Thompson, 2002, P65)

3

Enquanto conversava com o senhor do óleo de pequi, as duas mulheres, de cócoras, trabalhavam concentradas. Com desenvoltura, arremessavam facas de ponta sete polegadas contra os pequis, na parte do meio promovendo um corte certo, por onde saiam os caroços de uma puxada só. Imediatamente, os caroços carregados com a parte aproveitada do vegetal eram jogados por eles em uma bacia grande que permanecia ao lado de uma das mulheres.

Perguntei-lhes pela “Festa dos Caretas”. E, sempre sorridentes, disseram-me que não ali, mas em Cacimbas as pessoas se trajavam, principalmente, as crianças.

O senhor disse que o filho dele de 12 anos, que naquele momento encontrava-se na escola, já tinha pedido para brincar, e ele estava sem dinheiro para comprar a “mascara”, mas que tinha autorizado a compra na bodega da localidade para pagar depois. “Meu filho disse que vai brincar de Careta ou em Cacimbas, ou em Jardim mesmo.”

Reparo que o homem fala em compra da máscara e não em confecção da mesma por ele ou pela criança, sinto-me como o príncipe invasor do reino de Hamlet, ao se deparar com os corpos do rei usurpador, da rainha e do próprio Hamlet, todos mortos, e diz: “Há algo de podre no reino da Dinamarca!” Algo se modifica na festa.

Mas o príncipe invasor carece de julgamento prévio, senta-se e pergunta, escuta daqueles que participaram dos eventos, o sucedido. A exemplo dele aguardo as conversas com os narradores que fazem a festa.

A criança que havia nos deixado no primeiro momento em busca de seu pai retornou com ele, o senhor desculpou-se pela demora, ocupava-se com a venda do pequi na outra extremidade do acampamento.

Nos disse que não brincava Careta (desde criança), confirmou a informação que em Cacimbas as pessoas vestiam o traje e brincavam, principalmente os pequenos. Acertamos que em um momento da viagem eu iria fazer uma visita à localidade de Cacimbas.

Logo nesta primeira parada rumo à Festa, ao se perguntar sobre os Caretas, percebe-se a importância das crianças na festividade, que fazem questão de colocar suas máscaras, incentivadas pelos mais velhos.

Continuamos nossa viagem.

Na subida, é permitido distinguir, no meio da vegetação de árvores de caules retilíneos, antigos engenhos de rapadura que fizeram a riqueza da região no século XIX.

Olho de cima da Chapada.

Vejo, lá no meio do descampado, a Cidade, e faço conjecturas, busco não a cidade no geral, mas a especificidade de uma Jardim, palco da “Festa dos Caretas”.

Busco as associações vinculadas, principalmente, a sentimentos, emoções que se processam nas relações humanas, no espaço da cidade, e do município. E posso apreender um pouco das emoções, sentimentos em relação à Jardim na “Festa dos Caretas” ou na “Brincadeira de Careta.”

Lembro da discussão realizada por Ana Fani A. Carlos (2001) em um de seus trabalhos, quando ela pergunta, “O que é a Cidade?” E responde mais à frente, que cidade não é apenas construção, é mais. É um modo de viver, de pensar e de sentir daqueles que nela moram.

Um sentir que é demonstrado no cotidiano, nas ações dos habitantes, em dados espaços da cidade. Observando tais modos cotidianos pode-se perceber a cidade como uma obra com sujeito.

O território do município, em uma pesquisa na área de história, não pode ser apenas uma porção do espaço geográfico, uma base administrativa, são suas relações sociais e políticas. São as correlações de força, as apropriações de determinadas porções do espaço pelos grupos sociais.

No nosso caso, são apropriações de espaços realizadas pelos grupos de Caretas e vistas pelos itinerários de suas caminhadas, passeatas, dispersões e exclusões.

Na verdade, procura-se “o Jardim” que tem como peculiar “a Festa dos Caretas”. Jardim escolheu os Caretas como própria exibição de modos de ser, de perceber a si mesma.

A cidade, o município como um todo, escolheu-a para deixar claro sua peculiaridade em relação a outros. Exibindo-se, em trajetos improvisados e também pré-determinados, durante um certo período do ano.

Chegando a Jardim o encanto e a curiosidade pelo lugar só crescem. A Cidade parece querer o tempo todo contar-nos algo, nos segredar coisas.

Talvez, sejam as poucas fachadas de outrora, lembrando-nos a antigüidade do local, como vestígios dos tempos coloniais.

A sede de Jardim é espacialmente pequena, percorrida a pé não mais que em uma hora, sem dificuldades. Aparentemente calma, bem definida por uma pesquisadora holandesa; “Fechando os olhos e abrindo-os rapidamente, sinto-me numa cidadezinha portuguesa”. Ruas, ladeiras e becos obedecem à topografia da região de chapada, pavimentadas por paralelepípedos cinza claro.

Calmaria, quebrada nos dias de feira, aos sábados.

Nesses dias, os habitantes das localidades vêm para a sede da cidade, especificamente para a Praça Barbosa de Freitas e ruas paralelas como a Leonel Alencar, Padre Miguel Coelho, Romão Sampaio, Francisco Alvin e Francisco Acilon para comercializar produtos diversos.

São ruas que, na “Semana Santa”, abrigam as caminhadas, as passeatas dos Caretas. São também parte do trajeto das procissões dos católicos no mesmo período. Como “o movimento escondido” da definição de A. F. Fani: “Dependendo da hora do dia, ou do dia da semana, a observação de um determinado lugar vai mostrar um determinado momento do cotidiano da vida das pessoas que aí moram, trabalham e se locomovem.” (2001,p39)

Na feira são vendidos produtos tais como: painéis de alumínio, vassouras, roupas, frutas, verduras, utensílios de barro. Mercadorias expostas em

barracas, caixotes ou mesmo em cima de plásticos no chão, têm suas qualidades anunciadas aos gritos, por seus vendedores.

Os bares são lotados. Caixas de sons velhas tocam músicas que são difíceis, para mim, identificar melodia e letra, mas são bem apreciadas por grupos de homens que, bebericando, colocam assuntos em dia. E, o que pareceu, não incomodam, donas de casa na seleção dos produtos, que por elas serão levados para as casas.

Somam aos gritos dos vendedores e à música nos bares, os sons de vozes em conversas amistosas, nas pontas das ruas, e vozes de locutores, em carros-de-som. Um deles, anunciando as ofertas do dia e o bingo de mais tarde, um outro em um carro de som ⁴menor conclamando, aos de bom coração, a ajudar uma mulher vítima de erro médico.

A mulher no carro é mais uma atração na feira. Dentro do veículo, ela levanta um lençol branco que a cobre, para mostrar aos transeuntes curiosos a ferida na barriga tão necessitada de remédios para ser curada, confirmando, assim, a narração do homem ao microfone .

Afirmaria que as feiras de todos os lugares são parecidas. E a de Barra de Jardim seria apenas um pouco menor. Podia Lembrar do artigo de Ana Lúcia Morales (2001) sobre a Feira de S. Cristóvão, no Rio de Janeiro, e ficar constrangida devido à grandiosidade daquela feira, descrita pela antropóloga.

Podia pensar em outras feiras, de outros locais. Próximas como a da vizinha Crato, famosa na região. Ou feiras distantes como as feiras do Oriente. Mas tudo seria apenas um exercício de imaginação, e pouco nos diria das pessoas de Jardim.

Penso ser errôneo comparar um lugar que não com o próprio lugar. Assim, apesar da feira do centro de Jardim se assemelhar a tantas outras, de tantos outros lugares, ela é única, pois são únicos aqueles que a fazem. Assim como são “únicos” os Caretas que brincam e festejam na “Semana Santa” no município.

⁴ Em todas as visitas ao município presenciei a mesma cena com diferentes protagonizadas pessoas diferentes.

E, tendo a festa sempre no pensamento, não dar para não supor, enquanto passeio entre as barracas da feira, que seria possível identificar apenas com o olhar, quem mais à noite, ou mesmo quem um dia se vestiu de Careta e “foi pôr fogo no mundo”. Sorrio discretamente.

Continuo a caminhar pelo centro de Jardim.

4

Ítalo Calvino escreveu em uma crônica “a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar “visitando-a”,⁵ não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.” (Calvino,2000,p18)

A forma como a cidade se define mostra quem são aqueles que a definem, mas não conseguem abranger todos os modos de pensar e de fazer da cidade, algo fica submerso.

Para não repetir apenas o que “o Jardim” (como é chamada a sede pelos seus habitantes e o pessoal das localidades) quer que se pense sobre ele, é preciso ir ao encontro de outras formas de definição além daquele exposto nas placas das esquinas das ruas, ou das construções que nos aparecem.

É necessário ir além. Além das impressões sobre o espaço e seu uso pelos seus moradores. Aprofundar ou destruir as primeiras impressões em conversas com os moradores.

Os Caretas são peculiares em Jardim, não por que só ocorram lá, pode-se ver ou ficar sabendo de outros Caretas, tanto na região do Cariri como em outros lugares do litoral cearense, quando são chamados de “Papangus”. Mas é em Jardim que percebo uma vontade, tanto particular como coletiva, de querer para si o título de “Cidade dos Caretas” ou da “Festa dos Caretas”.

Recordo Geertz quando apontava a contribuição da antropologia na construção do conceito de homem. Não escondo a contribuição deste autor no presente trabalho, ele falava, não em peculiaridades, mas em

⁵ O autor diz, “visitando Tamara”.

particularidades: “ pode ser que nas particularidades culturais dos povos – nas suas esquisitices – sejam encontradas algumas das revelações mais instrutivas sobre o que é ser genericamente humano.” (Geertz,2000,p550)

A Festa, os Caretas uma “particularidade”, “uma esquisitice” de uma área de pesquisa que vamos delimitar como pertencente à da cultura. E Imaginar a cultura como um campo de estudo onde se percebe definições, relações, invenções que cabem melhor para aqueles que a utilizam.

E ainda imaginar a cultura como um campo de luta onde pode-se vê o que fica melhor, mais correto, mais apropriado para cada época, e de como pessoas de épocas posteriores vão reagir ao que foi dito pela geração anterior.

Ainda Geertz, na “Interpretação das Culturas”(2000), alerta quanto ao perigo de duas tendências apresentadas por certos estudos na área da cultura. A primeira que pensa o homem enquanto dono de uma essência universal e constante, pouco suscetível ao meio cultural; outra em que o homem é resultado puro da cultura geral na qual nasceu e criou-se.

Falar dos Caretas e já, desde o início do texto, pincelando as palavras “Festa” e “Brincadeira”, é uma tentativa de não enclausurar em nenhuma das tendências apontas pelo autor acima.

Devo aprofundar, no segundo capítulo, o uso pelos “Brincantes” dos termos “festa” e “brincadeira”. Agora, devo dizer, tive a preocupação, desde que iniciei a pesquisa, de buscar não uma idéia geral e definidora dos Caretas mas de perceber diferenças, conflitos, usos diferenciados realizados por eles a partir das diversas visões sobre a Festa.

E foi, seguindo esse caminho, que necessitei visitar localidades fora da sede do município atrás de perspectivas diferentes sobre o tema.

Falar da cidade e dos Caretas é falar de diferenças, de diversidade. É bem mais, quando ampliamos a reflexão para o município, com as localidades mais pobres e menos preparadas infraestruturalmente que a Sede.

Pode-se falar não em cultura, mas em culturas, de visões prontas a serem re-atualizadas a cada ano na Festa/Brincadeira, por cada Brincante e, ao mesmo tempo, pelo conjunto deles.

Sendo o espaço da sede escolhido para reflexão de seus moradores, através da festividade, seja o adotando como “palco” das suas performances ou o rejeitando-o como ideal para brincar.

Pois, ainda na esteira do pensar de Fani(2001) o espaço é humanizado, não por que seja habitado, mas por ser produzido pelas pessoas, e as suas produções se diversificam de acordo com seus modos de vida, de luta e de sobrevivência.

Se os moradores se personificam em monstros, em seres fantásticos, Jardim não fica atrás, segue na “Semana Santa” a onda e vira também uma Personagem! O município não é cenário, mas uma personagem mascarada, cujo primeiro sinal da sua transformação é dado pelo barulho do chocalho e pelas máscaras das crianças.

É preciso ficar atento(a) quando caminhamos pela sede. Não esquecer que os espaços públicos da Jardim hoje utilizados, sejam para a feira, para as procissões da igreja católica ou para as passeatas da “Festa dos Caretas”, e claro, para o cotidiano dos cidadãos, são também referências de outros tempos.

Tempos, por exemplo, da capela de taipa de nome “Nosso Senhor dos Aflitos”, atual Igreja de Santo Antônio; das primeiras casas do vilarejo, denominado “*Barra do Jardim*” e das primeiras missões religiosas do século XVIII.

Hoje vistos como espaços consolidados por placas com nomes e sobrenomes, carregados de certa estabilidade e de aparente eternidade.

Uma cidade é formada pelos espaços naturais e sociais ambos construções em construções, mesmo que os registros físicos como as fachadas mais antigas ou praças com nomes daqueles que já se foram nos digam que a unidade se fez e portanto deve ser conservada no presente. Mesmo que, no cotidiano, os usos dados aos espaços tenham uma unanimidade e certa regulação por parte dos usuários.

* Referência ao romance de M. Kundera, “A Inimitável Leveza do Ser.”

E quando penso em cotidiano recorro a De Certeau, “O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia, nos oprime...Todo dia, pela manhã aquilo que assumimos...é o peso da vida...o que nos prende intimamente, a partir do interior.” (De Certeau,2000,p123)

Em princípio, a Festa contrapõem-se ao cotidiano, parece romper com o dia- a –dia, mas ela é cíclica, feita pelo município de Jardim todo ano, em data pré-estabelecida.

Insera-se no cotidiano do lugar. É portanto, duvidosa! Rompe e mantém, ao mesmo tempo, o cotidiano da sede e das localidades do município. Desrespeita as regras do dia- a –dia, modificando-as em um período, dado a seu favor para acabar obedecendo a mesma ordem local.

Mas a Festa não é um peso no sentido de De Certeau!? A festa prende, intimamente, todos que se ligam a ela de alguma forma, como uma âncora. Mas ela não oprime ou restringe aqueles que dela participam, ao contrário, à sentido de liberdade, tanto para os participantes como para os meros espectadores.

Seu peso tem caráter dúbio: liberta e prende ao mesmo tempo. Libertar porque a máscara e o traje permitem ao “Brincante” proceder diferente do seu “eu” costumeiro. Ao mesmo tempo prende-se, o ser Careta, a “normas” do que se é estabelecido como sendo “correto” ao modo de ser Careta.

Normas nem todas elaboradas pelos Caretas, mas por agentes representando poderes públicos da Cidade. Libertar ou perder? Parece apresentar um problema filosófico ou de um romance⁶, em que o autor, a partir das personalidades de suas personagens, discute filosoficamente, o que, no dia- a – dia, pode ser positivo ou negativo: o peso ou a leveza?

Ou simplesmente (que de simples não tem nada) os Caretas parecem realizar algo que, em muito, lembra a análise do filósofo alemão Nietzsche em “O Nascimento da Tragédia”(1993)

Ao andar pelas ruas, becos da sede e caminhos entre as plantações nos sítios e serras do município, estão em estado de “propensão

⁶ Referência ao romance de M. Kundera, “A Insustentável Leveza do Ser.”

filosófica”, em que sob a realidade, na qual se vive se encontra oculta uma outra, inteiramente diversa, que portanto também é aparência.

Os Caretas, quando mascarados, quem sabe, não consigam em relances geniais, demonstrar a descoberta do que é o “sentido da vida”, que é torná-la possível de ser vivida.

5

Os espaços são testemunhas de polêmicas. E, é aprendendo a linguagem pelos quais eles transmitem a mensagem, que se pode enxergar o embate, como entre Republicanos e Monarquistas, no século XIX. Polêmica atualizada, de forma surpreendente, em conversa com os motoristas de lotação na praça da matriz.

Inquiridos sobre suas impressões sobre a cidade apontam para Igreja Matriz de Santo Antônio, padroeiro da cidade desde dos tempos de sua elevação à Vila, em 30 de agosto de 1814, e dizem quase em sussurros, não saberem ser verdade ou não; mas conta o povo, que houve um crime de padre na igreja.

Um padre, teria sido cortado, esquartejado. O motivo?

Incomodar às elites locais. Um dos motoristas comenta franzindo a testa e coçando o queixo, “*Que povo é esse que mata um padre ?!*”

Referem-se ao assassinato, em 1824, do padre Estêvão José da Porciúncula, morto quando celebrava a missa. Esquartejado, o padre Estêvão teve seus restos mortais expostos em via pública à moda Tiradentes.

O Padre Estêvão era republicano e abolicionista e parece que suas missas não eram só para pregar a fé, mas, também, mudanças sociais.

Os mesmos motoristas comentam, mais adiante, quando peço mais referências da cidade, sobre a entrada triunfante de Pinto Madeira em Jardim

⁵ Revolução do Pinto, ocorreu entre os anos de 1831 e 1832, entre o Coronel do Crato (liberais) e os de Jardim (absolutistas). Lutaram pelo domínio da região. Os conservadores brigaram ainda pela volta do monarca D. Pedro I. Pinto Madeira defensor das forças absolutistas acabou preso e fuzilado no Crato.

no ano de 1831 (estufam o peito para falarem do caso) da “magnânima” participação dos cidadãos locais na “Revolução do Pinto”.⁷

Não ocorreu a nenhum deles que Pinto Madeira, monarquista, e o Padre Estevão, republicano, pertenceram a períodos próximos e ligados a conflitos da mesma ordem política.

Importante verificar nestas falas como, de forma diferente, as memórias das pessoas acomodam os dois acontecimentos.

O crime do padre transparece na comunicação como podendo ter acontecido há poucos meses de nós, atualizando a luta dos menos favorecidos contra os mais favorecidos. As pessoas usam a expressão “elite”, para encontrar culpados e lamentar a morte trágica do religioso que defenderia, na opinião deles, a posição dos mais fracos.

Já o acontecimento envolvendo a figura de Pinto Madeira encontra-se localizado no passado, como elemento distintivo da coragem e do caráter dos moradores em defenderem as causas da nação.

Mas, ao mesmo tempo, a “Revolução do Pinto” atualiza-se , em decorrência da evolutiva decadência econômica e, conseqüentemente, da perda de espaços políticos da cidade em relação à política estadual.

Perdas históricas contabilizadas na conta dos atuais dirigentes políticos ou como são tratados nas conversas de populares, a elite, entendida como aqueles que detêm o poder político e econômico da Cidade.

Paira no ar uma sensação de traição da “nação” em relação aos jardinenses mais dignos, (aqueles que acompanharam a “magnânima” luta monarquista de Pinto Madeira), sendo sua elite co-participante na aceitação das más condições impostas ao município rico, no que concerne à natureza e às manifestações culturais de um povo bom e valente.

Os jardinenses, ficando mais pobres, não encontrando trabalho nem para aqueles mais preparados, do ponto de vista educacional, nem para os

⁷ Revolução do Pinto, ocorreu entre os anos de 1831 e 1832, entre o Coronéis do Crato(liberais) e os de Jardim(absolutistas). Lutaram pelo domínio da região. Os conservadores brigavam ainda pela volta do monarca D. Pedro I. Pinto Madeira defensor das forças absolutistas acabou preso e fuzilado no Crato.

lavradores que não têm terra para plantar, e nem mercado para consumir o que colhem, migram para outras cidades, ou acabam por aderir à única programação local, diária: o das conversas em torno da mesa e da bebida alcoólica.

Na Cidade, a visão dos bares com pessoas consumindo aguardente ou o convite de visita aos sítios particulares para eventos festivos com dança e a bebida são comuns e, no período da "Semana Santa", por ser "Santa", o vinho soma-se ao cardápio dos moradores.

Por vezes, tive que adiar entrevistas, devido ao fato do entrevistado não se encontrar em condições de conversar em decorrência do consumo excessivo de álcool.

A história do município, lida nos nomes de ruas e fachadas de prédios resistentes ao tempo, pertence a todos os nascidos no local, com suas glórias e desafetos e leva a uma reflexão que, em muito, lembra as palavras de E. Hobsbawm, em entrevista ao jornalista italiano Antônio Polito, "Povos...Por algum motivo...do ponto de vista da psicologia social...orgulham-se de uma longa história...uma velhice venerável satisfaz a necessidade de permanência e o direito de precedência em relação a outros" (Hobsbawm,2000,p37)

Nos discursos dos moradores encontra-se algo que o desenho da cidade ou movimento do cotidiano não nos faz perceber de imediato. Nas falas dos entrevistados são mencionadas divisões que desmentem o que, à primeira vista, parece representar uma unidade de pensamento e de comportamento.

Não que as divisões e divergências não estivessem ali, na organização espacial, e no seu uso pelos moradores, mas, ao conversar com as pessoas podemos observar com mais atenção o desenho da cidade mais os processos da Festa/Brincadeira enriquecendo nosso próprio discurso.

Na primeira viagem a Jardim (2001) como pesquisadora da "Festa dos Caretas" busquei seguir um caminho de viajante, de "estrangeira" obedecendo o trajeto de viagem que havia tomado até ali, quando encontrei-me com os "Brincantes". Foi uma escolha. Poderia ter feito outra, em meio a uma variedades delas como, de conversar com só com os Caretas mais velhos, ou só com os Caretas da Sede ou das localidades, só com Caretas mulheres. Enfim os caminhos são muitos.

Conversei, de início, com as pessoas indicadas como referências da Festa na sede, a primeira dessas pessoas, que acabou a levar-me a outras, tanto na sede como em outras localidades, foi Luís Lemos.

Homem alto, de pele clara e voz macia, artista plástico, usa de seu talento para valorar ainda mais a Festa. Por várias ocasiões recebeu-me para conversar na sede da Secretaria de Cultura e Desportos, da qual é titular, em uma dessas ocasiões, ao ser perguntado qual a sua participação na Festa, respondeu:

“Eu participo ativamente há mais de 17 anos, como escultor da imagem do Judas e como incentivador do evento. Hoje, a responsabilidade tornou-se maior porque assumi a Secretaria de Cultura e Desportos. É um desafio, é claro. A luta é infinita, na busca de melhorias para o evento, haja vista a dificuldade do meio. Um município pobre, onde a escassez de recursos destinados à cultura se torna cada vez mais difícil, mas eu acredito que enquanto houver força de vontade da comunidade, das autoridades em si, esse evento vai se estender por longas datas.”

Luís Lemos, na sua fala de apresentação, nos diz muito, como Secretário municipal, fala na perspectiva do apoio do poder público à Festa. Que, mesmo não tendo recursos suficientes para todos os setores da administração, guarda um pouco para a festividade todos os anos.

Quis saber dele, de antemão, a sua opinião sobre relação da Cidade com a Festa e respondeu-me, assim:

“...demonstração clara e objetiva que a cultura não parou em Jardim, ela tá continuando, corre nas veias. O sangue corre nas veias, o sangue cultural da comunidade de Jardim. O que se espera com isso...Eu digo como Secretário de Cultura e também como participante ativo da “Festa dos Caretas”: - que se busque o máximo conservar esse evento.” (Luís Lemos)

A Festa para o escultor, secretário e organizador do “evento” como ele mesmo se coloca, é a prova de vida da cidade, como um todo, e quando diz “não parou” apresenta a Festa como um elemento antigo da Cidade, que merece ser mantida.

Mantida! O Secretário não esquece de citar uma certa necessidade de guardar a Festa, conservá-la para ela não chegar ao fim. Algo atrapalha o seu desenvolvimento ou melhor a sua manutenção.

A Festa aparece, ainda na fala do artista plástico, como item cultural do município comparada ao sangue elemento central a vida dos vertebrados. Nesta relação, a Festa torna-se elemento vital ao funcionamento da cidade, como um organismo vivo.

Jardim não parece simples cenário ou palco para os Caretas na visão de Luís Lemos, mas que, com os Caretas, o lugar acaba também transfigurando-se em personagem. Jardim coloca uma máscara na "Semana Santa" e apresenta-se, a si mesma e aos de fora, de maneira incomum, mas, ao mesmo tempo, como é por dentro, assim como o sangue que corre nas veias e é visto só em momentos especiais.

E é assim que Jardim gosta de ser vista. Ou de não ser vista?! Apresenta uma capacidade de entender o mundo desconstruindo um real para montar um outro real que, por vezes, ofende alguns mas, outras vezes agrada a muitos.

Pensando ainda nas palavras de Lemos, a Festa é vital e deve ser cuidada pelos "responsáveis", se ela se fosse sangue de fato, ele seria um especialista da área da saúde a cuidar dela.

Mas, no caso, ela requer outro tipo de agente para cuidá-la, que aparece na fala de Lemos, como sendo a comunidade e, principalmente, os setores oficiais. Entre os últimos encontram-se a Prefeitura e a Associação dos Caretas de Jardim.

Quanto aos Caretas, propriamente ditos, Luís Lemos disse:

"Há pessoas que passam o ano inteiro, pra se ter idéia, se preparando para que no período da Festa dos Caretas possam expressar, de forma mais dinâmica, o seu pensamento, através da sua criatividade, através digamos assim, de suas máscaras."

Pude constatar nas conversas com Brincantes que a Festa é algo esperado por eles, mas o cuidado de ver com que tipo de traje vai se apresentar no período, é algo dado às vésperas de trajar-se, na “Semana Santa”.

E não algo elaborado com antecedência o ano todo. Não quero dizer que a Festa dos Caretas não seja algo importante e aguardado, ao contrário, ela só não é uma preocupação diária, pois é algo para acontecer, como coisa certa, pelos jardinenses todos os anos.

A observação de alguns, quanto ao marco de comparação entre a melhor festa de cada ano, se dá dentro da pré-condição do inverno, assim se o inverno for bom, tem fartura e os Caretas são mais felizes. O sítio do Judas fica repleto de donativos, deixando a Festa mais animada.

É sintomático que Luís Lemos apresente uma idéia de maior sistematização por parte do Brincante em relação à Festa/Brincadeira, “...se prepara o ano inteiro...” é uma frase conhecida e divulgada pelos meios de comunicação em torno de preparativos de membros de escolas de samba para o carnaval de todos os anos.

Talvez, demonstre intenções subjacentes que devo discutir mais à frente, como a do controle do evento, para criação de produto vendável, do ponto de vista turístico, pelo poder público. E, neste sentido, o apoio da imprensa é fundamental como uma forma dos Brincantes obterem apoio do setor público à festa com promessa desta como um bom produto de consumo.

Ou ainda, Luís Lemos esteja falando não dos Caretas mas da Associação que tem que organizar a Festa, todos os anos, e que, para isso leva seus diretores em busca de patrocínio.

Continuei, em direção às conversas com os agentes diretos da Festa, mas refletindo sobre as palavras de Lemos...E, por ele, percebo a relevância da “Associação dos Karetas de Jardim” na realização da festa, neste momento em que priorizo as entrevistas com os Caretas-organizadores da Festa. Cheguei à Jamilles, outra diretora da Associação, e também “Brincante”.

³ A outra Brincante é Néris Inarai Jels mais à frente.

Jamilles, além de manter a idéia da importância da Associação na organização da festa apresentou-me, assim como mais tarde outra Brincante⁸, reforçando uma nova problemática, a da presença da mulher Careta, na Festa que discuto adiante.

Perguntei a Jamilles qual era a sua participação na Festa:

“...eu sou tesoureira da Associação...Eu faço parte da diretoria. Sou tesoureira. Então desde pequena que eu sempre tive vontade de participar da ‘Festa dos Caretas’, e aí, depois quando que eu trabalhava na Ação Social, começamos a participar assim, como se fôssemos da Prefeitura. Aí me convidaram pela Associação para ser secretária. Inicialmente eu era secretária. Aí depois da renovação da diretoria eu passei a ser tesoureira. Inclusive eu só vim brincar depois que eu fazia parte da diretoria...”

Jamilles que fez faculdade e, atualmente é secretária do Prefeito de Jardim mostra, na sua fala, o caminho já apontado por Luís Lemos, o da aproximação entre os poderes políticos e a Festa da sede do município.

Também a própria Jamilles é marca, assim como Luís Lemos, de uma presença do setor urbano na festa, poderia dizer que, com mais informação e até com mais condições financeiras e poder político na cidade que os das localidades.

Mas não fecho tal observação acima ainda, pois com o andamento da pesquisa percebi que, mesmo nas localidades, os organizadores seguem o padrão de serem àqueles com melhores condições de vida e com nível educacional mais alto. Não ricos, assim, como os da sede, mas em melhores condições de subsistência que a maior parte da população.

Mas os Caretas, na sua maioria, são ainda os trabalhadores pobres e com pouca escolaridade, tanto na sede como nas localidades, até porque o município de Jardim, como muitos outros municípios do Ceará, é bastante pobre, vivendo, basicamente, dos recursos repassados do ICMS e de programas sociais do governo como “Bolsa Escola”.

Mas, apesar de quaisquer diferenças de renda, educação ou comportamento, Jamilles considera que se tornam irrelevantes quando os Caretas

⁸ A outra Brincante é Nélsia falarei dela mais à frente.

estão trajados e, para ela, desaparecem todas as diferenças do cotidiano, nos momentos da brincadeira.

Suas palavras marcam, também, a participação das crianças que, pude constatar mais tarde, constitui parte primordial na personificação da cidade dentro da construção de uma ritualização construída por Caretas e não Caretas.

Tal igualdade está nas palavras da Careta, Jamilles, abaixo transcritas, apresentam de maneira simples, uma universalidade e liberdade, sem preconceitos, dos Brincantes de aceitar todos aqueles que queiram participar da brincadeira: Ela realiza uma construção utópica de um espaço em ação sem barreiras e preconceitos:

“...Porque quando é a Festa dos Caretas ricos, pobres, mulheres, homens todo mundo brinca. E quando você está com aquela máscara todo mundo é igual. Você pode ser pobre, você pode ser rico, você pode ser de alta sociedade. Todo mundo tá lá. Todo mundo tá junto. Todo mundo brinca. Todo mundo...é normal brincar. O Jardim todo brinca. Da criança ao adulto. Não é uma festa que só o pessoal da Associação brinca não. Por exemplo, você tá aqui. Chegou de Fortaleza hoje. Você tá na minha casa. Vamos brincar? Vamos. Aí juntou vamos pra rua brincar de Careta. Pronto. É assim a festa.”

Indaguei a Jamilles se as diferenças sociais, de “status” eram tão relevantes no cotidiano do município, ou se tais diferenças não acabavam sendo formalidades:

“Mas aqui em Jardim tem isso não. Quem é “A” tem que ser “A”. Quem é “B” tem que ser “B”. Quem é “C” tem que ser “C”. Logo a festa tem esse poder de unificar...”

Bakhtin fala das festas de rua na Idade Média e da possibilidade das pessoas se verem igualadas nestes momentos, seja do ponto de vista econômico, social e educacional. E traz:

“...esperança popular num mundo melhor, num regime social e econômico mais justo, numa nova verdade...o lado cômico popular da festa tendia a representar futuro melhor: abundância material, igualdade, liberdade...Ela opunha-se à imobilidade

conservadora, à sua atemporalidade, à imutabilidade do regime e das concepções estabelecidas, punha ênfase na alternância e na renovação, inclusive no plano social e histórico...” (Bakhtin, 1976, p70)

Olha-se, a Festa em Jardim, em pleno século XXI, e vê-se, seu modo cômico de apresentar-se e unificar participações tão divididas no cotidiano da Cidade. A festa servida para esquecer, por algum tempo - o tempo de ficar trajado e mascarado - as diferenças sociais, políticas e econômicas dos “Brincantes”.

Para participar da festa é regra que o Careta tire uma carteira de sócio da Associação, tanto faz que ele seja da sede ou das localidades, mas a Careta, ao falar-me da possibilidade de qualquer um pode participar bastando querer, esquece, por alguns momentos, as regras estabelecidas também por ela. E denuncia a dificuldade de fiscalizar o cumprimento do estabelecido.

Qual a relação do conjunto do município com a Festa? A maioria gosta ou é uma brincadeira de alguns? Jamilles fez a seguinte análise:

“Apesar da gente trabalhar “muuuito” ainda hoje há preconceito em relação à Festa dos Caretas. Você vê como eu vejo que é uma festa cultural. Que é uma festa folclórica. É uma festa??? Hoje em dia a gente tá em pleno século XXI e uma coisa de 30 anos atrás, 40 anos atrás, 50 anos atrás pode ainda existir. Mas as pessoas que moram aqui, muitas delas, não são todas, têm aquele preconceito com a “Festa dos Caretas”. Para algumas a festa não presta. É uma festa...as pessoas não têm aquela visão cultural que a gente tem. Entendeu?”

É, alguns não partilham da utopia dos Caretas. Escapam e não querem sonhar, fato lamentado por uma porção dos Caretas. Já outra porção não lamenta tanto, pois àqueles desgostosos da brincadeira acabam sendo alvo das estripulias destes. Estripulias que serão contadas e recontadas, ano após ano, em meio a risadas.

Continuo minha caminhada rumo as àqueles que querem falar sobre a Festa dos Caretas, sempre acumulando e refletindo, no caminho encontro Nélsia. Agradou-me conversar com ela, tanto pelo fato dela ser diretora da “Associação dos Karetas” e “Brincante”, como também pelo fato de poder apresentar mais um ponto de vista feminino sobre o tema.

Tendo a conversa com Jamilles ocorrido em um sábado pela manhã, pensei poder falar com Nélsia no mesmo dia mas foi-me impossível encontrá-la antes da segunda – feira seguinte, na sede da Secretaria de Cultura e Desportos, onde trabalha, como secretária de Luís Lemos.

Nélsia, assim como Jamilles e Luís Lemos, nasceu ali mesmo em Jardim, além de ser secretária é professora do ensino fundamental na rede pública municipal.

Tem licenciatura em História e, quando estava escolhendo um tema para sua monografia, pensou em fazê-la sobre os Caretas, mas havia desistido devido a uma cobrança sobre o que iria escrever. Lembrou-me que era da cidade, da associação e ainda Careta. Por tudo isso, desistiu.

Moça bonita, mas de olhar meio triste, contundente, mas temerosa, tanto que acabei desligando o gravador, no final de nossa conversa, pois seus olhos não abandonavam o aparelho.

Perguntei a Nélsia sobre sua participação na Festa, ela respondeu: “Eu só participei agora que sou da associação.” Quando já não morava mais com os pais e, mesmo agora, brinca tentando o máximo não ser identificada.

Perguntei se não dava mesmo para ser reconhecida. Ela respondeu que as pessoas desconfiam e até arriscam perguntando mas não podem afirmar:

“- Tu “tava” brincando de Careta, não “tava”?” O pessoal não comenta como a gente se vestiu. Comenta que a gente brincou. Quando eu cheguei em casa eu passei numa rua ali em que a minha irmã mora e minha mãe tava lá. Eu disse:

- Não vou passar por lá. Que minha mãe me conhece.

-“Conhece nada. você tá muito diferente!”

- “Eu sei que a minha mãe vai me conhecer. E aí eu passei pela outra rua. Foi o mesmo aconteceu com minha amiga. O pai dela tava na porta. Ela:

- “Eu tô voltando daqui!”

- Mas no outro dia, por exemplo, as pessoas dizer assim: “Você brincou de Careta, Nélsiiia?”

-“Por quê?”

- “Tu brincoou!!!”

Aí se fosse uma pessoa muito amiga eu dizia:

- "Brinquei. Mas não diga a minha mãe não." Porque ela disse assim:
- "Nélsia onde tu vai?"
 - "Mainha, eu vou pra casa do Judas." Porque a gente chama de casa do Judas a sede da Associação. Porque depois que eu tô trabalhando na Secretaria de Cultura me envolvi diretamente com isso.
 - "Vai brincar de Careta?"
 - "Por quê?"
 - "Nélsia não vai brincar de careta não!"
 - "Tá bom." E aí se ela tivesse visto eu brincar ela teria ficado brava mesmo. Porque não é coisa que se deva fazer.

O motivo do não reconhecimento faz parte da própria razão de ser da brincadeira, tanto para Nélsia, como para qualquer outro Careta. Mas no caso de Nélsia e outras moças "Brincantes" soma-se o motivo de serem mulheres. Carregando o sentimento de não alegria, por parte de seus pais, em não quererem suas filhas tornando-se Caretas.

O homem também não deve ser reconhecido, quando está trajado, mas depois, em conversas, não se importa em dizer aos amigos e parentes que participou e não foi reconhecido pelos os amigos.

Perguntei a Nélsia, pensando no que foi colocado por Jamilles , se ela via a festa como algo que unia o município, e ela respondeu assim:

"...é uma comunidade de bruxas, de monstros. E aí onde é uma comunidade todo mundo é igual, não diferencia tanto. Diferencia na rua quando vem um Careta a gente tem medo. De repente, se vem um grupo a gente já não tem (medo) como de um só. Você encontrar um careta numa esquina dá medo, mas todo mundo junto não. E aí tem muito essa questão da noite e do dia. À noite a figura do Careta dá medo, já durante o dia não. Quando ele tá na passeata do Judas não assusta tanto."

As palavras de Nélsia confirmam o que disse Jamilles sobre a ausência de diferenças no transcorrer da Festa/Brincadeira, mas trazem uma expectativa diferenciada, quanto à participação do centro de Jardim e das localidades do município.

Para Nélsia, a Festa na sede, organizada pela "Associação dos Karetas", apresenta diferenças marcantes em relação à brincadeira realizada nos sítios. A Festa organizada na Sede teria falta, para a Brincante, de uma certa

originalidade, traduzida como um distanciamento maior em relação às origens, estas mais respeitadas nas festas realizadas nas localidades.

“Eu acho mais original. É tanto que tem comunidade que a gente não consegue trazer pra zona urbana. Eles preferem fazer a festa deles, e aí eu acho que fica bem mais próximo das origens. Porquanto do próprio meio, né, rural. Eles, o pessoal que mora nos sítios, eles têm mais essa questão mais de máscara, mais parecida. De traje, mais parecido com essa coisa mais original. “

A zona rural teria o mérito, para Nélsia e para outros “Brincantes” ligados à Associação, de ser a localização inicial da “Festa dos Caretas” em Jardim. Continuo o percurso...

Saio da sede e rumo para as localidades. Seguindo pistas indicadas pelos primeiros entrevistados e pessoas com quem conversei na rua e no hotel.

Tudo merece ser olhando, discutido, investigado.

6

A divisão, a diferença na Festa ou nas Festas, identificada na fala dos “Brincantes” encontrados até o momento, concerne a espaços, geograficamente, espaços como zona urbana e zona rural; Sede e Sítios ou Jardim e Localidades. Tal divisão aparece, por exemplo, na fala de Luís Lemos:

“Hoje, um dos interesses também da gente é que a tradição também se estenda por toda a zona rural também...E o objetivo, é exatamente esse, que a festa não passe a ser somente uma comemoração da cidade em si. Da sede. Mas de toda, de todo o município. Principalmente da zona rural. Para o ano a gente tá pretendendo é, resgatar o máximo essa cultura de origem.”

Lemos, mais uma vez, tem uma fala de grande riqueza, que envolve diferentes categorias como tradição e cultura de origem. Agora, quero refletir sobre o momento em que Lemos fala a respeito da intenção de estender a festa a zona rural.

Ao mesmo tempo em que a Sede traz a idéia da origem dos Caretas, remontar à zona rural parece contradizer o secretário quando tem como preocupação não deixar fora do “evento” os Caretas das localidades.

Acrescenta ainda o modo como o entrevistado apresenta o caminho sede-zonal rural da festa, como se ela não existisse nas localidades, talvez por que não exista mesmo.

Ou por que a Festa que acontece nos sítios, fora da promoção e organização da sede, é diferenciada daquela a que a Associação quer apresentar.

Começa-se a elucidação da questão por meio de outras falas, como a de Nélsia: “... tem comunidade que a gente não consegue trazer pra zona urbana. Eles preferem fazer a festa deles...” Talvez, o Secretário, tenha querido expressar um modelo de festa.

Modelo que redimensione a festa para a concentração dos “Brincantes”, em um único espaço, em dados momentos, e, com o motivo de melhor organizá-la, pode também facilitar uma certa exploração econômica da evento.

Será possível um município tão carente de recursos financeiros ter uma outra alternativa de arrecadação de dinheiro com os Caretas como produto turístico?. Ou seria a atitude da Associação uma busca de sobrevivência de uma memória cultural da Cidade? Quando perguntei sobre a festa sem a interferência da Associação, Jamilles disse:

“Eram aquelas festas isoladas. Mas hoje trouxe mais pra cá. Concentrar mais. Não que a gente não queira que eles brinquem lá, a gente quer. Pra não ser aquela coisa, “Ah, da zona urbana.” A gente quer que seja o município de Jardim brincando de Careta. Mas é bom na passeata do “pau do Judas” eles estarem presentes têm filmagens, televisão pra divulgar a festa. Divulgar a comunidade deles, os sítios deles.”

Bom para quem? Ou para quê? Na mesma fala ela responde, o motivo, a presença dos meios de comunicação na passeata do

“Pau do Judas”. Cabendo a discussão anterior sobre a construção da imagem, da tradição da Festa ligada ao município, e em particular, à sua sede.

Por que recusam? Já que, segundo Jamilles, é bom para eles, pelo mesmo motivo da divulgação de seus locais de moradia. Muitos Caretas da zona rural acabam por conciliar o horário da festa da sede com suas brincadeiras nas respectivas localidades, como diz Nélsia:

“...eles vieram só tomar parte. Mas...voltaram pra fazer a festa deles. Quando eu digo eles não vêm, quero dizer que eles não deixam de fazer a festa deles pra fazer parte de uma festa só. Por exemplo, a gente foi convidá-los, e eles vieram tomar parte um dia na festa, e aí voltaram pra fazer a festa deles.”

A participação na festa, condicionada à obtenção da carterinha expedida pela Associação, parece ter afinidades com esta idéia de concentrar os Caretas e trazer uma ordem, dando-lhes regras para brincar e incentivando, de certo modo, uma única maneira de ser Careta.

Certas características vindas com a origem da festa, ligada à zona rural, são, neste modo organizado pela Associação, salientados como importantes e portanto merecem serem “resgatados”. Já outros modos são tidos como impossíveis ou não convenientes de serem mantidos.

Mais uma vez a fala da Careta Nélsia sobre como a festa da sede se diferencia da nas localidades nos faz refletir:

“...eu diria que essa festa nossa, por mais que a gente diga popular, é uma festa mais enquanto organização, é mais elitizada. Porque é tudo organizado. Tem uma comissão. Todo mundo tem um crachá, todo mundo tem uma camisa. É, o Judas não é um espalho que é bem mais próximo. O Judas é uma obra de arte. Quer dizer, faz pena você colocar, num mastro pra derrubar. Porque é perfeito. E aí, eu acho, que a gente fugiu um pouquinho. Ou talvez não tenha fugindo, talvez seja um grande sincretismo essa festa nossa, porque vai pegando uma coisa daqui, daqui, daqui e vai entrando uma coisa e outra. E fica assim uma coisa bem particular. Mas perdeu essa questão do Judas ser um espantalho não é mais. Ele é muito bonito. Ele “tava” perfeito esse ano, sabe? Até um “oculozinho”, quando eu “tava” colocando o paletó nele ajudando o Luís, era paletó mesmo! Perfeito.”

Com o discurso dos “Brincantes” e organizadores da festa na sede na cabeça segui a viagem rumo às localidades de Jardim, lembrando de uma outra festa, a do “Pau da Bandeira”, na vizinha Barbalha.

Festa que foi, em 2000 analisada por Océlio Teixeira de Souza na sua dissertação, de mestrado, que discute o processo de estilização e construção de “tradição inventada” da “Festa de Santo Antônio”.

“Os grupos, nos seus sítios, preservam algo natural, esquecido, que não existia mais na cidade. Era necessário trazer esses grupos e mostrá-los às pessoas que moravam na cidade. Com isso se recuperava uma parte da cultura do município.” (Souza, 2000, p58)

Hobsbawm define “tradição inventada” como práticas reguladas abertamente ou não, cujo objetivo é incultir valores e normas aos comportamentos, através da repetição de rituais de ligação deste com um passado longínquo da comunidade.

Não podemos deixar de comparar o pensamento do historiador inglês com o que ocorre com jardim e seus Caretas. As falas de Lemos nos trazem a idéia de um modelo de festa, que firma-se a cada ano, mas não sem interferência.

Lemos, claro, sabe da existência da brincadeira nas localidades, e até é bom que assim aconteça, o que lembra a análise de Océlio sobre a passeata do “Pau de Santo Antônio”, a respeito das localidades mais distantes, das expectativas e condições estruturais do centro urbano terem o poder de fazer a festa olhá-las, relembrar e, ao mesmo tempo, formular algo condizente com as suas expectativas atuais, mas não totalmente fora de uma ligação com passado longínquo da comunidade.

No município de Jardim existe, atualmente, um processo de invenção de uma tradição em relação aos Caretas e suas brincadeiras iniciadas com a criação da “Associação de Karetas de Jardim”, há 28 anos, e continua atualmente.

Até mesmo a substituição da letra “C” pela letra “K” no nome “caretas” mostra uma vontade de modificar, modernizar a “Festa dos Caretas” ou

dos “Karetas”, por parte dos diretores, em maioria moradores da zona urbana e funcionários da Prefeitura.

Câmara Cascudo define “tradicionalismo” como: “Conjunto de valores considerados essenciais à vida em sociedade e que abrange, entre outros, os aspectos éticos, filosóficos, cívicos, associativos, recreativos.” (Cascudo,2000,p693) Portanto, tais valores em sociedade mudam, em dado tempo, nestas sociedades, ou seja são construídos ou reconstruídos.

Mas as mudanças podem ocorrer de maneira espontânea ou reguladas e, neste aspecto, é importante diferenciar “costume” de “tradição” Hobsbawm na “Invenção das Tradições (Hobsbawm&Ranger,1997) marca tal diferenciação.

“Tradição tem a marca da invariabilidade, estabelece com o passado uma continuidade artificial.”(Hobsbawm&Ranger,1997,p10) Ou seja, estabelece práticas fixas e pouco adeptas de mudanças no seus rituais de estabelecimento. Enquanto os costumes para Hobsbawm são volantes e motores das sociedades tradicionais adeptas de mudanças que enriqueçam suas práticas.

7

Maria Clementina Cunha em “Ecos da Folia”(2001) analisa o processo dos esforços e o sucesso de uma elite no século XIX do Rio de Janeiro em transformar as práticas carnavalescas dos cariocas em algo mais apropriado ao modelo considerado, por tal elite.

Antes, ainda segundo Clementina Cunha, “Entrudo”, sinônimo de Carnaval, passa, a partir da metade do século XIX, a representar algo ligado a práticas rudes de setores da classe baixa e inculta. E o Carnaval, ao contrário, algo verdadeiramente representativo da cultura brasileira através da “Sociedades Carnavalescas” e, posteriormente, das “Escolas de Samba”.

Mas tal “civilização”, referendada por práticas de uma elite européia no final do século XIX, não se restringiu à capital carioca, Catarina Maria de Saboya Oliveira em “Fortaleza: Velhos Carnavais”(1997) mostra que, na capital

cearense, em igual período, predominava um mesmo tipo de preocupação, por parte dos setores letrados da sociedade fortalezense, no que a autora define, como afirmação do “Carnaval Veneziano” com as “Sociedades Carnavalescas” substituindo o “Entrudo”.

“As primeiras referências ao Entrudo em Fortaleza encontram-se nos comentários depreciativos de João Brígido (1829-1921) que, por sua primazia e força descritiva, tornaram-se citações obrigatória, retomadas por vários cronistas de nosso carnaval.” (Oliveira, 1997, p32)

Não quer dizer, que não houvessem as brincadeiras de rua no período que antecede à “Quaresma”, em Fortaleza, antes da datação de Oliveira, 1868. Mas esta é a primeira referência encontrada sobre o “Entrudo” nos jornais fortalezenses pesquisados por ela, e estes sempre em notas sem grande destaque. Mas, a partir da década de 90, do século XIX, a coisa muda. Artigos e notas pedindo a coibição e até a proibição dos “entrudos” são freqüentes nos jornais locais.

“Denomina-se Entrudo, popularmente intruido, o antigo carnaval português...tais práticas, com variações regionais e temporais, incluíam aspersão de água, outros líquidos e de farinha de trigo e pós...grupos de mascarados; canções e danças. Outros elementos constantes eram os bonecos representando o Carnaval, um comilão e beberrão gordo, alegre e sensual...e agressões verbais (insultos e músicas grosserias).” (Oliveira, 1997, p29)

Chama atenção nas descrições apresentadas por Oliveira, a respeito dos Entrudos, a presença de figuras denominadas “Papangus”, tão semelhantes aos Caretas de Jardim, e aos atuais Papangus do litoral cearense.

“...a figura do Papangu e o uso de máscaras....vestidos com camisolões ou dominós (espécie de batina com capuz, ornada de guizos e de variadas cores), isolados ou em grupos, andavam pelas ruas, a dizer graças e perguntar em voz de falsete: Você me conhece?... foram figuras obrigatórias em Fortaleza até seu desaparecimento nas primeiras décadas do século...”(Oliveira, 1997, p35)

O Papangus não mais brincam em Fortaleza mas, ao que parece, não desapareceram. Expulsos do centro da capital refugiam-se nas cidades de menos destaque do Estado.

As vestes dos Papangus assemelham-se à dos Caretas e, é de se notar ainda a pergunta formulada pelos mascarados tanto em Fortaleza como no Rio de Janeiro no final do século XIX, como Clementina e Caterina nos informam : “*Você me Conhece?*”

Incógnito deve ser o mascarado e as reações a ele podem, antes e agora, serem demonstradas, tanto pela gozação como pelo medo das crianças. Ou mesmo as críticas à ordem local, às autoridades políticas e religiosas ou aos “bons costumes”.

“...mistura de divertimento e medo que os Papangus despertavam nas crianças...muitas vezes munidos de chicotes, fosse para defesa (cachorros) ou para fustigar aqueles que tentassem levantar-lhes o capuz..” (Oliveira,1997,p36)

“Alguns Papangus ou máscaras tradicionais marcavam em Fortaleza exercendo, por vezes, crítica política...” (Oliveira,1997,p37)

Tem-se a idéia, neste trabalho de Caterina, que, já no início do século XX, sobre o Entrudo e os mascarados Papangus, predominava uma visão negativa, e somem das colunas dos jornais anúncios de tecidos para confecção de suas fantasias.

Ao mesmo tempo, aumenta a constância de crônicas jornalísticas, com apelos moralizantes às autoridades e à população, a respeito do comportamento pernicioso dos mascarados. Os Papangus haviam sido expulsos.

Uma das falas de Luís Lemos chama a atenção sobre a participação da Associação em organizar os Caretas com a intenção de cadastrá-los e regular suas participações em roteiros e datas fixas, além de ditar comportamentos “aceitáveis”. Sobre o sucesso desta regulação, o próprio Lemos diz: “...Já não é uma preocupação assim tão grande, porque o participante de hoje já brinca, se diverte, mas com a consciência da responsabilidade que tem em si.”

8

Na zona Rural, realizei entrevistas com Caretas em Areias, Brejinho, Cacimbas e Lajinhas.

As localidades possuem semelhanças, tanto na forma de manter suas vidas materiais, como de rezar, de “festar”, e como não poderia deixar de ser os problemas também são parecidos.

A chamada zona rural, assemelha-se a espaços do mesmo tipo, de outras cidades do interior do Brasil, cuja produção de sua vidas materiais são pautadas pela agricultura de subsistência, ou seja, pelo cultivo do feijão, macaxeira, mandioca e milho.

Alguns poucos remanescentes também cultivam café, produto que teve, assim como a cana-de-açúcar, papel de destaque outrora em Jardim e na região do Cariri.

Quando o inverno é bom, é comum ver mulheres carregando fardos de vagens de feijão ou cachos de bananas sobre suas cabeças.

O chão das salas de suas casas são tomados por essas vagens secas de feijão. São tempos de certa prosperidade local. Mas, ainda, não suficientes para manter os jardinenses, principalmente estes da área rural, no município. Não há emprego. E a produção das roças não é o bastante para ocupar toda a mão-de-obra, mesmo a familiar.

Condições que fizeram-me lembrar dos pequizeiros de Cacimbas e, por lá, dei início à minha visita pela zona rural de Jardim.

Cacimbas

Fui a Cacimbas por duas vezes. Uma, em 2000, e outra no ano seguinte. Quando retornei, em março de 2002, não consegui encontrar os primeiros entrevistados, que estavam a trabalhar no cultivo da uva, nos perímetros irrigados em Juazeiro da Bahia.

Parece difícil entrevistar mais de uma vez um Careta nas localidades de Jardim. Continuo a lembrar do acampamento dos pequizeiros e da discussão sobre diversidade cultural e como é difícil para as comunidades produzirem suas vidas, seja na área cultural, social, quando não podem garantir sua sustentação econômica nos locais onde moram.

Aos sábados, na feira da sede do município, podem-se encontrar diversos moradores de Cacimbas, que trabalham como feirantes, ou que, simplesmente, aproveitam a carona do ônibus fretado pela Prefeitura em dias de feira.

Certa vez, enquanto aguardava chegar de seu roçado um ex-Careta, para entrevista lá mesmo em Cacimbas, fiquei escutando a dona da casa, esposa do meu entrevistado, tendo ao seu lado duas netas, de 2 e 3 anos de idade, respectivamente, que lamentava a ausência dos pais das crianças.

Da neta mais velha ("Boneca", lourinha dos olhos verdes), a avó disse que a mãe trabalhava em Juazeiro do Norte e o pai em Juazeiro da Bahia. Da neta mais nova (Cristiana, morena de feições indígenas), continuou a velha senhora, a mãe morreu no parto e o pai estava também trabalhando no Vale do São Francisco.

A avó falou da esperança de vir para Jardim, um projeto do Banco do Nordeste, de plantio de flores, talvez, pudesse assim reunir a família.

Enquanto ela falava um homem (fui informada mais tarde ser irmão do meu entrevistado e ter problemas mentais) um pouco à frente da casa gritava, irônica e repetidamente : "*Melhor ser "boiola" que agricultor*".

Cacimbas, é um lugar silencioso durante os dias e noites da semana, com suas casinhas, na maioria de parede e meia, lembrando vilas de áreas urbanas, de cidades de médio e grande porte. A maioria das casas repete as fachadas pintadas de branco, atrapalhando a visão quando em confronto com o brilho do sol.

O centro da localidade é formado por uma igreja e um cemitério. E, é, em frente a este, que se realiza a queima do Judas na "Festa do Caretas". Ato, considerado, por alguns, como sinal de blasfêmia.

Em uma das ocasiões em que estive em Cacimbas conversei com três homens: João José de Sousa; João Geraldo Pereira e “seu” João Geraldo Pereira (seu Nelson).

A conversa com os três foi um tanto tumultuada e engraçada, ao mesmo tempo. Cheguei em uma hora em que estavam em uma das casas brancas do lugarejo, desocupada, e a limpava para ali realizarem uma “festa”, na verdade, dar-se-ia ali uma bebedeira, ao som de um “stéreo” pequeno e um conjunto de fitas de forró.

Bem, senti que atrapalhava, mas conversei com os três ao mesmo tempo, ali mesmo, enquanto um grupo de mais ou menos oito outros homens esperava do lado de fora da casa. Às vezes, vinha algum barulho de fora, demonstrando impaciência com a demora de nossa conversa.

João José Sousa, um rapaz de pele e olhos claros, tinha chegado recentemente de Mato Grosso para onde tinha ido trabalhar, mas segundo ele, não tinha dado muito certo. E agora, resolvera, com 26 anos de idade, terminar os estudos e trabalhar na roça com o pai, até um dia voltar, mais preparado, para Mato Grosso, tentar novamente.

João Geraldo Pereira, com 29 anos e uma aparência física que lhe poria mais dez anos em cima de idade de batismo, pele escura e olhos amarelados, bastante ansioso, ficou o tempo todo em pé, no decorrer da conversa. Mas bem alegre, cheio de humor, com intromissões e piadinhas entre as falas dos outros dois homens.

O terceiro homem, João Geraldo Pereira, tem o mesmo nome do segundo, pois é seu pai, disse-me ser mais conhecido em Cacimbas pelo apelido de Nelson. “Seu” Nelson não me disse a idade, mas presumi, pela conversa, principalmente, que tinha entre 60 e 65 anos.

Perguntei a eles em que período acontecia a “Festa dos Caretas”, e João José apressou-se em responder, como aconteceria na maior parte do nosso dialogo. Apenas quando seu Nelson tomou confiança, falou mais, foi que João José retraiu-se um pouco , mas confirmava com a cabeça ou completava as explicações dadas pelo mais velho.

“Geralmente os Caretas começa na “quarta- feira Santa”, aqui, né. Quarta-feira, terça-feira. Começa na segunda. Começa a criançada e tal, começa animar. Na quarta –feira começa a ficar mais forte por que já vem o pessoal mais adulto, começa animar mais um pouquinho. (José, Cacimbas)

Quando perguntei se eles brincavam Careta, tanto José como Geraldo responderam que sim, e completaram dizendo que brincavam com toda a “rapaziada” do local. Imediatamente, Geraldo me disse que aprendeu com os mais velhos, mas o seu pai não tinha brincado não. Foi quando seu Nelson tomou as rédeas da conversa e afirmou que tinha sido a geração dele que tinha brincado de Careta ali, a mesma geração que teria fundado a localidade de Cacimbas.

Os três abaixo dão uma descrição da brincadeira na localidade:

João Geraldo: “- Só fazia pedir: - Uns 10 centavos, aí. E andar nas roças por aí pedindo ao dono que tinha roça: milho, cana para botar no círculo, não sabe?

João José: “- Roubando!”

Seu Nelson:- Balançar o “chucalho”, cantar música...

João Geraldo: Aqui a gente não rouba porque aqui não tem o que roubar...(risos). A gente pede. Perde milho, cana??? A gente pede, e os donos dá. A gente coloca no círculo, lá...e fica lá no círculo. E quando é no dia de domingo, quando vai derrubar o “Juda”... A gente...a gente vai...as pessoas que vão roubar o circo...Nós que brinca Careta, nós que “vamo”...Porque têm as pessoas que vai roubar do “circo” e as coisa do “circo” é dos Caretas, né? Os Caretas vai.. fica lá na portaria lá prá ninguém roubar. E se roubar, mas tem a distância num sabe? De roubar. E a gente dá na pessoa que tá roubando se alcança até na lista lá, a gente dar, se não alcançar a gente volta...

João José: Fica com o que tirou lá. Se ele apanhar e conseguir sair apanhando ele também fica.

Em Cacimbas, devido à distância em relação a sede só podem brincar lá quando alguém, no caso, o vereador da localidade cede um carro para levá-los até a cidade ou mesmo alguém da “Associação dos Karetas” arranja um meio de transportá-los que eles denominam de “convite” : “Só quando “somo” convidado, né. Geralmente depende muito do transporte, porque 18 km para ir à pé, também não tem nem condições...Quando tem o patrocínio do vereador aqui. O vereador pega o carro dele leva o pessoal traz... e tal...” (José)

Na falta do patrocínio faz-se a brincadeira no local mesmo, como esclarece João José, "Isso é uma tradição. Não tem ponto de encontro. Geralmente combina 3, 4, 5 pessoa e já vai...3, 4, 5, pessoas ali combina se veste e sai ali na rua normalmente. Normalmente como Careta."

Perguntei em Cacimbas se os Caretas de lá eram filiados a Associação? Pai e filho permaneceram calados. Foi João José a romper o silêncio: "- Não que eu saiba. Não. Só tem um aqui que é associado. Que eu sei. Legalmente!" Continuei perguntando sobre a origem da festa, seguiu o diálogo abaixo:

Seu Nelson: "- Agora de natureza mesmo. Aquilo é coisa de natureza mesmo. Não tinha quem ensinasse a gente, a gente aprendeu aquilo de natureza mesmo!!!"

João Geraldo: "- Por causa da Semana Santa. "

Seu Nelson: "- É...é...é, existia aquelas palhaçadas. Via aquelas coisas, foi aprendendo aquelas coisas, a gente mesmo, de natureza mesmo."

João Geraldo: "- Nem tanto isso porque "Semana Santa" tem que ter Careta, né!"

Seu Nelson: "- Não é isso? Hoje existe televisão, hoje existe esse tipo de coisa. Mas naquele tempo de nós pra trás, coisa de natureza. Aquilo é coisa normal."

João José: "- "Tamos" falando de uma tradição que vem do pai dele." (referindo-se ao seu Nelson). .

Ao voltarmos de Cacimbas para a sede, seu João de Neca, o motorista, quebra a imagem de tranqüilidade do local que se reforçava em mim naquele momento e conta uma história "à moda causo".

Disse que mais ou menos uns três anos atrás houve uma briga em Cacimbas que culminou com o assassinato de um dos oponentes. O assassino teria se escondido na floresta, e um grupo de homens da comunidade havia feito o cerco ao criminoso, por vários dias, abastecidos com alimentos por suas mulheres. Até que o assassino com fome e sede abriu a guarda, foi preso e morto pelo grupo.

Na noite do acontecido, teria ocorrido uma festa no povoado, em torno de uma fogueira, e a cabeça do morto teria sido exibida na roda.

Seu João falou que Cacimbas havia sido um povoado “quente”, mas que as pessoas ruins tinham ido embora. Alguns até estavam presos lá pelas bandas de Pernambuco.

Demos continuidade a mais uma etapa da viagem, seguindo as indicações dadas pelas pessoas com quem conversamos, e assim chegamos ao Brejinho.

Serra de Brejinho

Para chegarmos ao local afastamo-nos da sede do município, seguindo pela estrada em direção a Barbalha, subimos a chapada pelo lado oeste, tomado uma estradinha de paralelepípedos, até um caminho de chão batido cercado por plantações de macaxeira e feijão, um descampado com alguns pés de café.

Do alto da Serra nos deleitamos com a vista do miolo da cidade e, ainda avistamos, além da sede, segundo “seu” Criança, o motorista, a principal fonte d’água do lugar. Conhecida como “*Boca da Mata*”.

“Seu” Criança, a partir das perguntas formuladas sobre o local, fala da vegetação, que vemos da estrada adentrar as terras, e que teria substituído as plantações de cana-de-açúcar que fizeram a riqueza de famílias locais.

Fala do cultivo e coleta da cana, e do fabrico da rapadura e do seu uso como adoçante, quando não se tinha o costume de usar o açúcar refinado.

Apontando a Chapada, do lado contrário ao que estávamos, mostra-nos um morro chamado “*Descida dos Negros*”, como prova da presença negra e provável mão-de-obra escrava no local, na época dos engenhos de rapadura.

Daquelas terras um dia exportou-se o doce para outras cidades do Cariri cearense e pernambucano para os cafés, sucos, bolos e doces da culinária regional.

Continuamos na estradinha, por mais ou menos 6 km, até a casa de “seu” José Pereira Neto ou Zezinho de Conceição, como é mais conhecido.

Não existe na Serra de Brejinho, o que poderíamos denominar latifúndio, as propriedades, são em sua maioria, de pequena extensão.

E aqueles, como “seu” Zezinho, possuidores de uma pequena criação de animais e de alguma terra para o cultivo da macaxeira e feijão são privilegiados e têm certa estabilidade financeira, o que, possibilita “seu” Zezinho manter os filhos estudando e oferecer um futuro de opções fora da agricultura familiar.

Gravei entrevistas com dois dos cinco filhos de seu Zezinho. Os dois rapazes que os mais envolvidos na organização da brincadeira na localidade, Fernando Pereira de Sousa e José Marcondes Pereira.

Fernando tem 17 anos, como seus pais nasceu em Jardim. É estudante do Ensino Médio, disse que pensa em fazer curso superior de História. “Acho bonito”. A respeito de sua participação na Festa dos Caretas, informou-me:

“...a minha participação, minha aqui, é mais organizando também, e brinco também, junto com toda turma aqui. É uma tradição de todos os anos. Todo ano nós realiza uma festa assim..., com a participação assim, todos colaboram. É uma tradição de muitos anos! E que ...não se acaba não.”

Marcondes, tem 24 anos, é o primogênito, pensa em fazer faculdade, mas caminha na direção de ser técnico, como estudante do CETREDE, (Centro de Treinamento e Desenvolvimento Regional) em Juazeiro do Norte. Marcondes é um líder. A forma como se expressa, a força ao apresentar a idéia da brincadeira de Careta ser uma necessidade deles de Brejinho e a idéia de dar continuidade à brincadeira logo chamam a minha atenção.

Reparo, que quando em 2001 conversei com Fernando (pois quando visitei a Serra de Brejinho, naquela ocasião, Marcondes estava em Juazeiro e o “seu” Zezinho tinha ido a uma reunião da comunidade), ele,

respondeu às perguntas que formulei, de forma espontânea, e com um jeito sério de estar a fazer um serviço de grande importância.

Agora, em 2002, Fernando cala-se. Apenas observa. É Marcondes que explana, com um ar de conhecedor, sobre a brincadeira e a Serra:

“Sou estudante de eletromecânica no CETREDE, no Juazeiro do Norte. Trabalho mais na parte da agricultura. Dou um suporte técnico ali pra meu pai. Ajudo na questão que nós temos um sítio ali, um sítio em cima da chapada do Araripe. Nós plantamos...aquela questão da agricultura mesmo. Familiar. Nós temos plantação de mandioca, milho, café. Criamos alguns animais: gado, porco, aves em gerais. Temos um apiário. Então eu sempre mexo com muito, muito setores, né. Agora eu sempre gosto da área de tecnologia. Já prestei vestibular na UFC lá pra engenharia elétrica. Não fui aprovado mas...foi em 98, voltei. Tô fazendo esse curso de eletromecânica no CETREDE Cariri possivelmente retornarei pra Fortaleza pra fazer lá uma pós-graduação, um mestrado que vai ter possibilidade da gente terminar e fazer isso ai. Voltei só um pouco no caminho mas eu gosto dessa área....Nos anos 80 nós produzimos bastante café e a gente vendia e não era só aqui no Jardim, mas no Juazeiro, Barbalha, nas cidades circunvizinhas daqui. Mas ultimamente já era.”

A idéia de Marcondes ser um líder em formação confirmou-se em conversas paralelas com ele quando falou-me de sua aproximação com a UJS (União da Juventude Socialista), grupo do movimento estudantil ligado ao PC do B(Partido Comunista do Brasil).

Um ano depois das nossas conversas, em Fortaleza, assistia o telejornal local (Jornal do Meio Dia /03/2003), veio a informação sobre uma greve dos estudantes do CETREDE de Juazeiro do Norte, exigindo o término da construção do prédio da escola e vi aparecer na telinha Marcondes, como um dos que estavam à frente do movimento dos estudantes.

No pequeno comércio de “seu” Zezinho vendem-se bebidas e joga-se sinuca. Todas as vezes que visitei sua casa encontrei sempre pessoas no bar bebendo e jogando.

Sempre bem recebida, seja pelo “seu” Zezinho e pela família, como pelos visitantes e vizinhos que se encontravam na casa, como foi o caso do poeta Cícero Cândido, que encontrei certa vez.

Cícero, um rapaz de aproximadamente 25 anos, é jardinese e morador da sede do município, mas pareceu mais à vontade em Brejinho. É bastante crítico em relação à elite local e falou para mim de Jardim, em forma de poesia.

“Jardim tem tudo será. A forma de um grande rio infinito fundo de mar. Foz de Iguaçu que era um deserto com a explosão veio se transformar em um paraíso ecológico, canto de beleza, lindo campo natural. Jardim é onde vive seus donos que não vem te vigiar assim no abandono a tendência é se acabar. A natureza é realista sabe dar sabe tomar e se o homem compete com ela um triste fim terá. Até porque vive na terra embora não saiba o que é social mas nas garras de Ernesto “Che Guevara” as coisas é mais normal.”

O poeta joga suas impressões sobre as relações homem – natureza, fala de uma natureza ativa, quebra a idéia ortodoxa do homem como único sujeito ativo e aquilo com que ele se relaciona como objeto, dando uma falsa idéia de passividade do chamado objeto.

A natureza age no texto de Cícero. No caso, do poeta, o palco é particularizado na sua cidade. A natureza fala às pessoas, mas suas respostas quase nunca têm sido satisfatórias. Nem em Jardim, nem em qualquer lugar do planeta. E a natureza sujeito pode vingar-se.

Fala ainda nos donos de Jardim, em uma nítida referência à política do município dominada, desde dos tempos da rapadura, ou da oligarquia Acyoli, que mandava na região, através das famílias tradicionais.

Tempos de quatro nomes, quatro famílias importantes do município: Neves, Pereira, Roriz e Gondim, permanências na política local.

Mas também, implicitamente, Cícero liga as famílias poderosas de Jardim a uma rede maior de poder, quando apresenta a figura de “Che”, uma liderança da revolução cubana e símbolo de luta contra o capitalismo e a burguesia.

“Che” é símbolo de outro tipo de sociedade. Descarrega e mistura as concepções de mundo em uma espécie de idéia apocalíptica e ao mesmo tempo, defende a salvação da natureza e do social através de uma ruptura

com as elites, com a frase: "...nas garras de Ernesto Guevara as coisas são mais normais". Talvez ele quisesse dizer mais naturais.

Em um momento da festa de 2001, quando me encontrava no Forró dos Caretas (sábado à noite), no morro do Tetéu, aproximou-se de mim um rapaz. Perguntou-me por que andava a tirar fotos dos Caretas. Acostumada a ser questionada pela pessoas da cidade não estranhei, e prontamente lhe respondi.

Perguntou-me, após minha fala, qual o outro tipo de documentação que usava, fora as fotografias. Respondi que eram as entrevistas. Foi quando fiquei sem graça com o comentário do rapaz. Segundo ele, eu só teria uma visão real dos Caretas se conversasse com a elite da cidade. Escutei.

Na pessoa do Doutor Napoleão Neves percebi o recado, e lembrei de Cícero. O que responderia o poeta ao rapaz?

A Festa dos Caretas de Brejinho começa no "Domingo de Ramos" e vai até o domingo seguinte, que é o da morte do Judas. Em Brejinho, os Caretas passam todas as noites da semana a andar pela serra, caracterizados, pedindo "esmolas" nos sítios, onde se realizam festas ao som de forró. E recebem com alegria os Caretas "caretados" da região.

Fernando, diz que nunca foi à festa na sede de Jardim, mas apressa-se em dizer: "Nunca fui não, mas o meu irmão já foi." Fernando, soube por Marcondes, que a festa da sede é organizada. "Uma festa muito grande também."

Fernando, orgulha-se da festa feita por eles na localidade, pois em Brejinho tem tudo: as passeatas, jogos durante o dia, a malhação do Judas e o Forró dos Caretas. Tem até uma divulgação com um cartaz fotocopiado exposto nas paredes de locais da Serra, aparecendo como rivalidade à Festa da cidade.

Eles são filiados à "Associação de Karetas". Pelo menos uma quantidade de Caretas razoáveis de Brejinho. Mas sempre a brincadeira tem um número variável de mascarados.

Ivaneide - E vocês aqui, o grupo de vocês deve ser quantos mais ou menos?

Fernando: Os Caretas?! 50... 40 pessoas. No domingo assim, tem mais pouco, mas na semana assim de noite tem até mais de 50.

Então com um número deste tamanho dificilmente todos têm carterinha de associado, assim como deve ocorrer mesmo na sede mais "fácil" de fiscalizar.

A caminhada prossegue e vou conhecer mais duas localidades da zona rural de Jardim: Lajinhas e Areias.

Sítios de Lajinhas e de Areias

O Sítio Lajinhas fica mais ou mais 6 KM e o Sítio Areias cerca de 4 Km ambos, do lado sul de Jardim. Próximas, as localidades compostas de casa simples têm como centros de suas arquiteturas a igreja em Lajinhas e a estátua de Padre Cícero, em Areias.

Os organizadores da festa têm a característica de deter um pouco mais de infra-estrutura, um pouco mais de estabilidade financeira que o restante dos habitantes de suas comunidades.

Lajinhas

Em Lajinhas, José dos Santos, um rapaz de 19 anos, é um dos organizadores da festa junto com seu irmão, Adeilton dos Santos. Participam, ainda, outros jovens do local, entre eles outro irmão de José, Cícero dos Santos.

O Cícero, quando fiz a primeira visita (2001) à localidade estava viajando a trabalho para o Estado de Goiás, onde trabalhava em lavouras de tomate pertencentes a um japonês, segundo me disse, pessoalmente, em minha segunda visita (2002) à sua família.

Nesta segunda visita percebi mudanças na estrutura da casa que havia sido reformada. Os rapazes ganharam um espaço maior. Outra casa foi construída no terreno ao lado, e a casa, antes de taipa, agora passou a ser de alvenaria.

Em Lajinhas, acontece o que se repete nas outras partes da zona rural de Jardim: a organização da festa fica por conta daqueles, ou melhor

daquelas famílias com um pouco mais de estrutura financeira. Não são ricos, mas têm um pouco de terra, os filhos estudam e a família ou algum de seus membros tem sempre certa inserção na vida da comunidade.

José tem 20 anos, nasceu em Jardim assim como os seus pais e irmãos. É um moreno alto, de sorriso fácil e sem inibição ao falar. Bastante seguro em suas respostas ajudou-me bastante quanto à descrição das etapas da brincadeira e também para entender no que consistiria a diferença entre brincadeira e festa no município. Perguntei sobre o começo da festa em Lajinhas e ele respondeu:

“Olha, é, os Caretas da nossa região, do nosso sítio já existem a algum tempo. E a gente começou a participar saindo daqui pra Jardim pela a Secretaria de Cultura. E, é, nesse período, antes desse período da gente ir participar lá, a gente ficava aqui mesmo, tinha um dia, em onde todos os anos faria um ritual.”

O José, além de Careta, é membro também do grupo da igreja “*Jovens em Cristo*”, que além da organização da festa, também no mesmo período ajuda na encenação da morte e ressurreição de Cristo no lugar.

Essa encenação, por vezes, não acontece, pois o fato do mesmo grupo ser, concomitantemente, formado por Caretas e atores da peça não é sempre entendido como positivo por alguns padres. O fato é que os Caretas saem sempre e nem sempre tem-se a peça da igreja.

Sobre a brincadeira acontecer como um ritual fiquei logo curiosa com o termo e pedi mais esclarecimentos ao jovem Brincante e José respondeu-me com a descrição dos processos da brincadeira:

“Colocaria ali (apontando para frente de sua casa) um cercado...colocaria o Judas em cima de um pau e ali os Caretas. Naquele ritual colocaria algumas coisas, tipo: banana, cacho de banana, cana, é, algum outro objeto comprado no comércio e colocava. E, aí, algumas pessoas de fora, que entravam observando para pegar e os Caretas eram que ia marca aquele território, então, não ia deixar ninguém passar para não tirar o tesouro que pertencia ao “Juda”. Então, quando as pessoas passavam, Os caretas tinha o hábito de malhar. Então as pessoas, as pessoas geralmente saiam com o lombos, a maioria saiam com os lombos assim... “(risos)

José vocês não brincam mais aqui mesmo na localidade?

“...nesse ano a gente não participou no nosso local. Tem um sítio vizinho, Lagoa dos Pinheiro, fizeram um “Juda” só de menino pequeno. Inclusive, os meninos falando neles, riem bastante e convida a gente a rir também. Porque um rapaz entrou e, no que ele pegou, catou o objeto ele caiu, então os meninos malharam tanto ele, que ele passou uns três dias, né, todo roxo de pancada.

Quando José fala que não fizeram a brincadeira nesse ano e foram para a sede o que ele diz é que não “obedeceram” um padrão para a festa. Para ser festa completa tem que ter não só a caracterização dos Brincantes de Caretas mas um conjunto de outras coisas como: o Judas, o sítio do Judas, a invasão do sítio pelos Caretas. É o chama de ritual.

Para a sede do município os Brincantes só se dirigem nos dias determinados pelos organizadores das festividades, ou seja, pelos diretores da “Associação dos Karetas de Jardim”:

“Porque é o seguinte, pra você brincar dentro da cidade, no caso na Sexta, na Quinta...a turma evita porque lá não tem como você tá brincando mais à vontade. Então, o dia mesmo especial de brincar mesmo em Jardim é o da derrubada do Judas, nesse dia é bom”.

Diferentemente do Brejinho, onde que os “Brincantes” não participam, coletivamente, da festa da sede na cidade e até a desmerecem, os Caretas de Lajinhas não se recusam, mesmo que em dias e horários certos para participar da competição ou mesmo para aparecer nos meios de comunicação. José, explica, “A gente foi esse ano (2001). A gente “tava” pensando que ia sair a imagem, né, que tem um jornal, que eu não sei se estou com ele aqui hoje...”

E não apenas no domingo da derrubada do Judas, em 2002, a presença deles desde a Quinta –feira na passeata do pau até o Domingo foi destaque na sede. Caracterizados de vaqueiros: calças, blusão, perneira, luvas, sapatos de couro de vaca e máscaras de couro de bode e de raposa.

Os Caretas de Lajinhas aproveitam a festa na sede como espaço para suas reivindicações de melhoria para sua comunidade. Reclamar e

ironizar a falta de água e o transporte coletivo, que inexistia em Lajinhas. E, como mostram as palavras de José, pode-se apontar a possibilidade de organização diferenciada deles com uma outra associação de Caretas, deixando claro a força da localidade junto aos representantes públicos que, com certeza, se encontram todos os anos no evento assim como a imprensa.

“Ano “trazado” a gente se reuniu aqui no lado, pegamos um trator, a gente fez desse trator um carro todo bem equipado, um funil desse tamanho assim era para servir de microfone e a gente colocou atrás “Associação dos Caretas de Lajinhas”. Então, saiu até no jornal a gente pensava em criar uma associação, mas passou um ano, no ano seguinte, o coordenador mesmo faleceu.”

As vezes que assisti a festa na sede de Jardim eram, sem dúvida, os Caretas de Lajinhas que se destacavam em meio aos outros Brincantes.

Lembrei, mais uma vez, das palavras de Jamilles e Nélsia sobre a não diferenciação entre os Caretas, desejada mais que concretizada, como mostram os Caretas de Lajinhas anunciado através de faixa o local de onde vêm, nunca se dispersando, sempre em bloco, com trajes idênticos, participam das passeatas na sede mas não são de lá. São de Lajinhas. São diferentes. O que foge muito da idéia de unidade apresentada pelas “Brincantes” e diretoras da “Associação dos Caretas”.

Os “Brincantes de Lajinhas, nas vezes que os vi na sede, sempre traziam cartazes e faixas apresentando-se com o nome de sua localidade. E, em uma das vezes que vi, foi a citada por José, em que eles carregavam faixas anunciando a idéia de criação de uma associação de Caretas de Lajinhas. Sobre isso conversei com José e ele me disse:

“O Careta revela muita coisa. Uma que ele também mostra o lado crítico das coisas. Inclusive, quando você participa, quando a turma aqui participa fora a gente sempre costuma levar quando vai pra Jardim, uns cartazes falando alguma coisa, solicitando outras para tentar mostrar a sociedade...”

José apresenta o que ele pensa serem os Caretas e o papel me a festa/brincadeira exerce no município, "É cultura, é política envolve tudo isso." E participar da festa na sede é uma forma de encontrar um campo para serem ouvidas suas palavras, reivindicações. Portanto um espaço político. E sendo a festa, como ele colocou-me, uma brincadeira que ele aprendeu com os mais velhos, faz parte da cultura e deve, com certeza, ser confirmada pelas novas gerações.

José orgulha-se em mostrar uma matéria de jornal anunciando a festa de Jardim dos Caretas e eles, de Lajinhas, estão em destaque em uma fotografia.

Saio da casa de José pensativa e admirada com a consciência cidadã daquele jovem Careta. Fiquei pensando em certas análises que colocam o homem do campo como ingênuo, o que José, de cara desmente. Tem ciência de usos dados pelos membros da Sede à festa e ele junto com os outros Caretas de sua localidade elaboram seus próprios usos e interesses, para suas presenças nela.

Não posso deixar de correlacionar a atitude de Lajinhas que parece, à primeira vista, bem diferente da atitude de Brejinho, este ao que parece não enxergar o espaço da festa na sede como de importância para estarem presentes nele, ao contrário, se contrapõem à sede não a freqüentando e realizado sua própria brincadeira.

Interrompo minhas reflexões pois acabo de chegar a mais uma localidade de Jardim, Areias.

Areias

Cheguei a Areias cheguei no carro de aluguel do filho de "seu" Criança, o motorista que me acompanhou na maioria das visitas que fiz às localidades de Jardim. Filho mais introspectivo que o pai. Mas pensando melhor, quase todo mundo é mais introspectivo que "seu" Criança, mas mesmo assim, puxei conversa e descobri que o rapaz é cunhado de Miguel Moraes, que conheci na primeira viagem e o entrevistei na segunda ida a Jardim.

Miguel é um ex-brincante que mora no centro de Jardim, poeta, compositor e estudante de Direito em Recife. É com a letra de uma de suas composições que início o segundo capítulo.

Aos poucos percebo que é a teia que lembra o que disse Nélsia que em Jardim “A” é “A”, “B” é “B” e “C” é “C”, tanto “seu” Criança como Miguel Morais torcem os narizes em relação aos Caretas e à festa, pois para eles tal movimentação traz a manipulação dos políticos que ora encontram-se no poder. Cada bloco político é formado e defende suas opiniões contra o bloco divergente, seja onde tenha algum representante atuando.

Em Areias, conversei com dois rapazes que a comunidade me indicou na falta, segundo alguns moradores, do responsável pela brincadeira que estava a trabalhar em Minas Gerais.

Foram chamados e fomos conduzidos por algumas pessoas a uma casa simples de três ou quatro cômodos, em forma de uma linha reta, tipo um corredor, tendo os espaços separados por cortinas. Mais tarde, fiquei sabendo que era a casa do senhor dito responsável pela brincadeira em Areias, o “Tico de Nida”.

Enquanto conversávamos, uma turma de mulheres, crianças e alguns jovens homens ficaram no compartimento do meio da casa a nos escutar e, em alguns momentos, apareciam para dar algum palpite na conversa ou só para olhar mais de perto para mim.

Os dois rapazes chamados pelo grupo de moradores foram José Antônio de Oliveira e Miguel José dos Santos. O primeiro é agricultor e o segundo, de acordo com as suas palavras, faria qualquer serviço, “biscate que aparecesse.” Miguel havia chegado, recentemente, do estado do Mato Grosso onde tinha trabalhado em diversos serviços ou “bicos” como ele denominou.

Os dois rapazes disseram que de Areias eles e outros “Brincantes” caminham trajados em grupo e a pé até a sede do Município para juntar-se aos outros Caretas nas passeatas organizadas por lá.

Como principal motivação têm menos as brincadeiras realizadas no meio do caminho ou mesmo na passeata propriamente dita,

interessam-se na ida à Sede, pela premiação oferecida pela “Associação dos Karetas”, àqueles Caretas mais destacados, como disse Miguel:

“Daqui a gente já tem. Que é aqui mesmo, né? Na casa do compadre Chico. No sítio aqui mesmo juntava todo mundo que nem esse ano foi feito uma caixa d’água que, sobre a seca, né? Aí a gente tava fazendo sobre aquilo ali, em homenagem a seca tudinho pra ver se a gente ganhava um prêmio, alguma coisa.”

Sempre quando inquiridos se em Areias tinha a Festa eles diziam que não, mas insistiam em dizer que se vestiam e iam pra Jardim nos dias certos, ou seja os estabelecidos pela Associação. Mas, durante a semana que antecede o domingo da ressurreição de Cristo, caminham pelos outros sítios vizinhos a Jardim.

Novamente a festa é entendida como a presença não só dos Caretas mas do Judas, seu enforcamento, carro de som e presenças de pessoas de outros lugares.

A brincadeira de trajar-se e andar por outras localidade, como fazem entra como parte do cotidiano deles, como a fala de Miguel confirma: “Nós fizemo” aqui pra levar pra lá pro Jardim. Pra participar. Que lá é o julgador...Aqui não tem não. Não negócio...”.

E o José reafirma a seu lado: “Tem quando vão brincar nos outros municípios. De manhã, na Quinta, na Sexta de manhã... Lajinha, Lagoa...os Cotovelos.”

Voltando a Ítalo Calvino, quem sabe “A mentira não esteja no discurso mas nas coisas”, o que não quer dizer que as “coisas” postas sejam mentiras simplesmente ou que as narrativas entregues pelos narradores sejam verdades por elas mesmas, mas sim, em ambos os casos, são versões, impressões merecedoras de serem vistas, ouvidas e refletidas.

Ítalo Calvino ao interpretar as palavras de Marco Polo sobre as cidades que ele tem que descrever para o rei, tenta encontrar uma verdade de Oriente para o viajante genovês que não a encontrou.

Encontra uma outra coisa, verdades-impressões, versões-sensações, que lhe parecem mais importantes, pelo menos no que se refere ao desvendamento do ser humano.

Versões de grupos diferentes e suas relações particulares de momentos e acontecimentos merecedoras de serem ouvidas, lidas, refletidas por aqueles que se propõem a analisar “práticas culturais de grupos” de pessoas (lembrando De Certeau em vários de seus trabalhos).

Muito na perspectiva adotada por P. Thompson, na “Voz do Passado”(1998), “Os fatos de que as pessoas se lembram (e se esquecem) são, eles mesmos, a subsistência de que é feita a história...O que o informante acredita é, na verdade, o fato...” (Thompson,1998,p183)

Brinca-se em Lajinhas e Areias, de quinta a sábado da “*Semana Santa*”, de dia e de noite, caminhando por toda a região em passeata, indo por vezes a Pernambuco. Vestidos com roupas velhas e também recobertos de folhas de bananeira com máscaras de papelão sobre os rostos. São os Caretas em movimento, em processo.

Movimento que é realizado, ativamente, em suas andanças pelas localidades e, em processo, por que a significação muda de acordo com o tempo e de acordo com o espaço que o “Brincante” ocupa. Espaço que é territorial, mas é igualmente social e político.

Com o contato com os “Brincantes” e o conjunto das entrevistas fui verificando como, na história local, o discurso sobre a festa divide-se para depois unificar-se em uma prática construída, inventada por seus produtores coletivamente.

As falas dos entrevistados são apresentadas portadoras de versões em torno da “Festa dos Caretas” e sua significação para os grupos que dela participam e como ocupa o espaço físico da Cidade e da vida das pessoas durante um período de, no mínimo, quinze dias durante o ano.

E acabam trazendo muito do restante do ano que podem ser vividos como pesos, no sentido do fardo, então os dias da festa/brincadeira são aguardados com anseio por aqueles que são “Brincantes”, organizadores, “ex-Brincantes” mas também por outros agentes que são inseridos na festa ou inserem, como: moradores, instituições como a Prefeitura, Igreja e polícia, além de turistas e pesquisadores.

O que leva “Brincantes”, da zona rural, quando perguntados se acontece a festa em sua localidade, a responderem negativamente? Com a continuação da conversa acabam por dizer que se trajam e andam na localidade onde moram e nas localidades próximas a deles trajados.

As falas das pessoas que entrevistei são um marcador de diferença e, ao mesmo tempo de união dos moradores, cujo foco é a Festa dos Caretas. E aquilo em princípio é passado é re-atualizado.



“A CIDADE E AS FESTAS”

“Reconstruir uma festa, um cerimonial ou jogo é uma tarefa lúdica; tal como montar uma quebra-cabeça. Juntamos fragmentos dispersos, aqui e acolá até que formem uma imagem. (Gonçalves,200,p951)

9

Jardim modifica-se na “Semana Santa”. Bem nos descreve a letra da música de Miguel Morais, jardinense e ex.- Brincante da Festa dos Caretas.

“Todo ano, em minha terra tem São João, tem carnaval, tem festa o ano inteiro.

Vai de janeiro até natal, mas aquela que me encanta. Semana Santa,
minha paixão.

É um baile à fantasia que irradia meu coração.

Vá fazer sua fantasia é só feita de alegria.

E como a de se trajar?

Vá mostrar também sua careta.

Pegue o chocalho e apareça que esse ano é de arrasar.

Ô, meu padrinho me dei uma esmola, por favor!

Ô, minha madrinha me dei uma esmola e o seu amor.

Quando chega a Sexta-feira que barulheira, que animação.

É o Judas em passeata nos braços da multidão.

Eu escuto esse barulho e me orgulho () a beleza dos vestuários, o
seu cenário me faz chorar.

No Domingo, o Judas morre, pelos Caretas estraçalhado, mas deixa
um testamento pro seus herdeiros mais azarados.

É a festa dos Caretas que em jardim é tradição, faz parte do folclore, dos
costumes do meu sertão.

Vá mostrar também sua careta pegue o chocalho e apareça que esse
ano é de arrasar

Miguel Morais, escreveu letra e música para participar de concurso que, vez ou outra, a “Associação dos Karetas” organiza, como parte das comemorações da Festa.

Miguel não venceu. Segundo ele, por que a música, não estava ao gosto dos organizadores. Miguel é adepto da “MPB” (música popular brasileira) como pude notar na ocasião da nossa conversa em sua casa, quando ele intercalava respostas às minhas perguntas com canções ao som do seu violão.

O fato já mencionado de Miguel estudar Direito em Recife, levando-o a passar parte do ano naquela cidade, é sem dúvida um fator preponderante na construção do gosto do jardinense.

Também não posso deixar de pensar a influência de Pernambuco não só sobre compositor, mas sobre a região do Cariri, em uma perspectiva de longa duração.

No século XVII, Os primeiros colonizadores do Cariri, entraram na região, entre 1660-1680, ocupando diferentes localidades. “...Bahia e Pernambuco fazem o papel de partida em busca ... do sertão.” (Jucá,1994,p16) O chamado “caminho do gado” ou “caminho dos currais”. Neste processo de avançar pelo interior, várias famílias, principalmente pernambucanas, escolhem fixarem residência fora de seus lugares de origem, como o Cariri.

Lugares como a futura Cidade de Jardim. Alacoque (1987), ela uma memorialista da cidade, apresenta uma lista de nomes de homens que viveram concomitantemente com as tribos da nação Cariri, em Jardim, quando o homem branco inicia a exploração do espaço, nos séculos XVII e XVIII, eram eles: João Álvares Coutinho, Galdino de Gouveia, Luís Pereira da Cruz e Pedro Tavares Muniz, fizeram companhia aos bandeirantes Domingos Manfrense, Afonso Serra, Garcia d’ Ávila e Bernardo Pereira Gago, todos antes da chegada do Padre João Bandeira, em 1792, segundo João Brígido, não se sabendo se este vindo da Bahia ou de Pernambuco.

O conflito com os Cariris foi inevitável. Levando a pior como sabemos a nação Cariri. Gardner, escreve, que ainda por volta de 1837, em

Jardim, duas tribos da nação Cariri ainda resistiam em precárias condições de vida, acusadas, freqüentemente, de roubo de gado na região circunvizinha.

Miguel Morais ainda sobre sua canção, e em tom de mágoa, me diz, que a "Associação" buscava uma coisa meio forró, talvez um "carnaval" mais popular, por isso seu trabalho não foi não agrado dos diretores.

A letra do ex-brincante nos apresenta uma descrição da "Festa dos Caretas", uma morfologia que é, ao mesmo tempo, o que se ver, e o que se deve ver.

Uma morfologia carregada de sentimentos construídos desde a infância, reelaboradas na fase adulta, enquanto estudante universitário em Recife, de como deve ser a festa.

Daí vem a mágoa do compositor, pois a Associação não estaria realizando a Festa, dentro do que Miguel acredita como correto e legítimo:

"Já brinquei de Careta como todo adolescente, acho que minha participação nos Caretas foi a música que eu fiz. Essa música eu fiz tá tem 12, 10 anos. Eu fiz contando todo o processo, né, como acontece o movimento dos Caretas, durante a "Semana Santa". E muitas pessoas nem chegaram a conhecer. Eles queriam uma música de carnaval pros Caretas. Eu achei que os Caretas mereciam uma música original, própria, né. Eu fiz letra e música. Eles queriam um carnaval ou forró."

Abaixo transcrevo a fala de Miguel, quando lhe pergunto sobre sentimentos dele em relação à "Festa dos Caretas" e à "Associação dos Caretas", e ele apresenta uma descrição de uma das suas participações:

"Eles fazem uma premiação e teve um ano que eu...eu fui de múmia. A minha intenção não era múmia não, a minha intenção era um paciente, todo enfaixado, né? Mas ainda começaram a chamar de múmia aí eu tirei o terceiro lugar. Tirei o terceiro lugar. Ganhei um ventilador. O ventilador custou 25 reais pra eles e eu gastei 30 com a fantasia.... É, os Caretas eles têm...como é que se diz? ...Em que o sentido do Careta brincar? É a brincadeira em si, né, é a competitividade que tem, o Careta que chama mais atenção. Vai passando e as pessoas apontando pra ele, esse aí, ele ganha mais é nisso aí. Os políticos, que fazem a festa dos Caretas têm outra intenção né, os políticos eles...não sei de forma mas eles tem outros interesses. Tanto os Caretas ignoram a versão dos políticos têm, a temática, como os políticos ignoram a cultura real dos Caretas. Tá entendendo? Os políticos não sabem, as próprias

“...as pessoas da Associação não sabem o que é brincar o Careta, não têm a menor idéia o que é.”

“...eu enjoei a Festa dos Caretas! Eu era apaixonado pela Festa dos Caretas, mas...a Festa dos Caretas não vai pra frente por que quando ela preencher os interesses dos políticos ela para aí. Entendeu?”

“A Festa dos Caretas, ela podia atrair muita gente pra cá, turista ...muito mais do que vem, né. E eles não tem esses interesse não.”

“De trazer gente pra cá...turista, né? Pra, como é que se diz? Melhorar a economia da cidade pelo menos na Semana Santa.”

“...Não sei se não tem sensibilidade, assim, acho que não. Sobre o aspecto cultural da festa, entendeu?”

“A Festa dos Caretas tem mais de 20 anos e não tem repercussão...mal na Semana Santa você vê uma vez anunciando. Podia ser uma grande festa. Podia ser um grande evento. Semana Santa...pronto eles dão mais, se dedicam, eles investem muito mais no São João. Chamam várias bandas pra cá, final de semana de festa. Quando existe São João, quando existe festa de São João em todo nordeste, todas as cidades do Ceará, do nordeste. Você gasta muito dinheiro e não atrai, porque em todo lugar tem. Então a Semana Santa seria um, um momento em que podia ser a festa do Estado, tá entendendo?”

Para analisá-la, a falta de ligação entre as intenções dos “Brincantes” e dos organizadores é o problema apontado por Miguel, o que ele chama de falta de sensibilidade por parte desses organizadores. Um eufemismo para caracterizar o não aproveitamento de um sentimento real e particular que diferencia os Caretas de Jardim de outras manifestações culturais de tantos outros lugares.

Como conseqüência, os Caretas na condição de Brincantes, perdem espaço no evento, com sua brincadeiras, afastando alguns deles (enjoeando) e deixa de interessar a novas gerações. E ainda, o seu conteúdo de atração turística perde-se, pois deixa de ser peculiar.

Norberto Luiz Guarinello, aponta uma perspectiva importante ao estudar o tema “festa”:

“Toda festa tem suas próprias regras, seus códigos de conduta, sua rede de expectativas recíprocas, que podem ser escritas, ou fortemente ritualizadas....O que chamamos de festa é parte de um jogo...unifica, mas também diferencia...distinção entre incluídos e excluídos...podem

ser mais ou menos abertas, mas sempre traçam fronteiras, espontâneas ou impostas...” (Guarinello, 2001, p973)

Assim pode-se perceber através de uma outra idéia da “Festa dos Caretas”, acompanhando a imagem construída a partir de uma entrevista com outro “Brincante” e também diretor da Associação dos Caretas de Jardim; Francisco Eternite Lopes de Sousa.

Cabendo, dentro do ritual e jogo de visões, que Guarinello aponta poder nitidamente encontrar semelhanças e dessemelhanças nestas visões.

Um outro autor, José Artur Teixeira Gonçalves, no artigo intitulado: “Cavallhada na América Portuguesa”, em um dos trechos diz o seguinte:

“Reconstruir uma festa, um cerimonial ou jogo é uma tarefa lúdica, tal como montar um quebra-cabeça. Juntamos fragmentos dispersos aqui e acolá até que formem uma imagem....abordagem metodológica...”microscópica” ou morfológica. (Gonçalves 2001, P95)

Gonçalves monta a festa a partir do que chama de fragmentos. Para analisá-la, faço o mesmo esquema, mas, ao mesmo tempo, penso que cabe, igualmente, seguir o caminho inverso. Ou seja, primeiro montar e depois desmontar o dito e o visto com o objetivo de encontrar riquezas de detalhes.

10

Eternite tem 26 anos. É professor das quintas séries de uma escola pública, no Olho d’água, localidade do município de Jardim.

Estuda Letras, em regime especial, no vizinho estado de Pernambuco, para onde viaja, três vezes por semana, saindo às 16h 30min retornando à 1h da manhã a Jardim.

Rotina só modificada no período das férias escolares e durante os quinze dias que antecedem a “Semana Santa”, na ocasião de celebração de morte e ressurreição de Cristo, quando a preocupação dele não é religiosa.

Não que Eternite não seja religioso, ao passar pela igreja, faz o sinal da cruz e frequenta, regularmente, as missas, bem como acompanha os festejos da igreja no "período santo".

Mas, com a chegada da "Semana Santa", anuncia-se também, o advento da "*Festa dos Caretas*", e Eternite é vice-presidente da "*Associação dos Caretas de Jardim*."

Tudo tem que estar pronto: a programação da festa não pode coincidir com a programação da Igreja; o grupo de músicos tem de ser contratado; o tronco de árvore que vai servir para pendurar o Judas tem de vir de Barbalha e ficar escondida, na entrada da cidade, até a sexta-feira quando acontece a passeata do "Pau do Judas". Precisa, ainda, ajudar Luís Lemos, na montagem do boneco do Judas e divulgar a festa na imprensa.

Outros preparativos também têm seu lugar na produção da festa: as camisas que vão diferenciar o grupo de apoio nas passeatas têm que ser confeccionadas e impressas, com estampas devidamente escolhidas para o momento, o que quer dizer de acordo com o tema discutido e aprovado em reunião da Associação; precisa-se ver quem vai comprar e preparar os ingredientes para o caldo dos Caretas no sábado à noite. As bebidas, o vinho, cachaça e cervejas, não podem faltar. Tampouco o lanche para os Caretas após as passeatas de quinta e sexta-feira.

Além de tudo, tem-se que organizar as carterinhas dos associados, garantido-lhes participação na festa como manda o "regulamento".

Passar nas localidades rurais do município e garantir a presença dos seus Caretas na festa da Sede, pedir o apoio da Prefeitura e líderes políticos para proporcionar a ida e volta dos Caretas de regiões mais distante.

Um argumento bom para trazer a participação dos Caretas das localidades e da Sede, no "evento geral", são as premiações dirigidas a eles, no período da Festa, assim tem-se que buscar-se os patrocínios tanto dos empresários como do governo local.

Ufa! É muito trabalho, mas, eqüitativamente, distribuído entre os membros mais ativos da Associação.

Eternite, bastante inquieto e responsável, precisa resolver a parte organizativa que lhe cabe antes da festa, até por que durante o evento, ele não aparecerá como Eternite, membro da “Associação dos Caretas de Jardim”, mas como Careta.

Por essa razão, o jovem professor, traz mais uma preocupação nesses momentos: Qual o traje do seu Careta na festa do ano? Precisa ser original, combinar uma voz e um andar diferente para ninguém desconfiar que é ele. Qual careta usar?

Pergunta nada exclusiva dele ou mesmo do grupo de Brincantes da sede da cidade que, como Eternite, são Caretas, mas, igualmente, dos Brincantes da zona rural. Todos agitam-se e a Cidade fica em expectativa.

“Quem vai brincar?”

“Terão mulheres na brincadeira?” “Elas terão coragem?”

“Com que cara vai vir o Judas?”

Alguns, curiosos, arriscam uma olhada na “sede dos Caretas”⁹, mas tudo em vão.

Só se sabe quem o Judas representará, com que cara virá na sexta-feira, na hora da passeata, isso em se tratando do Judas exibido na sede do município. Pois, o segredo sobre a identidade que o Judas vai carregar no ano em curso da festa, não é resguardado no caso das localidades rurais que realizam o evento.

Em algumas delas, o Judas pode não representar ninguém em particular ou como no caso de Brejinho, que trouxe em 2002, o Judas simbolizando um tema, o da “Não Violência”, em lembrança a um assalto que houvera recentemente no município.

As beatas se chateiam.

A polícia se agita. A “Associação dos Caretas” faz reuniões constantes para acalmar os ânimos dos setores que torcem os narizes para a festa. (para as festas).

⁹ É a Sede da Associação dos Caretas, no centro de Cidade, no período da Festa alguns Caretas trabalham no lugar do “Casa do Alcega” ou sede dos Caretas.

Uma semana antes da abertura oficial da Festa já se escutam chocalhos!

Um...dois...silêncio!

O barulho vai e vem. São as crianças que, independentemente, da determinação de só brincar de careta a partir da "Quinta-feira Santa", já estão a caracterizar suas caretas e balançar seus chocalhos duas semanas antes do prazo. Estão a fazer música, os primeiros a anunciar a chegada da festa.

O mesmo acontece nos lugarejos de Lajinhas, Brejinho, Cacimbas, Areias, Lagoa dos Pinheiros, Boa Vista...

Devo me deter em um aspecto já apontado acima e que não pude deixar de observar desde a primeira visita ao município: a questão do lugar das crianças nos processos das festas.

A criança, sendo Caretinha ou não, tem papel importantíssimo em tais processos, como afirmação e continuação da Festa na Cidade, que divide a comunidade num leque que vai da participação com alegria à negação como elemento de arruaça ou baderna, o que leva a comentários negativos em relação aos Caretas nas praças, mas de uma minoria que na prática sai para ver e comentar o evento.

Utilizei a expressão ritual, pensava em Riviére, ao definir rito como, " Conjunto de condutas individuais e coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural). De caráter mais ou menos repetitivo, com forte, carregamento simbólico para seus atores (Riviére, 1997, p8)

A festa acontece em forma de rito. Neste sentido, continuo na esteira de Riviére, ao citar Durkheim: "Rito exprime o ritmo da vida social, da qual é o resultado. Só se reunindo é que a sociedade pode reavivar a percepção, o sentimento que tem de si mesma. (Durkheim, apud:Riviére, 1997 p8)

Em um ritual, a Cidade entrega-se à festa. Que não é apenas, como disse Miguel Morais, a principal festa do município, mas o próprio município

⁹ É a Sede da Associação dos Caretas, no centro da Cidade, no período da Festa alguns Caretas denominam o lugar de "Casa do Major" ou sede dos Caretas.

em ação ou como ainda coloca Riviére, “*É a sociedade em ato*”. Ação promovida e ensinada pelos mais experientes, pelos mais velhos aos menos experientes, aos mais jovens.

No processo de assimilação da festa como tradição particular de Jardim, os mais novos são introduzidos às coisas simples como a liberdade de locomoção dentro dos perímetros pré-determinados, e o dinheiro fornecido a eles pelos pais para que possam comprar suas máscaras.

Aqueles, que ainda não estão prontos (considerados jovens por seus pais) para andarem como Caretas, participam olhando as figuras fantásticas na rua podendo trabalhar o medo transformando-o em carinho pela festa.

Eternite, comenta sobre a participação dos pequeninos:

”Adoram! São os primeiros...que saem...Quando chega perto...de 4 semana já começam a ir atrás de chocalho. Com um pouco já de noite já começa chegar o barulho de chocalho quando a gente uma turminha de dez, quinze criança. Daí já vai entrando. Eles são os iniciais. Não se marca reunião com eles. Eles sempre já sabem que eles sempre tem um papel fundamental também as crianças, e quando chega, faltando oito dias já começa a sair os grandes.”

Ao chegar a Jardim nesta última festa(2002), dez dias antes da data oficial para o início dos festejos, com o objetivo de acompanhar o máximo possível das preparações e o clima vivenciado pela cidade, as crianças já encontravam-se em ritmo de festejos.

Mesmo na primeira vez que assisti à festa, ao chegar em um domingo pela manhã à Sede, dei de cara com um grupo de crianças Caretas que carregavam um boneco para queimá-lo em uma das ruas da cidade.

Na manhã do dia 23 de março de 2002, um Sábado, dia de feira, minha atenção foi despertada, assim que cheguei, pelo sons de chocalhos a tagarelar, acorri, encontrei vindo do meio da feira três crianças ou três “caretinhas” ou “caretas-mirins” como são denominados em Jardim.

Duas delas trajavam saias florais de comprimento até os pés com duas camisas de adultos sobrepostas, chocalhos amarrados à cinturas, por tiras grossas de couro, do tipo que se amarra no pescoço os bois e vacas, e

cacetes de madeira as mãos. A terceira criança, trajava um macacão, tipo jardineira, três vezes maior que ela e trazia uma camisa enrolada na cabeça até o pescoço. Os três portavam máscaras de monstros feitas de látex, do tipo se compra para o carnaval.

Por todo o período que permaneci na cidade minha atenção era comumente despertada por grupos de “Caretinhas” que passeavam pelas ruas. Eles encostavam-se nas pessoas na rua, praças ou bares. E com vozes de falsetes pediam um real ou um refrigerante.

“- Oh, meu “padim”, uma esmolinha por Careta.”

”- Oh, minha “madinha”, um real por Careta.”

Cenas que repetiram-se nos outros locais do município.

Em Brejinho, localidade que escolhi para acompanhar a festa mais de perto no ano de 2002, segui, durante dois dias à noite, as caminhadas de um grupo de jovens Caretas.

Percorri com eles, caminhos em meio as plantações de macaxeira, feijão e café. Eles a pé, eu de bicicleta, juntamente com Marcondes que sempre estive ao meu lado nessas incursões.

Em uma dessas noites, paramos em um sítio espaçoso, iluminado apenas por um bocal de luz pendurado na porta da frente da casa de taipa, localizada no meio do terreno, lá encontrava-se um grupo de quinze “Brincantes”, quinze caretinhas, que, pelo tamanho e atenção dispensada a eles por um grupo de mulheres sentadas no batente da casa, deviam estar entre 6 e 10 anos idades.

As mulheres davam a impressão de estarem ali para conversar enquanto os filhos brincavam. E, Marcondes, me dizia, enquanto juntava as crianças para que eu as fotografasse: “Como você vê, com esse monte de caretinha brincando a festa nunca pode se acabar.”

Outros adultos, em suas falas, entregam esta responsabilidade às crianças como continuadores e futuros articuladores da Festa dos Caretas. Seu João Salu, de 63 anos, me falou: “Careta “fi” de careta é careta legítimo mesmo. Quando você vê um crente: “- Eu sou crente!”- Seu pai é crente? “- Não!” “- Sua mãe é

crente? “- Não!” “- Pois não é crente.” É igual ao careta. O careta legítimo é “fi” de careta.”

Quando os Caretas passeiam, fazem passeata é para serem vistos pela cidade, mas a cidade também se vê nos Caretas as pessoas, sentam-se em suas cadeiras nas calçadas, chamam os menores, os visitantes e riem, fazem medo às crianças e chamam para ver o Careta passar na rua.

A introdução da alegria da Festa é entregue às crianças, dentro de certas regras aceitas pelos grupos, os dias delas são fixados antes da “Quinta-feira Santa”.

Careta começa a brincar desde criança. Ou ele gosta ou não gosta: não há meio termo. Aprendem com pais, avôs, tios, observando os mais velhos, no caso, dos meninos, pois não vi nenhuma menina Caretinha. Elas começam a brincar mais tarde, na adolescência.

Pareceu que o quadro em relações à participação das mulheres, tende a modificar-se, como mostra Jucilene, “Brinco desde os dezesseis anos...aprendi com minha mãe...Ela brinca desde mocinha.”

Enquanto conversava comigo, Jucilene segurava a filha, de um ano e seis meses, perguntei a ela se deixaria a menina brincar, “Com certeza ! Com certeza! Se ela quiser. Se ela gostar. Antes, lá no Jardim, tinham muitos pais que até batiam nas filhas porque brincavam careta. Diziam que era coisa só pra homem. Hoje, hoje não tá liberal. Quem quiser brincar vai.”

A aprendizagem da brincadeira começa muito cedo e, é comum ouvir dos “Brincantes” a afirmativa de eles terem “aprendido por eles mesmos”. Ou como explicou-me, seu Nelson de Cacimbas, “Agora de natureza mesmo. Aquilo é coisa de natureza mesmo. Não tinha quem ensinasse a gente, a gente aprendeu aquilo de natureza mesmo.”

Quando insisti perguntando-lhe como funcionava tal apreensão Seu Nelson continuou, “É...é...é, existia aquelas palhaçadas...se foi aprendendo aquelas coisas, a gente mesmo de natureza mesmo.” Ou seja, pela observação e prática da atividade.

De fato, aprende-se a brincadeira, brincando.

Mas as condições são criadas, são postas pelos adultos para que as crianças possam brincar e iniciar a aprendizagem. "... A gente aprende desde menino, né? Porque a gente ver os outros grandes, quando a gente é pequeno e ver os outros grandes brincando, a gente acaba aprendendo também. (João Geraldo, Cacimbas)

A mesma perspectiva é apontada por José de Lajinhas, "Eu aprendi sozinho. Só vendo o pessoal brincando mesmo, e fui ficando no meio." Durante todos os dias que antecederam à abertura da Festa dos Caretas, tanto na zona urbana quanto na zona rural, o território pertencera às crianças.

Foi chegar a quinta-feira, viu-se o número de crianças Brincantes desaparecer, tanto das passeatas na sede, quanto da festa na zona rural. As crianças que se viam caracterizadas de Caretas estavam acompanhadas por adultos. Nem parecia com o mundo dos dias anteriores, em que os Caretinhos invadiam os espaços do município, quando a noite caía.

Perguntei a um Brincante, em Lajinhas, o porquê da ausência das crianças trajadas na festa de derrubada do Judas na sede, respondeu-me que as crianças brincavam, antes do Domingo, ali mesmo em Lajinhas, só desciam para a cidade quando cresciam.

Também em Brejinho, como na sede, as crianças não apareceram na festa caracterizadas, para ficar naquele momento, observando a atuação adulta e aprendendo a brincar. As poucas crianças trajadas na derrubada estavam acompanhadas de perto por adultos, também fantasiados.

Comum foi encontrar pelas ruas crianças carregando, em uma das mãos, sacos plásticos com seus trajes e máscaras dentro, e, na outra mão, um chocalho. Partindo para local secreto, onde trocavam as roupas comuns pelos trajes de Careta, longe dos olhos das pessoas.

Quando os pais reconhecem seus meninos participam da "farsa" fingindo não lhes reconhecer e fingindo ter medo. Instigando os pequeninos a terem medo das criaturas inacreditáveis que circulavam pelas ruas. Os menorzinhos dando gritinhos e correndo para os braços dos adultos mais próximos.

As mais ousadas acorrem ao encontro do som dos chocalhos e depois retornam, sem fôlego, misto de medo e cansaço pela corrida, para contar com os olhos arregalados, às outras crianças que permaneceram escondidas atrás dos muros ou portas, como eram as máscaras e o tamanho dos chicotes dos grupos de Caretas que passavam, sempre exagerando, através de gestual das mãos e braços, a descrição.

Iniciava-se assim a construção da montagem do espetáculo. como estímulo à participação dos pequenos. Crianças de dois, três anos, portando máscaras de látex, seguros pelas mãos dos adultos, a caminhar pelas ruas visão costumeira ao entardecer em Jardim no período.

Era ouvir o som de chocalhos para eu correr para onde estava vindo para ver se não tinha um Careta caracterizado de maneira diferente da que tinha visto até o momento, e, por vezes, até eu reconhecer o barulho do chocalho, fui enganada por um menininho morador vizinho ao hotel de mais ou menos um e meio de idade.

O menininho passara os dias que antecederam à festa correndo na calçada, nu, portando apenas um chocalho pequeno amarrado à cintura, sendo observado pelos pais que se revezavam na de vigília.

Algumas crianças, mesmo mascaradas, choram nos braços dos pais, que as consolavam com frases do tipo: “- Careta com medo de Careta, onde já se viu?” Neste aspecto, o adulto age no sentido de fazer com que a criança entre em um processo de introspeção da idéia do Careta como alguém próximo dela.

Nas palavras de seu João Geraldo, a confirmação do processo dialógico da festa: “A gente aprende desde menino. Porque a gente ver os outros grandes. Quando a gente é pequeno e ver os outros grandes brincando a gente acaba aprendendo também. A máscara de papelão a gente já vai fazendo também. Menino sempre olha as coisa e aprende.”

Vários entrevistados falaram do medo que sentiam, quando crianças, dos Caretas, mas com o tempo foram participando e acharam engraçado, como o caso de José de Lajinhas:

“Então, esse pessoal, começou a brincar. A gente prestando atenção, a gente pequenininho, a gente ia brincar, eles faziam medo a gente, eles partiam em cima porque tinha uma coisa, tinha uma vizinha ali em cima que toda vez que os Caretas vinham, eu socava debaixo da cama... (risos) já atraindo. Aquilo foi, eu fui perdendo o medo. Porque eu pensei, só vou perder o medo se eu começar a brincar também. Aí eu comecei a brincar, aí comecei a perder o medo porque eu tava trajado. Não sentia medo dos outros. Aí não tem lógica. Mas foi assim que eu comecei...eu entrei na brincadeira.”

O mesmo me expôs Eternite:

“Olha, antigamente, quando eu olhava, eu tinha medo, e até me escondia, né. Medo daquela máscara... tinha uns 6, 7 anos. Mas aí eu fui me envolvendo, me aperfeiçoado e fui gostando mesmo, e depois que eu comecei a gostar eu fui repassando por meus colegas, meus sobrinhos, até meus sobrinhos brinca. Eu fui passando essa cultura. Pra eles irem sempre valorizando.”

As crianças, na sede de Jardim, sempre fizeram seu Judas sem grandes alardes, esse ano, o Judas delas, assim como o dos adultos, foi confeccionado por Luís Lemos.

A Festa não se move de forma independente. As crianças não poderiam ficar longe dos olhos adultos, pois a festa é uma brincadeira dos adultos, com regras determinadas por eles, mas que consegue garantir sua transmissão “intergerações”.

Não há dúvidas quanto à tentativa de controle da Festa pelo poder público, através da Associação dos Caretas. Eles parecem vigiar qualquer manifestação diferenciada da do centro da Cidade e fazem um esforço para localizar a festa em espaços determinados, com horários fixados.

Não fica fora do controle da Associação nenhum Brincantes da zona rural ou da sede, seja através da carterinha ou do controle da polícia, seja através dos lideranças políticas das localidades ou mesmo da premiação organizada e atribuída durante o período da Festa na Sede. A Associação fica sempre de olho.

Complicado é fazer as crianças obedecerem às regras e, ao mesmo tempo, fazer com que criem relações com a Festa. Até por que os adultos

não estão convencidos dos métodos para com as crianças, ou para eles mesmos. Os adultos têm que obedecer as convenções sociais, já as crianças nem tanto.

Flávio, atual Presidente da Associação diz:

“As crianças, que só é liberado mesmo, pela comissão, pela diretoria a partir da Quarta-feira santa pra brincar de Careta, mas as crianças aqui já começam um mês antes. Já tão na rua fazendo zuada. Começam antes, antes mesmo e não cansam não. Às vez termina no Domingo e na Segunda ainda tem menino aí na rua.”

É difícil manter os Caretas quietos! Sejam eles adultos, adolescentes ou crianças. Jean Duvignaud, na obra “*Festas e civilizações (1983)*”, fala em “*território*”, pensei nas passeatas dos Caretas comuns aos “Brincantes”, tanto da sede quanto da zona rural (passeatas dos Caretas, do Pau do Judas, da malhação). Duvignaud faz a reflexão sobre uma das festas do povo Pueblo, dizendo: “... translação utiliza o território comum mas, de fato ele é endereçada a cada habitante da aldeia, a quem transmite uma mensagem que não é redutível ao mero espetáculo.” (Duvignaud,1983,p88)

Nas brincadeiras de Caretas é clara a intenção de comunicação entre eles no brincar, bem como destes para com aqueles que vêem, através das passeatas, a brincadeira.

Andar, passear e ir são os verbos dos Caretas. Caminhar de um lado para o outro na cidade. Não conseguem ficar parados. De dia ou de noite não importa. A cidade toda é o palco de suas performances.

12

“De Associação nós estamos com 28 anos de organização. A Associação foi criada para que se tornasse uma espécie, digamos assim, de mola mestra, em termos de organização. Sendo hoje o seu ponto culminante...contando com aproximadamente 300 membros. E está tendo resultados. Hoje, em termos de organização, tem tido

resultados excelentes. Para se ter uma idéia, a parte de segurança e a organização melhoraram demais com essa Associação. O participante, hoje pra participar ativamente da festa, tem que portar uma carterinha e receber informações práticas em termos de responsabilidade do evento. Já não é uma preocupação assim tão grande por que o participante de hoje já brinca, se diverte, mas com a consciência da responsabilidade que tem em si.”

...

Hoje, um dos interesses também da gente é que a tradição também se estenda por toda a zona rural. E até mesmo um dos interesses grandes da própria associação é que até sirva de estímulo até mesmo a outras cidades. A partir do município de Jardim dar continuidade a esse evento. Nós temos outras cidades aqui que comemoram. Temos Crato, temos Nova Olinda e,t,c. E são coisas que a gente sabe de forma clara e objetiva que a tradição é hoje uma das peças fundamentais, né, no que se refere cultura regional. “

Quanto à “Associação dos Karetas”, os entrevistados afirmam uma existência bem antiga, mas o estatuto social da organização remete à data de 08 de agosto de 1994 (Registro de imóveis e anexos – cartório- Jardim- Ce- República Federativa do Brasil- livro n.º a-1; ordem 93; fls,09). Ou seja, sua existência vem de antes da necessidade de registro.

Arrisco a dizer que a Associação caminhou de uma informalidade até a formalidade da geração atual. Informalidade desde juntar um grupo de pessoas interessadas no acontecimento, na brincadeira e como fazer para organizá-lo, em dado tempo e espaço, até na descoberta de uma força política eleitoral no grupo.

Entre os nomes da primeira diretoria oficial encontro vários daqueles com quem conversei na sede de Jardim, entre eles: Damiana, na época diretora-presidente;¹⁰ Jamilles: Francisco Hildemberto (Nego) e Flávio Vidal da

¹⁰ Damiana Terezinha Ferreira é professora. Não cheguei a entrevistá-la, pois nos períodos que estive na cidade ela sempre tinha um problema e não podia falar comigo. Mas pude perceber sua

Silva. Os nomes citados, com exceção de Damiana, são da diretoria no período da minha pesquisa de campo. Flávio, por exemplo, era, na época do registro da entidade, primeiro suplente, agora é presidente.

O artigo 15º do estatuto reza eleições, de 2 em 2 anos, para a entidade. Acompanhando os nomes dos componentes das diretorias desde seu registro em 1994 pode-se perceber a pouca mobilidade na direção da Associação.

Amplio esse sentido de imobilidade referindo-me que as escolhas dos nomes da direção são sempre próximas ao primeiro grupo de diretores da registrada “Associação Cultural dos Karetas de Jardim – ACKJ- como foi intitulada em 1994.

Não parece existir uma real competitividade pela direção da entidade, o que a mim não espanta, pois assim parece acontecer de modo geral, nas organizações culturais e políticas atualmente, não sendo tanto restrito a esta Associação.

É patente a falta de mobilização das organizações ligadas à sociedade civil, como partidos políticos ou associações, seja de bairros ou culturais.

Não quer dizer que a Associação não tenha respaldo na sociedade de Jardim, ou mesmo na região, ao contrário. Como Luís Lemos fala são vários associados, trezentos. A partir destas, a área de influência da Associação triplica. São os parentes, vizinhos, mais aqueles Caretas que acabam “fugindo às regras” e brincam mesmo sem serem associados.

Acima falei da informalidade da Associação que, na prática, já existia antes de ser registrada, mas que, ao passar pelo processo legal no cartório, os Brincantes só puderam brincar de Careta se forem Karetas, ou seja, precisam do registro da Associação ou como eles chamam, “autorização”.

Parto do termo “organização” como sendo o objetivo principal da Associação, entendendo-a pela fala de Lemos, em termos de Segurança e manutenção do que ele denominou Tradição.

importância. Era sempre citada nas entrevistas pelos diretores da Associação atual, mesmo não sendo mais da diretoria.

E para que a Associação pudesse dar conta da “organização” da Festa, criou-se a determinação de só se poder brincar se for associado. Determinação que, aparentemente, criou vantagens para alguns dos Caretas, como José de Lajinhas:

“...Associação em Jardim, então, o Careta que participa no Jardim, que tem sua carteirista...tem uma vantagem de você brincar, atualmente, é liberado você fazer, uma coisa mesmo que você não esteja errado, se no caso, você é barrado por alguma autoridade e você tá com a sua carterinha então. Qualquer coisa a Associação vai lá e resolve. E se você não tem, então, fica mais difícil é você que tem de arcar com a sua responsabilidade.”

Ao conversar com os Caretas, a fala deles sempre vem no sentido de apontar o registro na Associação como algo importante para a brincadeira, a exemplo de José acima. Mas, na prática, ao observar a arrumação de alguns grupos para a brincadeira vê-se que parte obedece à determinação, mas ninguém desistir de brincar por falta do registro.

A Associação criou um esquema de identificação dos Caretas, através das carterinhas, como disse Luís Lemos. Ao associar-se, os Caretas recebem instruções de como podem ou não se portarem, ou seja, em que circunstâncias estão ou não amparados.

As carterinhas tanto atendem ao objetivo de regular as participações na brincadeira, para não se ter “excessos, como ao se obter os endereços dos Caretas, pode-se imaginar uma outra utilidade implícita.

Fica mais fácil buscá-los para outros tipos de eventos, sem ser apenas a “Brincadeira”, como atividades políticas partidárias. O que lembra a conversa com Miguel : “...Os políticos, que fazem a “Festa dos Caretas”, têm outra intenção ...não sei de forma mas eles têm outros interesses....”

A segunda questão apresentada, na fala de Luís Lemos, foi a tradição. Bem, neste caminho, Lemos nos aponta duas vertentes para chegar, através da tradição, aos Caretas. Uma, a zona rural e a outra, a região do Cariri.

Quanto à zona rural, a fala de Luís Lemos é clara quanto à sua importância na construção da “Festa dos Caretas”, dentro da chamada tradição da

festa. Ao mesmo tempo pode nos levar a pensar: Por que levar algo a quem já a possui? A resposta vem na própria fala de Lemos:

“...tradição começou exatamente na zona rural há longas datas. Ela veio a se organizar já muitos anos depois. E veio tem também essa característica bíblica também. Já depois que veio organizar-se.”

Pela fala de Lemos, a brincadeira de Careta vem de muito tempo, de um tempo indeterminado. Uma lonjura temporal e importante para caracterizar e relacionar a Festa com os tempos antigos, legítimo tempo da zona rural, como algo mais antigo que as cidades.

A zona rural é um marco de tempo na fala de Lemos, ligando-se aos “longos tempos” citados por ele. Fico a imaginar que antigüidade rural seria esta? Pensando no que se pode pensar como civilização e suas características: séculos XVI, XVII? Zona rural como espaço das nações nativas? E zona urbana como local dos primeiros povoamentos?

Penso que o uso do termo tradição por parte do secretário, é mais utilitário do que vivenciado. Serve mais a uma avaliação conjuntural para a festa e seu papel hoje do que para a ligação a tempos imemoriais.

Mas, ao mesmo tempo, Lemos demonstra perfeito conhecimento e harmonia com esta tradição e os acréscimos que têm sido somados a ela como, “...característica bíblica...” referindo-se à ligação da data da brincadeira com o período da “Semana Santa” e o acréscimo de figuras como o Judas, um boneco, um espantalho, “Pai Vêi”, que, aos poucos, tornara-se na “Brincadeira de Careta”, o apóstolo Judas Iscariotes.

“Ela, iniciou-se na zona rural, numa forma digamos assim, não muito consciente né. No final da colheita os agricultores costumavam comemorar a safra e dali utilizavam o próprio espantalho da roça, penduravam em uma árvore e junto com a comunidade rural faziam a comemoração da safra. Então, a comemoração era feita com uma festa, onde, no final, eles derrubavam à tiro de espigada e depois malhavam o boneco. E, foi pegando características. Foi se expandindo pela zona rural. Uma das coisas também que eles faziam era no período também da colheita, aliás quando terminava a colheita, eles saiam com o espantalho em um animal pedido donativos, ali na própria comunidade.

Na época o chamavam de “Pai Vêi”. Então, são coisas que marcam. Com certeza são peças fundamentais nos princípios históricos da “Festa dos Caretas” que jamais devem ser esquecidas. E o objetivo é exatamente esse: que a festa não passe a ser somente uma comemoração da cidade em si, mas de todo o município.”

Certas ações da Associação são primordiais para trazer os Caretas da zona rural à sede durante a programação da festa. A primeira delas é a existência de uma sede para Associação que, nos dias festivos, mantém uma infra-estrutura para receber as pessoas, seja de dia, seja de noite.

Alguns dos diretores mudam-se para sede, neste período, e regulam a distribuição de comida, bebida e colchonetes. A sede torna-se ponto de encontro para os Caretas e para outras pessoas da comunidade.

Outra ação é a premiação dada ao Careta mais original, ao mais divertido, divididos nas categorias individual e de grupo. Aquela premiação de que falou Miguel Morais que, na ocasião, tirara o terceiro lugar por uma fantasia que ele pensou ser de um paciente enfaixado, e ele foi premiado como múmia.

Dos Brincantes com que conversei, apenas para os de Areias e Lajinhas, a premiação aparece como motivo forte para deixarem suas localidades e irem à Festa da Sede. Em Areias, chegam a não precisar de transporte mandados pela Associação, por vezes, seguem o caminho a pé, mesmo.

Abaixo, a transcrição do momento que perguntei a eles sobre a premiação José Antônio, de Areias, lamentou que, em uma das Festas (2001), eles se prepararam bem, em termos de fantasias, e não ganharam por que não tinham se preocupado com a inscrição no concurso.

“Mas a gente não nos “inscrivimo”, nem nada. Aí não “ganhemo” nada não, só o trabalho de andar com um, com um dois na frente, dois atrás quando um cansava o outro pegava. Andava com um copinho, um copinho pequeno e de vez em quando queria tomar água, tinha dentro da caixa tinha a garrafa de 2 litros tinha a tomeirinha era só abrir, e tomar a água...Muita gente de Fortaleza tomava muito da água dentro da caixa.... Nós “fizemo” aqui pra levar pra lá pro Jardim. Pra participar. Que lá é o julgador.... “

Mesmo não sendo a premiação o motivo central de fazerem a composição de uma personagem com seus trajes, o fato de alguém ter dito, provavelmente um diretor, que o prêmio seria deles, os fazem agora pensar na competição e na decisão de ir/não ir e de como ir à sede participar.

O estímulo inicial de saírem de seus locais e irem à Festa da Sede pareceu-me, em Areias ser a mesma de Lajinhas: política ou seja a oportunidade de reivindicar para suas comunidades algum tipo melhoria infra-estrutural.

No caso de Areias, descrito por José Antônio, os Caretas estavam puxando uma carroça, fazendo às vezes de um animal de tração, em cima um recipiente com água, onde havia um cartaz pedindo água encanada para a localidade.

Em Lajinhas, com o outro José, o dos Santos, a questão da festa, pelo menos no espaço da Sede, como possibilidade reivindicatória é conscientemente clara na sua fala:

“...O Careta revela muita coisa...também mostra o lado crítico das coisas. Inclusive, quando você participa, quando a turma aqui participa... sempre costuma levar quando vai pra Jardim, uns cartazes falando alguma coisas, solicitando outras para tentar mostrar a sociedade...”
(José dos Santos, Lajinhas)

Diferente de Areias, eles não deixaram de fazer suas inscrições nos concursos desde que começaram a ir à Festa da Sede, e sempre são premiados, em alguma categoria. Às vezes em que estive em Jardim, nenhum outro grupo de Caretas chamou mais atenção do que eles.

Falei em grupo de Caretas, pois, para participar da Festa da Sede, a características primordial do Careta é deixada, em parte, de lado: o anonimato. Tanto os Caretas de Areias, como de outras localidade que não visitei e, mais ainda, o grupo de Lajinhas, são facilmente identificados, nas passeatas e derrubada do Judas.

Como ambos os “Josés” afirmam, os Caretas portam cartazes que são assinados com os nomes de suas localidades e se eles não são identificados particularmente, o grupo sim.

Ainda no que se refere à participação dos Caretas das localidades na Sede, outra fala de José de Lajinhas, é bastante reveladora:

“Porque é o seguinte, pra você brincar dentro da cidade, no caso na Sexta, na Quinta...a turma evita porque lá não tem como você tá, brincar mais à vontade. Então, o dia mesmo especial de brincar mesmo em Jardim é o da derrubada do Judas, nesse dia é bom.” (José dos Santos, Lajinhas)

Os Caretas das localidades, não só pela fala de José, mas pelo que observei nas “Passeatas do Judas”, não ficam mesmo à vontade. Ao contrário, o nome passeata, desfile ou mesmo procissão, parece adequar-se mais às ações que vemos da quinta até Domingo, na sede.

A indeterminação do percurso, as ações inesperadas dos Caretas das noites pelas ruas da Cidade e do campo, desaparecem em nome da organização. Eles desfilam com seus trajes, e, em muito, lembram as procissões da Igreja, realizadas em outros horários na Cidade, no mesmo período.

Os trajes são diferentes e, ao invés de carregarem imagens de santos, carrega-se o Judas no andor. Em uma das vezes que conversava, informalmente, com um ex-Careta, agora evangélico, ele disse-me que hoje não aceitava a brincadeira de Careta, pois entendera que os Caretas honravam o Judas mais que a Cristo na “Semana Santa”.

Opções religiosas à parte, o ex-Careta, realiza uma aproximação entre a prática da Festa na Sede e o ritual religioso do período, aparentemente tão distante, mas bem próximo, na prática.

Os trajes são diferenciadores, mas não porque os Caretas estão fantasiados e os religiosos não, ao contrário, todos estão trajados extra-cotidianamente.

No caso do ritual da Igreja, tem-se a procissão do "Senhor Morto", realizada na noite de quinta-feira, momento em que não se avista ou ouve nenhum Careta, até por volta das 20 horas. (os Caretas passaram mais cedo)

A "Procissão do Encontro" divide-se em dois grupos, um saindo da escola Aduino Bezerra (Vizinha à Associação) com os alunos carregando a representação do Cristo e o outro grupo saindo da Escola Simão Romão (lado contrário da Associação), trazendo a imagem de Nossa Senhora das Dores, santa de devoção do Padre Cícero. As procissões encontram-se em frente da igreja matriz entram e inicia-se a missa.

As imagens são carregadas por jovens rapazes, em fila. Cercando a imagem de Nossa Senhora, doze senhoras idosas, com trajes nas cores branco e vermelho. Cercando a imagem de Cristo, doze senhores idosos vestido com roupas em preto e vermelho, estando homens e mulheres em duas filas separadas.

A maioria dos acompanhantes da procissão são os jovens estudantes com as respectivas fardas de suas escolas. Ao passar pelas ruas, outras pessoas seguem a procissão, em silêncio, devagar, plácidas e em ordem. O único som vinha de um carro e era uma voz masculina emitindo canções religiosas.

Na "Sexta-feira Santa", pela manhã, a "Via Sacra" tem 14 estações simbolizadas por certas casas, previamente diferenciadas por altares em suas portas e janelas, onde o padre parava para ler a Bíblia e falar da campanha da Fraternidade que naquele ano teve o tema, "Terra sem males".

Outras casas tinham toalhas brancas, seguras por jarros de plantas em suas janelas, imagens de santos expostos na calçada, e os moradores assistiam sentados, em cadeiras no passeio e outros somavam-se à procissão. Estavam em cena novamente, os grupos de idosos da "Procissão do Encontro", da noite anterior.

Nada mais "natural" a influência da procissão, conseqüentemente da Igreja Católica, na organização da Festa na Cidade. A Fé

católica é, desde o período colonial e permanece como forte na visão de mundo das pessoas no Brasil como um todo.

E a Festa acompanha, na sua organização, as formas apresentadas desde lá muito pelos padres, aqui chegados para catequizar e disciplinar a relação entre homem-Deus e entre homem e sociedade.

Olhando os Caretas de Lajinhas, por exemplo (2002) não pude deixar de lembrar as senhoras e senhores da "Procissão do Encontro", em grupo, eretos, plácidos, caminhando para serem vistos, qualquer brincadeira. Era preciso fazer boa figura, marcar presença e desfilar.

Nas procissões, as pessoas de fora apenas olham com respeito a demonstração de fé daqueles indivíduos. Nas passeatas do Judas, as pessoas reagem com riso. Mas o deboche não é um ato de desrespeito, pelo contrário.

O sorrir, o debochar, são objetivos almejados pelos Caretas junto aqueles que os observam e existe respeito por aqueles que se trajam e saem às ruas. Palavras de discordâncias podem ser ouvidas, mas palavras de sentido semelhante também são pronunciadas em relação às procissões da Igreja.

As passeatas do Judas são um ato político, mas também de fé. Sem saberem ao certo a origem, o porquê de suas participações, eles apenas participam, sem buscarem explicações e acreditam que a Brincadeira é importante para eles e para a Cidade.

Igreja, fé e Festa: instituição, atitude e evento aparentemente diversos, trazendo junções.

Pois o que é a religião?

E o que é uma festa?

Ambas trazem as necessidades do "vínculo". Mas vínculo com o quê? Ou com quem? Quanto à religião, Marilena Chauí, responde: "*vínculo entre o mundo profano e o sagrado.*" (Chauí,1995,p298)

O profano é o mundo da natureza (fogo, água, terra, ar, fauna, flora, minerais e humanos), e o sagrado é o mundo das divindades que habitam ou a natureza ou em um lugar fora dela.

E o que a Sociedade humana de acordo com a complexidade que vai adquirindo, vai dividindo e subdividido, práticas religiosas ou culturais como a "Festa dos Caretas", expõe de maneira sólida e unificada. A divisão entre profano e sagrado aparece mais no ponto de vista didático do que prático.

Mircea Eliade, expõe a idéia da festa como atualização do ser humano com o tempo das origens, isso por meio de rituais, tão cuidadosamente mantidos (pensado que são mantidos), que acabam-se tornando sagrados.

Tanto a religião como a festa têm o desejo da imutabilidade, ou de eternidade e ligação com as divindades. Ao se pedir a ambas explicações de como surgiram vêm respostas, já apontadas em outros momentos do texto: "vem do começo do mundo", "...da época de Jesus"...

Outro autor, Jean- Jacques Wunenburge faz uma reflexão bastante apropriada também à Festa dos Caretas:

...."...verifica na conjugação dos 3 elementos, a via de acesso dos homens na esfera do sagrado. Através da festa e/ou no rito, a coletividade apropria-se dos mitos, utilizando-o, repetindo-os ritualmente ou inserindo-os na cerimônia festiva, estabelecendo um hiato na vida ordinária, irradiando-a pela transcendência sacralizada...cenário lúdico...mediador entre os homens e o sagrado, não somente por fazer os deuses reviverem, mas santificando e purificando o mundo profano, permitindo a regeneração do cotidiano na festa depois de tê-lo inserido na circulação interior das forças cosmogônicas." (Wunenburge, apud Rivière, 1997, p39)

Em duas manifestações, de início tão opostas, a necessidade de manter o vínculo com as origens, com as divindades de outrora, passa ser elemento de aproximação, portanto passíveis de nas suas práticas trazerem elementos uma da outra e de aceitas pela comunidade.

E explica o porquê da luta inglória do clero de querer expurgar a Festa dos Caretas e ter acabado por esquecer a rivalidade, ajeitando as coisas, horários, trajetos.

Mas não apenas a necessidade do vínculo move as junções na festa dos Caretas na Sede: ligando-se à maneira da Igreja Católica promover suas procissões ficava menos difícil regular os Caretas.

A Associação tem-se valido da ligação das duas manifestações para regular o evento na Sede, principalmente, mas também nas outras localidades, pois a Sede finaliza por influenciar a todos, em um modelo que, aparentemente, que deu certo.

Cito os trabalhos de duas pesquisadoras a respeito de processos de “civilização” ou organização de uma outra festa importante e de maior amplitude no Brasil: o Carnaval. Nos serve para perceber como vão se dando os aspectos de regulação de algo transgressor ou mesmo a transformação ou invenção de uma tradição, utilizando a expressão de E. Hobsbawm (1997)

Maria Clementina Cunha, em “Ecos da Folia”,(2001) analisa os esforços e o sucesso de uma elite, no século XIX do Rio de Janeiro, em transformar as práticas do Entrudo carnavalesco dos cariocas em algo mais apropriado ao modelo de tal elite.

Antes, ainda segundo Clementina Cunha, “Entrudo” como sinônimo de Carnaval, passa, a partir do metade do século XIX, a representar algo ligado a práticas rudes de setores da classe baixa e inculta. E o Carnaval, ao contrário, como algo verdadeiramente representativo da cultura brasileira, através das “Sociedades Carnavalescas”, e, posteriormente, das “Escolas de Samba”.

Mas tal “civilização”, referendada por práticas de uma elite europeia no final do século XIX, não se restringiu à capital carioca. Catarina Maria de Saboya Oliveira em “Fortaleza: Velhos Carnavais”(1997) , mostra que, na capital cearense, em igual período, predominou um mesmo tipo de preocupação, por parte dos setores letrados da sociedade fortalezense, no que a autora define como afirmação do “Carnaval Veneziano” com as “Sociedades Carnavalescas” substituindo o “Entrudo”.

“As primeiras referências ao Entrudo em Fortaleza encontra-se nos comentários depreciativos de João Brígido (1829-1921) que, por sua primazia e força descritiva, tornaram-se citações obrigatória, retomadas por vários cronistas de nosso carnaval.” (Oliveira, 1997,p32)

Não quer dizer, que não existisse as brincadeiras de rua no período que antecede à “Quaresma” em Fortaleza, antes 1868. Mas esta é a

“Denomina-se Entrudo, popularmente intuído, o antigo carnaval português...tais práticas, com variações regionais e temporais, incluíam aspersão de água, outros líquidos e de farinha de trigo e pós...grupos de mascarados; canções e danças. Outros elementos constantes eram os bonecos representando o Carnaval, um comilão e beberrão gordo, alegre e sensual...e agressões verbais (insultos e músicas grosserias).” (Oliveira,1997,p29)

Chama a atenção nas descrições mostradas por Caterina Oliveira, a respeito dos Entrudos, a presença de figuras denominadas “Papangus”, tão semelhantes aos Caretas de Jardim, a mesma denominação presente, hoje, nas brincadeiras de caretas no litoral cearense e no interior de Pernambuco.

“...a figura do Papangu e o uso de máscaras....vestidos com camisolões ou dominós (espécie de batina com capuz, ornada de guizos e de variadas cores), isolados ou em grupos, andavam pelas ruas, a dizer graças e perguntar em voz de falsete: Você me conhece?... foram figuras obrigatórias em Fortaleza até seu desaparecimento nas primeiras décadas do século...”(Oliveira,1997,p35)

Os Papangus não brincam mais em Fortaleza. Expulsos do centro da capital refugiam-se nas pequenas cidades do interior do Estado.

As vestes dos Papangus, segundo de Caterina Oliveira, assemelham-se à dos Caretas de Jardim ou à dos Papangus do litoral e, é de se notar ainda a pergunta formulada pelos mascarados tanto em Fortaleza como no Rio de Janeiro no final do século XIX, como colocam Clementina e Caterina: “Você me Conhece?”

Pergunta substituída, nas brincadeiras cearenses, pelo pedido: “Meu padrim ou madinha me arranje uma esmolinha, por favor!” Ambas as expressões aproximam o mascarado do interceptado.

A reação ao mascarado pode, antes e agora, ser demonstrada, tanto pela gozação como pelo medo das crianças. A ele é permitida a crítica à ordem local, às autoridades políticas e religiosas, ou aos “bons costumes”.

“...mistura de divertimento e medo que os Papangus despertavam nas crianças...muitas vezes munidos de chicotes, fosse para defesa (cachorros) ou para fustigar aqueles que tentassem levantar-lhes o capuz...” (Oliveira,1997,p36)

“Alguns Papangus ou máscaras tradicionais marcavam em Fortaleza exercendo, por vezes, crítica política...” (Oliveira,1997,p37)

Pelo trabalho de Caterina, percebe-se que, já no início do século XX, a respeito dos entrudos e dos mascarados Papangus, já predominava uma visão negativa, ao sumirem das colunas dos jornais, anúncios de tecidos para confecção de suas fantasias.

Paralelamente, tem-se a constância de crônicas jornalísticas com apelos moralizantes às autoridades e à população, à respeito do comportamento pernicioso dos mascarados.

Recordemos a fala de Luís Lemos sobre a participação da Associação em organizar os Caretas, com a intenção de cadastrá-los e regular suas participações em roteiros e datas fixas, além de ditar comportamentos “aceitáveis”. Sobre o sucesso desta regulação o próprio Lemos diz: “...Já não é uma preocupação assim tão grande por que o participante de hoje já brinca, se diverte, mas com a consciência da responsabilidade que tem em si.”

Houve uma época em que os Caretas de Jardim, para serem considerados bons caretas tinham, além do traje, que realizar algumas ações, como por exemplo, pequenos furtos de galinha, ovos, cachaça. E, que eram trazidos ao grupo e divididos em uma grande comemoração.

Utilizado a imaginação pode-se reviver, de certa forma, o “Coletivismo” dos primitivos grupos de seres humanos em tempos longínquos. Caçando, coletado, colhendo e comemorando a vida em grupo.

Uma outra ação antiga dos Caretas procede de uma época em que cada grupo de amigos se trajava e tinha seu Judas próprio, cujo divertimento era roubar o Judas do grupo “rival”. Caso, o Judas estivesse bem vigiado, tudo podia acabar em briga.

Nada disso existe mais. Mesmo o Judas das Crianças que, em 2001, era feito por elas e queimados na hora que elas determinavam, nos anos posteriores, a própria Associação está confeccionado e malhando-o junto com o boneco dos adultos.

Talvez, se não existissem divergências políticas entre as pessoas das localidades como Brejinho ou mesmo Lajinhas com o grupo da Sede a festa já teria sido unificada, com apenas um Judas para todo o município.

Tudo dentro da regulação de como se deve participar da brincadeira, que vem sendo montada pela “Associação dos Caretas”, nesses 27 anos. E arrisco a dizer que tal regulação atinge seu auge com a atual grupo de diretores, desde o registro em cartório.

13

Ainda sobre a fala de Luís Lemos, um segundo aspecto aparece, o da importância da Festa para a região do Cariri. Lemos apresenta os Caretas dentro do que constrói como “cultura regional”.

Cultura com energia bastante para despertar o fluxo de pessoas de outras regiões do Ceará e outros Estados do país para apreciarem estas manifestações. Ou seja, a elaboração de um conjunto de manifestações, entre elas, a Festa dos Caretas, como recurso turístico.

Talvez Miguel Morais, o compositor, e o grupo de direção da Associação tenham mais em comum do que Miguel queira admitir. Ambos enxergam a Festa como algo peculiar e de forte atração para o turismo. A discordância parece ser o foco. Luís Lemos parece dar ênfase à “Festa dos Caretas” e Miguel tem como foco os próprios Caretas.

Na verdade ambos atendem a uma tendência dos últimos anos em apresentar as manifestações populares como algo que pode ser organizado, empacotado e vendido.

Na conjuntura sócio-econômica da globalização, tende-se a certa homogeneização, não só de mercadorias, mas da cultura. Ao mesmo tempo, grupos caracterizados com o pós-modernos, utilizaram-se de um discurso contrário em que é necessário olhar mais para própria cultura para resistir à invasão da cultura dominante.

Estamos de fato mais preocupados com os nossos modos de ser, mas dentro do atual contexto acabamos adquirindo uma visão transformadora dos modos de ser de outros em embalagem bonitinha e vendável, em um mercado consumidor ávido, não pelas identidades mas pelo peculiar, esquisito, aquilo que se olha não para pensar no que somos, fomos e queremos ser, mas aquilo que nos é estranho e distante.

Na sede de Jardim a Festa inicia-se, oficialmente, na “Quinta-feira Santa”. Nesse dia é diferente dos outros dias e a maioria dos Caretas que andam pelas ruas são adultos.

Algumas crianças são vistas pela rua ou na sede da Associação, com seus saquinhos de plástico à mão, mas não se atrevem a colocar a roupa. Algo lhes diz que suas participações chegaram ao fim. O saco à mão parece ser apenas resistência à idéia de um final.

A movimentação na sede da Associação é grande, por todos os dias, de Quinta a Domingo. O ambiente com o carro de som à porta tocando a música do momento, em 2001 (28/03), a voz era da cantora baiana Ivete Sangalo, com “Vai rolar a festa”, fez-me lembrar de Miguel e pude compreender seus sentimentos em relação às escolhas dos diretores da entidade.

Dentro da sede, uma exposição de fotografias de festas passadas são expostas nas paredes do prédio cercando grupos de homens que estão a bebericar cachaça e cervejas, entregues por diretores da Associação, vindos de dentro de uma sala com a porta trancada com uma placa, “reservada à diretoria”.

Ali, dentro da sede, a animação musical muda de ritmo. É dada por um grupo de músicos com sanfona, triângulo e zabumba, que irão acompanhar todos os momentos da festa, inclusive das passeatas, assim como o carro de som. Tocam forró e alguns homens ali, já alegres, ensaiam passos de dança.

Todo o evento é registrado pela “Associação dos Caretas”, com filmagens e fotografias, por equipes contratadas para isso. Foi interessante observar, por exemplo, o trabalho, em 2002, de uma moça que filmava no local.

Logo que ela chegou, saiu um rapaz trajado de Careta e encaminhou-se para uma parte de descampado, ao lado do prédio da Associação, e logo grupos de pessoas curiosas apareceram. O Careta fez pose para a câmara, que envolvia um contorcionismo elaborado de sua parte. Movimentos do corpo se agachando, se levantando, pulando. Ele repetiu os gestos, um bom número de vezes, e trocava os trajes. Ela sempre filmando e outros tirando fotografias.

Na Quinta-feira acontece a passeata do "Pau-do-Judas". Todos caminham da sede, pela Avenida Walter Roriz, até a saída da zona urbana (2km). Chega-se a uma casa branca, à beira da estrada, onde nos aguardavam dois troncos de árvore.

A partir de 2001, um dos diretores da "Associação dos Karetas", o Nego, explicou-me que os Caretinhos iam ter também o Judas deles, ao lado do Judas dos adultos, confeccionados por Luís Lemos.

Portanto, a passeata levaria dois paus de Judas, dois troncos de eucaliptos de dimensões diferentes. Para as crianças, um tronco com a metade do tamanho do "Pau do Judas" dos adultos. Acrescentou Nego: "Esse ano vamos fazer o Judas das crianças igual aos dos adultos, pois, quando Deus tirar a gente, eles ficam cuidando."

O tronco menor vinha à frente da passeata, seguido de perto pelo grupo de homens com o tronco maior, que o carregava com muita dificuldade, sendo incentivados pelas pessoas que dançavam ao som dos músicos que estavam há pouco animando a sede.

Já o grupo que carregava o tronco menor destacou-se pela alegria e coreografia, ao som da música e voz vindas do carro. O rapaz do carro do som dava o comando de acordo com o ritmo da música: "Direita, esquerda, Upa!" Ao comando "upa", o grupo mudava o tronco de ombro.

O pessoal que carregava o tronco maior tinha mais trabalho. Mantinha um homem na ponta da frente do pau para, nas descidas, freiar o peso que ameaçava escapar para frente.

Caminhamos pelo núcleo da cidade, voltando pela Avenida Walter Roriz, passando pela Coronel Teodoro Sampaio, entramos à direita na

Leonel Alencar, continuamos pela rua 03 de Janeiro paralela à sede da Associação, para subimos para o Morro do Tetéu, onde foram ficados os dois troncos em meios a círculos. O trajeto possibilita arrodrear o centro de Jardim, sem passar pela igreja matriz.

Ao passarmos pelas ruas, as pessoas assistiam da porta de suas casa, ou em grupos, sentados em cadeiras nas calçadas. Outros somavam-se a passeata.

Depois dos troncos serem fixados ao chão, os grupos de Caretas foram encaminhados pelos organizados para a sede da Associação, onde foram distribuído para eles sanduíches, sucos, vinho e cerveja.

Era o fim da festa naquele dia. O que não quer dizer que, à noite, os Caretas não andassem pelas ruas da cidade.

Importante lembrar que os homens que levavam os "Paus-Judas" não eram os caretas, estes seguiam dentro da passeata, sem qualquer preocupação, além de mostrar-se às pessoas que olhavam para o desfile. Os Caretas são os protagonistas da festa.

14

Na Sexta-feira, novamente à tarde, a movimentação na sede da "Associação dos Karetas" era grande, como a expectativa para saber com que cara vem o Judas (os Judas).

Nego chama os Caretas e as outras pessoas para fora da sede e, de lá, todos vimos a saída, do primeiro boneco; logo atrás, o boneco grande: são os Judas. Bem, as especulações do ano fizeram-se corretas: é o "Bin-ladem". Melhor dizendo, os Bins-ladens, pois, o boneco menor tem a mesma aparência do boneco maior.

Todos aplaudem! E procuram se aproximar dos bonecos, mas a passeata dá início ao comando do rapaz do carro de som e, novamente, fazemos

o trajeto do dia anterior, ao som de canções baianas e do grupo de músicos de zabumba.

O número de pessoas, ao longo do trajeto, é maior que o do dia anterior, e as pessoas acorrem para mais próximo dos bonecos, para determinar quem é o Judas. Os sorrisos são inevitáveis.

Subimos, novamente, o Morro do Tetéu e lá os troncos esperam, protegidos por um círculo feito de folhas de coqueiros, os Caretas entram no círculo, enquanto um organizador amarra os dois bonecos para a subida ao tronco, ocupando o espaço do círculo chamado de sítio do Judas.

Também em círculo, os Caretas batem seus chocalhos, enquanto os Judas sobem e devem ficar pendurados até o domingo.

O Morro do Tetéu mudou desde do dia anterior. Tem-se agora várias barracas para venda de bebidas e comidas e o som do forró é constante. A festa acontece à noite toda, no que eles denominam "O Forró dos Caretas". Mas a maioria das pessoas não são mais Caretas. Os Caretas descem até a Associação onde recarregam as forças com um caldo servido pela Associação.

15

Sábado é o dia da feira do município e os Caretas, perturbam feirantes e freqüentadores com os sons, brincadeiras e pedidos.

Durante o dia as pessoas fazem ora o caminho do morro do Tetéu, para ver os Judas; ora o caminho da sede da "Associação dos Caretas". Na Associação, visitam a exposição de fotos e encontram pessoas de outras localidades. Bebericam, comentando as passeatas dos dias anteriores, fazem comparações com outras festas e discutem a escolha da cara do Judas.

Na programação oficial, sábado é o dia do "Forró dos Caretas", no Morro do Tetéu, logo mais à noite. Bem, o espaço recheado de pessoas

bebendo e dançando ao som de um trio elétrico, em cima do qual estão três bailarinos, um homem e duas mulheres.

Os bailarinos estão vestidos à moda árabe, pois, em 2001, a novela "O Clone" da "Rede Globo" fazia muito sucesso, e o enredo do folhetim envolvendo a cultura muçulmana, é justamente o que inspira a vestimenta dos bailarinos na festa dos Caretas de Jardim.

Não posso deixar de observar a falta de harmonia entre o estereótipo de dançarino árabe e o biótipo dos três jovens em cima do trio elétrico. Parece uma caricatura.

Andando mais pelo espaço as barracas, o som era de tocavam músicas de forró e os poucos Caretas presentes no morro estavam bêbados.

16

A manhã pós "Forró dos Caretas" amanhece preguiçosa. Quase ninguém nas ruas. Silêncio que dura até a hora do almoço. Escutam-se os primeiros chocalhos. Algumas crianças ainda carregam seus sacos plásticos com as suas roupas de Caretas, mas não se atrevem a vesti-las e estão sempre por perto da sede da Associação.

17

Por volta de 1 hora da tarde as cenas se repetem, na sede da Associação. O carro de som toca "Axé-music" em frente, os músicos estão dentro da sede, os Caretas, vão e vêm e há grupos de homens bebendo. Existe uma pressa por parte de alguns diretores da Associação, no preparo da passeata, que vai levar o Judas pelas ruas do centro da Cidade.

Chega o momento e os Judas voltam para cima de seus respectivos carros e repetem, pela última vez naquele ano, seu caminho pelas ruas da cidade, arrastando mais pessoas que nos dias anteriores na "procissão" até o morro.

Nem todas as pessoas acompanham a passeata; algumas delas olham e apenas comentam. As crianças, pequenas ainda para acompanhar

a passeata, arregalam os olhos e apertam o pescoço de seus progenitores ou a barra da saia da avó.

Algumas das pessoas “mangam” e dizem não saberem como um adulto tem tamanha coragem de vestir-se daquele jeito apontando para um Careta vestido com roupas de mulher e com uma máscara de plástico. Uma outra pessoa argumenta dizendo que aquilo tudo existe há muito tempo e é bom que tenham pessoas dispostas a conservar a tradição.

A passeata segue...

De volta ao Morro do Tetéu, os Judas são novamente pendurados, pelos seus pescoços, nos troncos de eucaliptos, fazem o papel de mastros.

Os Caretas fazem um círculo, em torno dos Judas, soam seus chocalhos, ao mesmo tempo, e começa a queima dos Judas, através de um sistema acionado por um rapaz fora do círculo ou sítio dos Judas.

Os Judas queimam, acabam por cair e antes mesmo de chegar ao solo, os Caretas correm para cima dos bonecos e os destroçam.

Os Judas morreram. Acabou a festa daquele ano.

17

Entre as localidades visitadas durante o trabalho de campo, acabei por centrar-me, na Serra de Brejinho, e mais na família dos “Salus”. Lá conversei tanto com jovens Caretas assim como fiz na Sede e demais localidades mas acrescentei as conversas com velhos ex-Caretas.

Não que os “Salus” sejam a única família a realizar a brincadeira ou os únicos Caretas da Serra, mas devido à questões financeiras e de tempo, procurei diminuir o alvo para facilitar a análise.

Escolhir os “Salus” pois foram sempre apontados, seja na sede ou em outras localidades, como referência da melhor “Festa dos Caretas” na zona rural do município.

Entrevistando Fernando (2001), o filho mais jovem de seu Zezinho, ficou-me a impressão que a Brincadeira em Brejinho faria frente ou queria fazer-se alternativa à festa da Sede.

E, é claro, contou bastante o fato de ter sido recebida por aquela família com imensa receptividade, a ponto de ter sempre a ajuda de todos quando precisei.

A Brincadeira, em Brejinho começa no “Domingo de Ramos” e vai até o domingo seguinte, o da morte do Judas. São oito dias de andanças noturnas dos Caretas de sítio em sítio esticando-se por vezes a outras localidades do município.

Pedindo esmolas e participando de festas promovidas pelos donos de sítios ou em barzinhos. Ou ainda, em casa de agricultores que aproveitam a ocasião para tirarem um dinheiro a mais no período, vendendo bebidas e tira-gostos.

Fernando, orgulha-se da festa feita por eles na localidade, pois em Brejinho tem tudo. As passeatas, jogos durante o dia, a malhação do Judas e o Forró dos Caretas. Tem até uma divulgação com um cartaz fotocopiado exposto nas paredes de locais da Serra.

Com os Caretas da Serra do Brejinho tive a oportunidade de conversar com Caretas idosos e, assim pude acompanhar as construções de memória da brincadeira de Careta naquele lugar e a sua relação com a festa na sede de Jardim.

Pensei em dividir minha escrita sobre Brejinho em dois momentos: um em conversas com os mais jovens que realizam a festa atualmente; e em um segundo momento com as conversas com os mais velhos da família Salu que fizeram a brincadeira dos Caretas em outros tempos. Mas com o andar das entrevistas pude notar que não fazia sentido separar o que na prática é unido.

Iniciei a conversa com Marcondes em um dos cômodos do “Hotel Municipal”, no centro da Sede da Cidade, onde eu estava hospedada, o rapaz atendeu o meu chamado, pois já havia passado por sua casa diversas vezes e não conseguira falar com ele.

Perguntei-lhe sobre o seu trabalho e de que viviam as famílias na Serra de Brejinho, queria ter a confirmação de informações que havia colhido e também procurar saber além da “brincadeira”. Mas de repente o jovem Careta impacientou-se e disse-me em tom definidor que deveríamos falar dos Caretas que eram bem mais importantes para aquela conversa. E, iniciou, apresentando com suas palavras a “Brincadeira dos Caretas”, em Brejinho:

“Eu sou Careta há 20 anos e só deixarei de ser Careta quando morrer. Comecei pequeno! Era uma manifestação cultural que a gente conhecia desde nossos avós. Comecei pequeno vendo o pessoal brincar. Pequeno via o pessoal brincar. Gostei da brincadeira! Continuei. E até hoje continuo.

- Faço parte dessa “Associação de Careta” de Jardim também. Colaboro nesse sentido aí. A nossa festa...a organização eu, eu,...nós não temos patrocinadores. Temos alguns apoios de alguns amigos que eles sempre dão uma ajuda. Sempre nesses últimos 4 anos um amigo Zé de Otávio das Cacimbas vem cedendo o “Pau do Judas” nosso. Temos o menino aqui do J.J Vestibular sempre me dão um apoio na questão da divulgação.

- Luisinho, o secretário de Cultura, aqui também. Ele sempre dá assim umas, às vezes, quando a gente entra em contato melhor, ele já fornece o gesso do Judas. Ultimamente os recursos vem fraco....

- A programação desse ano nós fizemos uma programação, diferente. Nossos Caretas brincam 8 dias. Aqui no Jardim só começa na Sexta-feira, e nós não. A partir de amanhã à noite...os meninos já começam hoje. No Sábado, da meia noite do Sábado pra o Domingo a gente leva os ensaios noturnos, sempre à noite até a Quinta-feira. Depois na Quinta-feira a gente começa brincando de dia.

- E o Judas da nossa localidade ele é muito importante, ele promove muito um intercâmbio, uma integração entre as populações. Nós temos 3 a 4 localidades, os Caretas da Serra do Brejinho se deslocam 6km, 8km e vai trajado pra arrecadar algum alimento, alguma coisa pro Judas. E muitas pessoas antes já convidam:

- Apareça Careta que tem um peixe pra você, que tem uma cana, que tem uma alimentação, um vinho.”

- Então é importante. Hoje devido a violência também tem os contra. Pessoas que não gostam dos Caretas. Quando a gente chega na casa ele pensa que é um inimigo dele se aproveitando dos Caretas. E a gente tenta o máximo evitar isso, pessoas que têm algum problema a gente não aceita na nossa brincadeira. Se o Careta dentro da nossa organização por ventura vier maltratar uma pessoa agente faz tudo pra punir ele dentro da lei, né.

- Eu não sou a favor que uma pessoa use o Careta, use a brincadeira pra fazer serviço obscuro. Dentro da filosofia do Careta, então tanto no Jardim, a brincadeira em jardim como dentro dos sítios ela sempre tem essa advertência.”

A fala de Marcondes dá o que pensar. Não só o conteúdo mas o jeito, a determinação que demonstrou ao explicar o que é a Brincadeira/Festa de Caretas. Qual o seu significado, o sentimento da “Brincadeira” para a comunidade de Brejinho.

Tanto na conversa que tive com Fernando (irmão mais moço) e seu Zezinho (pai) ambos apontaram Marcondes como àquele que teria o que contar-me. Mesmo assim, ele, Marcondes, inicia por qualifica-se para falar da Brincadeira de Careta na Serra de Brejinho. “Eu sou Careta há 20 anos e só deixarei de ser Careta quando morrer. Comecei pequeno!

O tempo é marca importante na auto-qualificação do jovem Careta. Ele tendo a determinação de só pára de brincar com a sua morte traz na entrelinhas a responsabilidade de continuar a brincadeira.

E tendo ele aprendido com os mais velhos o faz também “professor” da geração atual. Assim, a aprendizagem é outro elemento de qualificação para ele falar e organizar a brincadeira.

Outro ponto que Marcondes logo de início deixa claro é a sua relação com a “Associação dos Caretas”, Faço parte dessa “Associação de Careta” de Jardim também. Colaboro nesse sentido ai...” Bom lembrar que os Caretas de Brejinho não descem à Sede para a festa.

Mais dois outros pontos são esclarecidos: primeiro, o papel de Luís Lemos, a sua ajuda a festa na Serra com o fornecimento do gesso para

confecção do Judas e a mínima infra-estrutura cedidas pela amizade tanto do dono do curso pré-vestibular da região como da madeira que serve de forca ao Judas cedido por um dono de um sítio em Cacimbas.

Os pontos acima são ditos de forma rápida e curta e a falação do Careta prossegue, dando mais detalhes sobre o que de primeira Marcondes denomina de "nossa festa". Descreve os processos da "Festa no Brejinho" em contraponto a festa na sede, "Jardim".

Marcondes arruma sua fala com elegância mas nota-se brechas de discordância que ele não defini em sua falação, como a nítida separação "nossa festa" e a festa de Jardim, a lembrança da falta de recursos nos últimos tempos, e ainda a quantidade de dias da brincadeira na Serra qualificando-a como melhor. Pode-se perceber a dinâmica do conflito, talvez entre zona urbana e rural com interesses de grupos sociais diferentes entre si.

Sua fala apresenta ainda uma preocupação freqüente em outras falações de pessoas que organizam a festa/brincadeira, a questão da violência que é real por um lado, pois o Careta mascarado pode aproveitar-se do disfarce para vingar-se de alguma mal "querência". No entanto, os organizadores da brincadeira em cima da Serra conhecem os participantes, ao notarem Caretas diferentes fazem uma discreta abordagem para obtenção da identificação.

Mas o que chama mais a atenção no pronunciamento de Marcondes é a importância da Brincadeira, em particular do Judas para a interação da comunidade. Como ele chama: "interação", "integração" das populações das 3 ou 4 localidades da Serra do Brejinho. Com a desculpa de arrecadar mantimentos para o Judas os Caretas andam vários quilômetros, e por vezes são recebidos com festa.

O trajeto dos Caretas na Serra do Brejinho ocorre durante sete dias. É um trajeto entre sítios marcado por um deslocamento de todo um grupo de Caretas. Mas nada impede de um Careta trocar de caminho. Encontrar-se com outro grupo de Caretas segui-lo. Mas não pareceu-me ser comum tal atitude prevalece um cuidado em manter-se em grupos conhecidos.

O caminho é feito sempre com muito barulho. Todos os Caretas soando o máximo possível seus chocalhos. Apesar da escuridão da noite impossível ser pego desprevenido.

Ao chegarem ao sítio, ao um bar à beira da estrada, a atitude do bando é sempre de “gaiatice”, mas nada é feito por eles que machuque ou ofenda a alguém. Pedem bebidas, comida e são atendidos.

Dançam forró. Às vezes com uma mulher mais desembaraçada mas na maioria das ocasiões são dois Caretas que arrastam agarrados passos da dança. Muitos desses momentos ocorrem nos quintais da casa e a poeira sobe.

Mas os Caretas não passam muito tempo em um lugar. Minutos depois da chegada já se ver um Careta batendo no braço de outro, fazendo gesto para reiniciarem a jornada.

De início é fácil segui-los tanto pelo barulho dos chocalhos como pelo som dos latidos dos cachorros, mas basta um pouco de desatenção e pronto, cadê? Surgir um novo grupo e o antigo só ressurgir mais tarde.

Necessário repetir que em tese as andanças dos Caretas têm o objetivo de arrecadar bens para o “Sítio do Judas”, mas na prática não dá para carregar nada nesses momentos. As “esmolos” que arrecadam são bens nada duráveis como cachaça e algum tira-gosto.

Mas, não por isso, o “Sítio do Judas” fica vazio. Pessoas vão deixar na casa de seu Zezinho mantimentos para o Judas. Carros param na estrada, buzina e entregam cacho de banana, abóbora, litros de bebida alcoólica e outros.

No mês de março de 2002, na companhia de Marcondes que conseguira uma moto emprestada, fomos em busca dos velhos Caretas da Serra de Brejinho.

Tarefa gratificante não apenas pelo conteúdo das conversas mas pela aproximação com a sensibilidade daquelas pessoas que só assim foi-me possível conhecer.

Pude constatar o apreço e respeito de Marcondes pelos antigos Caretas de sua família. Cheios de histórias e amor à brincadeira. Marcondes

puxava a entrevista enquanto mediador que levava os entrevistados a confiarem na "estranha" de Fortaleza.

Chegamos a uma casa à beira da estrada. Casa simples de madeira e barro dentro de um sítio. Fomos recebidos por um grupo formado de familiares de Marcondes. O avô, José Salu, o tio Antônio Salu, dono da casa, e um dos filhos de seu Antônio.

Mulheres faziam trabalhos domésticos no interior da residência enquanto crianças corriam em torno da casa. Por todo o tempo que estive lá as crianças não pararam de brincar. Resultado: em toda a fita gravada há gritos e falas delas.

Eu e Marcondes nos sentamos em cadeiras trazidas por uma jovem e nos somamos ao grupo de homens no espaço que funciona uma oficina para motos. O primo de Marcondes durante toda a nossa conversa ficou entretido fazendo sobre uma mesa improvisada de madeira (jirau) um cinto de couro que ia segurar mais tarde os chocalhos do rapaz, foi dessa maneira que à tardinha o reconheci no meio de um grupo de Caretas.

Por vezes, a entrevista, transformou-se em trocas de idéias entre os representantes de três gerações de Caretas de Brejinho, com intervenções de seu Zé, seu Antônio, e também Marcondes. Mas mesmo quando um respondia individualmente as questões formuladas os outros balançavam as cabeças a confirmar as impressões daquele que respondia. Vez por outra, uma das mulheres saía com a desculpa de fazer algo fora e dava uma boa olhada em mim.

Para construção das memórias da Brincadeira de Brejinho conversei com vários ex-Caretas mas dei ênfase aos dois Caretas acima citados: seu Zé e seu Antônio Salu. Pois, seu Zé além de ser o mais velho Careta da família, também é citado por todos como um conhecedor da "Brincadeira de Careta". E seu Antônio pelo quantidade e qualidade das histórias que conta.

Seu José Salu ou seu Zé como é chamado pelas pessoas é um senhor de voz fraca, devido a problemas de saúde, dificultando o entendimento na hora de transcrever a fita. Outra dificuldade na transcrição em entendê-lo era o

uso de palavras que surpreendi-me pelo significado dado a ela no contexto do texto narrado. Como por exemplo, “sinagoga” para referi-se a bagunça.

Seu Zé tem 92 anos de idade. Um homem de 1m e 58cm de altura com uma leve curvatura na coluna, magro, pele escura. Agricultor aposentado. Doente, vive com um catetre que o incomodou durante a nossa conversa e o envergou quando começou a vazar, acabou retirando-se para sua casa finalizando a conversa.

Educado e delicado ao narrar suas histórias e quando havia necessidade de se utilizar de uma palavra mais “forte” pedia-me licença para pronunciá-la.

Marcondes fez questão de salientar a idade do entrevistado e o caráter de importância dado a ele pela família e a região dentro de uma longa tradição de aprendizagem e experiência de brincar de Careta na Serra de Brejinho.

Afinal seu avô brincou Careta desde menino e aprendera com o pai que por sua vez aprendeu com o avô de seu Zé Salu. Assim, Marcondes começa a apresentar a mim a idéia de que a brincadeira de Careta em Jardim teria nascido na Serra, em particular na Serra de Brejinho e não em Jardim. Idéia apresentada vez por outra nessa conversa e também em outros momentos em que conversávamos.

Zé Salu: - O mais novo já aprendeu com o mais velho.

Marcondes: - Tá vendo aqui é uma cadeia avô, filho e neto.

Zé Salu: - Neto e bisneto tenho uns “duzentos”!

Marcondes: - E os que mora na região tudo brinca aqui?

Zé Salu: - Tudo brinca de Careta.

Zé Salu: - Quase tudo mora aqui. Uns mora no Paraná. Outros mora no São Paulo. Tudo brincavam. Achava bom.

Marcondes: - Tá vendo aqui (referindo-se a mim) um ciclo muito importante demais, um velho...

A atitude desenvolvida por Marcondes apresentadas em suas falas, bem como de levar-me as testemunhas da antigüidade dos Caretas na Serra, levou-me a reler um texto de Pierre Nora, “Memória tomada como história”. Nora neste artigo diz:

uso de palavras que surpreendi-me pelo significado dado a ela no contexto do texto narrado. Como por exemplo, “sinagoga” para referi-se a bagunça.

Seu Zé tem 92 anos de idade. Um homem de 1m e 58cm de altura com uma leve curvatura na coluna, magro, pele escura. Agricultor aposentado. Doente, vive com um catetre que o incomodou durante a nossa conversa e o envergou quando começou a vazar, acabou retirando-se para sua casa finalizando a conversa.

Educado e delicado ao narrar suas histórias e quando havia necessidade de se utilizar de uma palavra mais “forte” pedia-me licença para pronunciá-la.

Marcondes fez questão de salientar a idade do entrevistado e o caráter de importância dado a ele pela família e a região dentro de uma longa tradição de aprendizagem e experiência de brincar de Careta na Serra de Brejinho.

Afinal seu avô brincou Careta desde menino e aprendera com o pai que por sua vez aprendeu com o avô de seu Zé Salu. Assim, Marcondes começa a apresentar a mim a idéia de que a brincadeira de Careta em Jardim teria nascido na Serra, em particular na Serra de Brejinho e não em Jardim. Idéia apresentada vez por outra nessa conversa e também em outros momentos em que conversávamos.

Zé Salu: - O mais novo já aprendeu com o mais velho.

Marcondes: - Tá vendo aqui é uma cadeia avô, filho e neto.

Zé Salu: - Neto e bisneto tenho uns “duzentos”!

Marcondes: - E os que mora na região tudo brinca aqui?

Zé Salu: - Tudo brinca de Careta.

Zé Salu: - Quase tudo mora aqui. Uns mora no Paraná. Outros mora no São Paulo. Tudo brincavam. Achava bom.

Marcondes: - Tá vendo aqui (referindo-se a mim) um ciclo muito importante demais, um velho...

A atitude desenvolvida por Marcondes apresentadas em suas falas, bem como de levar-me as testemunhas da antigüidade dos Caretas na Serra, levou-me a reler um texto de Pierre Nora, “Memória tomada como história”. Nora neste artigo diz:

“O que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar.”

Entendo-o como sendo a memória algo propositadamente elaborado a partir de escolhas que fazemos no nosso cotidiano. Em um jogo entre o que nos parece bom ou ruim lembrar/esquecer.

Inicialmente a memória sentida como individual mas que pode querer ser coletiva, a tal “necessidade de lembrar”, que nos leva a outra dimensão do trabalho de Nora, sobre àqueles que lembram: “Que vontade de memória elas testemunham, a dos entrevistados ou a dos entrevistadores?” A construção dos arquivos, a seleção de que guardar acaba sendo resultado da relação de ambos (do que lembra e do que é “forçado” a lembrar).

Mas quando o entrevistado abre-se a falar? Quando participa da escolha de quem vai lembrar? Participa do roteiro das perguntas? No mesmo escrito de Nora cita uma frase a respeito da memória judaica, “...ser judeu é lembrar de ser judeu.” Plagiando-o “Ser Careta é lembrar de ser Careta.”

Mas mais ainda percebo na vontade de Marcondes a energia focalizada para o registro das lembranças dele e dos outros. Da importância de torná-la história por isso a marca do tempo, da antigüidade, da origem, da diferenciação para com os Caretas da Sede. Uma memória que busca ser história através do registro escrito e da divulgação.

Então, uma memória ou história-memória não focalizada no passado, ao contrário, é presente justificado ao longo do tempo por práticas colocadas em um curso de tradição.

O outro participante da conversa é seu Antônio Salu, de 55 anos, filho de seu Zé, vigoroso, mais ou menos um metro e setenta, corpulento e risonho. Um contador de histórias. Afirmou ter brincado de Careta pela última vez em 2000.

Seu Antônio Lembrando em muito “O Narrador de W. Benjamim(1997), enquanto contava algumas de suas histórias levou-nos a risadas

que chegaram a atrapalhar depois a transcrição da fita, tanto por causa dos sons dos risos do grupo bem como eu renovava a visita ouvindo e rindo novamente.

Nós, em círculo, Marcondes deu início a conversa com seu Zé Salu, o velho Careta já abre a sua fala, apresentando uma das figuras presentes nas brincadeiras antigas, o "Vaqueiro". E que permanece na brincadeira atual. Falta ao Vaqueiro atual elementos de composição como a "molecagem".

Marcondes: "Ti" Zé montava em burro bravo?

Seu Zé Salu: E quanto mais pulava "mió".

Marcondes: "Encaretado"?

Seu Zé Salu: "Encaretado" era o era o vaqueiro, era eu. Era pegador??? O cabra corria e eu corria atrás.

Marcondes: E o senhor nunca foi vaqueiro de verdade ?

Seu Zé Salu: Não. Tinha vontade mas não fui.

Seu Zé Salu: Achava bonito a brincadeira de vaqueiro, de pegar gado. Eu achava bom.

Quando perguntado, seu Zé Salu, com quem tinha aprendido disse que com os mais "véis". Que o pai e o avô dele já brincavam. Continuou apresentando em sua fala suas impressões sobre a brincadeira de antes e a de agora. Considerando a brincadeira dos tempos dele como melhor que a brincadeira de hoje.

Seu Zé Salu: É da brincadeira quando tinha futuro. Hoje não tá tendo graça não. O povo não sabe brincar. Nós tinha o Judas na beira da estrada. E o Judas lá tinha uma escada "véia", "eita", pra subir pra riba, pra fazer fala lá em riba. (para fazer o discurso, esclarece seu Antônio). As mascara" de cabaça era desse tamanho (abre os braços). Redonda, pintada com cara de gato, de onça. Tudo isso era. E era engraçado. ..."

Nesse momento, seu Zé Salu, lembra de casos engraçados ocorridos com os Caretas, lembranças presente o tempo todo em sua fala.

Seu Zé Salu - "...O "véi" vinha da serra com o chapéu cheio de pequi, o "véi" Borges, lá em baixo, montado em um jumento caia tudo - voz em falsete imitando as reclamações do Velho Borges - "Ei magote de louco??? Derrubava os pequis dele tudinho (risos). Os Caretas tomava. Pois era assim. E ai, tinha o Careta que era sem vergonha, compadre Zé. Compadre Zé quando as mulher vinha, pichava com as mulher. As mulheres diziam, vem, pegadas com um pau. Quem tinha ordem era eu.

Tinha ordem. Dizia: - Olhe, Careta aqui é esse. Que vinha montado em "animá brabo"??? Vá lá! ???

Nenhum teor mais importante que pensar os Caretas brincando o tempo todo. Mexendo com e nas pessoas com aquilo que mais as assustam. Percebe-se nas reações das pessoas, talvez as histórias de assombrações relembradas com o susto dado pelos Caretas.

Assim como a coragem de um herói lendário que monta em animal bravo, desafia as pessoas, demonstra o medo delas através da brincadeira, pois o Careta com a máscara não só se esconde das pessoas em si mas das assombrações pois torna-se uma também. E não se escuta nenhum relato de assombração assombrando outra.

O que é ser mesmo Careta? Para especular sobre tal questão busca-se auxílio não só dos Caretas de Brejinho mas de outros espaços no município.



A Brincadeira/Festa como encenação – ato I

SEMICORO, diz: “Castigue a cidade ou não castigue os que pranteiam Polinice, nós participaremos das exéquias, formaremos o cortejo. A dor comove todos os descendentes de Cadmo. Quanto à Justiça, a cidade oscila com freqüência. (Ésquilo,2003,p99)

19

Qual a imaginação e sensibilidade não sou dotada? Daquela que se abria ao conselho do velho, personagem, de Fernando Sabino (Encontro Marcado, 2003), em que ele propõem, a outra personagem, mais jovem, que aprenda a ouvir o silêncio, não como um surdo, mas como um cego?

Tal imaginação, é daquelas que faz chegar com maior facilidade em nossas cabeças, à idéia da cena da epígrafe acima, montada em um tempo distante, na antigüidade, em um espaço longíquo, no centro de uma cidade grega, talvez Atenas.

É um trecho da peça de Ésquilo, “Os Sete contra Tebas”, este encenador de Elêusis (Ática), inovou com técnicas que influenciariam toda uma forma de se vê e desenvolver um tipo de encenação no Ocidente, que rende até hoje.

A encenação em uma Atenas do período clássico, quando a sociedade estava em pleno auge, em um espaço ao ar livre, aproveitando-se da natureza para a sua acústica, sempre na encosta de uma colina.

O espaço da apresentação dividido em três: a primeira parte a “Orquestra”, um plano circular, ali, evoluía o coro que ouvimos acima, este ensinava aos espectadores como perceber cada momento do espetáculo.

A segunda parte, “Skene”, em frente ao público, inicialmente destinado a guardar o material da cena e dos atores, depois ganhou uma parede

fez aparecer o cenário, quase sempre, o exterior de um palácio ou instituição de Estado. Ao longo deste, desenvolvia-se, o maior número das cenas da peça.

E finalmente, o "Teatro" (Théatron), palavra grega, significa lugar de onde se vê. As pessoas acompanhavam a história sentadas em escadarias no formato de semicírculos.

Nesta Grécia antiga, houve cidades que destinaram para esta atividade, espaços com capacidade de até quatorze mil pessoas, como o caso de Epidauros.

Para quem nunca foi a uma peça teatral ou mesmo não prestou atenção às imagens divulgadas pelos programas de televisão, talvez a imagem mais próxima à definição, seja a de um estádio de futebol, em círculo e com arquibancadas. O palco, o campo onde se desenrola o jogo.

Mas a encenação é mais do que o espaço em si. E o que chamamos de encenação, de teatro não existiu, apenas na Grécia Antiga. A encenação teria sido "inventada", desde dos tempos remotos, em que os grupos humanos sequer teriam desenvolvido formas de viver sedentárias, onde cabia a encenação para aplacar os medos do desconhecido.

A busca de respostas a questões relacionadas à natureza teria dado início às primeiras elucubrações do ser humano. As primeiras divisões entre o mundo físico, tão aterrador, e um outro mundo, mundo paralelo mais tranquilizador, o mundo das coisas sagradas.

Poderíamos enxergar na ânsia por respostas daqueles grupos humanos imitando elementos da natureza, o início da construção de mitos, religiões e rituais, em que o ser humano, para conter/entender a natureza, acabava por encenar uma relação com o divino, buscando proteção em relação a uma natureza enigmática.

Registros de outros tipos de encenação antes dos gregos tem-se desde do Oriente com a China ligada a rituais da religião budista e na Índia com o Brama. Ou ainda, no nordeste da África, com o Egito Antigo encenando a ressurreição de Osíris e a morte de Hórus.

Percebe-se a ligação das origens da encenação teatral com a religiosidade. Vem à cabeça novamente o mito que são mais que narrações explicativas de cada grupo humano, são já, uma ligação interior do ser com a crença. Malinowski fala-nos, o mito é elemento vital da constituição do ser humano.

Mito que não se dividi. Ou seja, manter o sagrado e o cotidiano ou profano, pois a sociedade não alcançou uma complexidade necessária as tais divisões.

Com sedentarismo, agricultura, desenvolvimento de técnicas e instituições necessárias ao controle do excedente vindo da produção das pessoas, temos o nascimento da civilização com Estado e Religião. Já é a separação determinada pelos civilizados e, resultará em outras divisões e subdivisões, nas quais somos hoje herdeiros.

Mas, a fundação das civilizações, não acabaram com os rituais, provenientes da tradição, tanto o Estado como a Religião, enquanto instituições funcionam através de ritos.

No caso, da Religião, aparece como proposta de vínculo entre o sagrado e o profano em uma sociedade dividida em diferentes grupos sociais, e portanto necessário a existência de diferentes formas de vínculo com as divindades.

Tanto o mito como a religião buscam rituais para fixa-se junto as pessoas, modos que se tornam elementos essenciais ao ser humano em levar suas vidas, mesmo quando não estão em ato de sublimação com deuses e Deus.

Então encenar, toma dois caminhos aparentes, um ligados aos rituais sagrados, de crença e fé e um outro ligado ao cotidiano das pessoas. Parto da idéia que nosso cotidiano é ritualizado, portanto encenado sempre, ou quase sempre.

Nas sociedades de hoje, o Estado com suas instituições ou/e as religiões ocupam-se de ordenar as práticas que antes as pessoas de maneira geral tinham mais inferência sobre elas, mas os ritos continuam tão importantes

como eram nas sociedades menos complexas, a sua função muda, mas não é menos importante.

Na obra, "Festa e Civilizações"(1983), logo na nota introdutória, Raposo Fontele, diz algo que é caro ao presente trabalho:

"Para Duvignaud a existência coletiva pode manifestar-se por uma teatralização que põe em cena a ação de um drama, onde estão propostos os principais papéis sociais de um grupo, tradicional ou não, constituído e encarnado às suas funções fundamentais...o ser humano, para existir, deve representar-se, desenhar a sua existência e torná-la uma realidade concreta." (Duvignaud, 1983, P7)

No cotidiano atual, encenar, talvez, torne-se para nós, mais uma necessidade do que um entretenimento, como, na atualidade, muitos de nós enxerga uma peça teatral.

A invenção de trazer para um espaço especial –palco- uma peça ensaiada com um texto determinado, não desmerece outros caminhos tomados extra-oficiais da encenação, que foram sucessos antes de subirem aos palcos e passarem pela aprovação das praças públicas, das feiras livres das primeiras vilas, lugarejos e terreiros de fazendas.

Inicialmente, encenações provenientes das histórias contadas, oralmente, inúmeras vezes, em diferentes tempos. Outros textos, vindos do improviso, oriundos da criatividade dos atores.

Assim como são as festas das ruas, como as dos Caretas de Jardim, ou as louvações, procissões na Grécia Antiga, fora dos espaços sagrados em que a idéia é, pôr em cena, ostentar; exhibir, fingir. Fingimento.

O filósofo *F. Nietzsche* no "*Nascimento da Tragédia*" (1993), comenta sobre a relação do deus grego Dionísio e a comédia, gênero tão caro à Grécia Antiga. Fala em fingir de tal maneira que a "realidade" deixa de existir. Ou melhor transforma-se ao gosto do sonho, delírio de quem finge:

" O carro de Dionísio está coberto de flores e grinaldas: sob o seu jugo avançam tigre e a pantera. Se se transmuta..."alegria" e se não se refreia a força de imaginação...Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade ou a

“moda imprudente” estabelecem entre os homens... cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só...do interior do homem também soa algo de sobre natural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem já não artista, tornou-se obra de arte...” (Nietsche, 1993,p31)

“Transmutar”. Palavra chave para as manifestações de rua, como as Grécia Antiga, a de carnavais de outrora e de hoje. E chega-se, igualmente, aos Caretas nas ruas e estradas de Jardim, durante o período da “Semana Santa”, no início do século XXI.

Transformar, por um curto espaço de tempo, a sua realidade, assim como ele (Caretá) houvera sonhado acordado ao conversar com amigos. Como podia ser diferente o dia-a-dia, se as dificuldades em “tocar” a vida fossem menores. Aquele que tem muito deveria se compadecer daqueles que pouco ou nada têm. As pessoas poderiam ser mais felizes.

Mas, na hora de pensar, de arrumar-se para a Brincadeira/Festa, nada mais existe, ou melhor, existe de forma inversa, não há lugar para elucubrações sobre o que deveria ser, mas a alegria, a brincadeira é a ordem estabelecida, tal qual um decreto governamental.

A posição do Brincante na sociedade muda. A exemplo do que coloca Nietzsche, o Brincante torna-se forte quando se traça. E mais, sente-se um só, em comunhão com àqueles que brincam na hora da Festa, como em relação aos que iniciaram-na, as velhas gerações de Caretas do começo do mundo.

O Careta aciona mecanismos para a realização do seu sonho, torna-o coletivo. Na coletividade o sonho individual deixa de existir e, entra-se na embriaguez, esta por sua vez é coletiva, segundo o filósofo alemão.

Novamente Nietzsche nos traz uma imagem que faz jus a visão dos Caretas dentro dessa brincadeira, desse êxtase coletivo, quando:

“...alguns, como eu, se lembrem de que, em meio aos perigos e sobressaltos dos sonhos, por vezes tomaram-se de coragem e conseguiram exclamar: “É um sonho! Quero continuar a sonhá-lo...nosso ser mais íntimo colhe no sonho uma experiência de profundo prazer e jubilosa necessidade.” (Nietsche, 1993,p29)

No caso de Jardim Os Caretas, andando pelo calçadão, aparentam um sonho, mas, como estarmos acordados, parece mais um delírio. Nietzsche acima parece uma boa lembrança para tais momentos de tomada de consciência do “estranhamento”, em meio à rua, tendo em seu entorno lobos grávidos e velhas disformes por máscaras.

Aqueles que já experimentaram a sensação descrita pelo filósofo sabem que o nosso íntimo colhe uma experiência de profundo prazer e jubilosa necessidade de dar continuidade ao sonho para compreendê-lo. Para achar, talvez, algo que nos explique sobre nós mesmos. Mas o sonho é uma experiência individual.

Os Caretas nas ruas é uma embriaguez, delírio aberto a todos ao redor. Não apenas os transfigurados, com seus trajes estranhos, mas aqueles que ficam à calçada conversando e desviando, vez por outra, os olhos e os assuntos para comentar o Careta ou Caretas que passam naquele momento. Ou mesmo eu seguindo, ou tentando seguir um grupo de Caretas.

Por ser coletivo, assemelha-se a um delírio, a uma embriaguez. A embriaguez, mais que o sonho, parece-me passível de ser coletiva, pois ela selaria os laços de pessoa a pessoa.

Novamente o filósofo alemão, como ou por quê? “A bela aparência do mundo do sonho, cuja produção cada ser humano é um artista consumado...”(Nietzsche,1993,p28) Seria exagero pensar na idéia do homem libertando-se por umas poucas horas no ano do cotidiano que o oprime?

Assim, os Caretas continuam suas caminhadas pela cidade de Jardim e pelos caminhos das localidades, ano após ano, como um sonho, um delírio. Mas do que isso, por estarem acordados e preparados para uma encenação tão aguardada por todos.

A “Festa” ou “Brincadeira dos Caretas”, assemelha-se a uma encenação teatral ou a uma ópera, um ato de sublimação. O Careta deixa a imaginação em prática e esquece quem era antes da máscara.

Nascida da interpretação de populares, busca seu palco fora das salas de teatros. Realiza-se na rua, em uma praça, ou no quintal de alguém.

Os Caretas, andando pelo calçadão, aparentam um sonho, mas, como estarmos acordados, parece mais um delírio. Nietzsche acima parece uma boa lembrança para tais momentos de tomada de consciência do “estranhamento”, em meio à rua, tendo em seu entorno lobos grávidos e velhas disformes por máscaras.

Aqueles que já experimentaram a sensação descrita pelo filósofo sabem que o nosso íntimo colhe uma experiência de profundo prazer e jubilosa necessidade de dar continuidade ao sonho para compreendê-lo. Para achar, talvez, algo que nos explique sobre nós mesmos. Mas o sonho é uma experiência individual.

Os Caretas nas ruas é uma embriaguez, delírio aberto a todos ao redor. Não apenas os transfigurados, com seus trajes estranhos, mas aqueles que ficam à calçada conversando e desviando, vez por outra, os olhos e os assuntos para comentar o Careta ou Caretas que passam naquele momento. Ou mesmo eu seguindo, ou tentando seguir um grupo de Caretas.

Por ser coletivo, assemelha-se a um delírio, a uma embriaguez. A embriaguez, mais que o sonho, parece-me passível de ser coletiva, pois ela selaria os laços de pessoa a pessoa.

Novamente o filósofo alemão, como ou por quê? “A bela aparência do mundo do sonho, cuja produção cada ser humano é um artista consumado...”(Nietzsche,1993,p28) Seria exagero pensar na idéia do homem libertando-se por umas poucas horas no ano do cotidiano que o oprime?

Assim, os Caretas continuam suas caminhadas pela cidade de Jardim e pelos caminhos das localidades, ano após ano, como um sonho, um delírio. Mas do que isso, por estarem acordados e preparados para uma encenação tão aguardada por todos.

A “Festa” ou “Brincadeira dos Caretas”, assemelha-se a uma encenação teatral ou a uma ópera, um ato de sublimação. O Careta deixa a imaginação em prática e esquece quem era antes da máscara.

Nascida da interpretação de populares, busca seu palco fora das salas de teatros. Realiza-se na rua, em uma praça, ou no quintal de alguém.

No caso de Jardim, a cidade e seus espaços são teatralizados: tornam-se o espaço da encenação por excelência. Todos, de alguma maneira, participam da composição da personagem Careta.

Mas, o município não toma apenas o espaço de palco, o que percebemos, principalmente fora das datas determinadas pela organização da Associação para festa é o mascaramento de toda Jardim.

A Cidade coloca máscara de Careta, compõe a sua personagem e sai às ruas, caminhando sem rumo, aparentemente indefinido, produz cenas que lembram um transe.

Ser Careta ou tornar-se Careta? Em uma das visitas à Cidade, ao conversar com o Senhor Nelson de Cacimbas, ele disse-me que Careta verdadeiro era filho de Careta. Fez a comparação com os evangélicos. Para ele a religião é a mesma coisa. Evangélico é filho de evangélico. Não existe o tornar-se evangélico, assim como não existe o tornar-se Careta. Ou se nasce ou não se nasce Careta.

Prestemos atenção a comparação de “seu” Nelson e podemos perceber a união em sua fala de idéias aparentemente díspares, a tradição daqueles que acompanham uma fé e daqueles que tornassem “Brincantes”, sua analogia coloca ambas as escolhas na mesma mão da estrada.

Aproveitou-se o mote e foi feita a vários Caretas a pergunta: “O que é ser Careta?”

20

Ao responderem à questão formulada fizeram-me perceber ou deixar mais claro uma impressão oriunda dos primeiros contatos com a brincadeira, principalmente em relação à andança livre dos mascarados. Mas esta impressão não desaparece nas festas organizadas, tanto na Sede como em Brejinho.

A semelhança percebida na Brincadeira/Festa com a encenação teatral, é oriunda não apenas do sentido de olhar, mas também das palavras com que as pessoas explicam o que é para elas serem Caretas.

A pergunta foi posta a quase todos os que conversei, "O que é Ser Careta?" Algumas respostas:

"...O gostoso de brincar Careta é que você se trajar de uma forma que ninguém vai te reconhecer, à medida que alguém te conhece, acabou a brincadeira. Não tem mais graça. A graça só enquanto você tá brincando." (José dos Santos, Lajinhas)

"O Careta, eu acho pra mim, é uma personagem do tempo de Cristo, né. Um soldado! Do Judas. Acho que o Careta que tá ali mascarado, tá representando um soldado, pra mim." (Nego, Sede)

"É, de certa forma, dar continuidade a uma tradição que, aqui na nossa cidade, já tem uns 200 anos ou mais. É também entrar numa festa que já não é tão aquela festa, é de certa forma preservar uma *cultura*, assim, um folclore bem típico, bem nosso. É sofrer alguns preconceitos. É quebrar alguns tabus. Poucos ainda porque seria com mais autenticidade se a gente tivesse coragem de ser premiada e subir lá no palanque e dizer que a gente é mulher. Que a gente tá brincando de Careta porque não tem nada demais que é uma festa ótima. Mas eu acho que aos poucos a gente vai conseguindo isso." (Nélsia, Sede)

"Careta, é muito bom. Mostra que a nossa tradição tá mais viva do que nunca e que temos que levar essa tradição de pai para filho e de filho pra neto e que nunca acabe. Que é muito boa essa tradição da festa dos Caretas. É uma tradição assim que vem dos nossos avós ainda, que quero que ela continue por muitos anos que...é uma festa muito boa. Nós representando assim a nossa comunidade assim como a comunidade dos Caretas, porque aqui por essas serras a maior "Festa dos Caretas", dos sítios é a nossa...É união. Porque na época da "Semana Santa" nós se junta, todos os Caretas para realizar a festa que é muito boa." (Fernando, Brejinho)

"O que é ser um Careta??? Sei lá...é ...(silêncio). Pra mim ser um Careta... eu acho que é igual a ser um palhaço num circo, né? Um circo sem palhaço não existe. É igual. a "Semana Santa" sem o Careta...pra mim não existe...sem o Careta." (o José, Cacimbas)

Os quatro "Brincantes", José, Nego, Nélsia e Fernando trazem quatro categorias de percepção, de pensamento. Ou seja, quatro maneiras de

enxergar, construir e desconstruir toda a realidade em que vivem e não só da festa ou do momento de intervalo para brincar. Vejamos o trecho:

“...a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo...enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes”...marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe.” (Chartier,1987,p73)

O historiador Roger Chartier, nos ensina, que uma apreciação do real traz em si, por um lado, uma perspectiva do grupo ao qual o indivíduo participa, grupo que não é só econômico mas intelectual também. E por outro lado, uma percepção deve ser vista e ouvida como repleta de uma carga impositiva, ou pelo menos uma tentativa de imposição de sua autoridade sobre outras percepções. É que ele denomina de “luta de representações”.

Assim, nossos quatro Caretas, ao falarem, trazem a luta de percepções sobre suas realidades. José centra-se na idéia de esconder-se, de tornar-se outro; Nego traz a questão religiosa à tona, mas não esquece que o Careta está no lugar de outrem; Nélsia traz dois elementos em sua fala, a tradição e a mulher sujeito da História, mas utilizando a máscara para “cavar” seu espaço na comunidade. Pois a tradição não traz em sua origem a mulher como Careta, sendo revisitada pela nova geração que incorpora esse novo elemento, a participação feminina.

Fernando, assim como Nélsia, aponta a tradição como elemento fundamental no ato de ser Careta, mas segura-se mais nesse ponto do que ela. Pois para ele, a tradição está intimamente relacionada à união e ao orgulho de sua comunidade, pelo fato de todos participarem e ajudarem para que ela, a Festa, ocorra. Como na maneira dela acontecer, que não é por acaso, pelo contrário, organiza-se e faz-se a melhor brincadeira das Serras no município, como ele coloca.

Tal debate de opiniões se dá durante a festa, não de forma direta, mas metamorfoseia-se em encenação. A discussão, portanto, não é

aberta. Disfarça-se, assim como o “Brincante” e em lugar do discurso falado, pode-se, talvez, tornar-se exasperado. O discurso metafórico, cômico, da vestimenta, dos gestos, das mudanças de corpo e da voz o faz leve, engraçado, bonito e corajoso.

Daqui, pode-se inferir que a encenação dos Caretas é uma questão que se coloca como existencial, referente à identidade do ator, do “Brincante”. O mundo cênico, representado durante a brincadeira, nos leva a imaginar que o mundo do cotidiano não serve ou não é suficiente ou conveniente ao “Brincante”.

21

“Na Santa Ceia, Jesus anuncia a traição. São João pergunta: - Quem é? Jesus responde: - Aquele a quem eu der o bocado que vou molhar. E molhando o bocado, tomou-o e deu-o a Judas Iscariotes.” (Jo-13. 21-30)

A palavra teatro significando lugar de onde se vê. Caminhemos para observar e analisar os espaços tomados (os lugares de onde os “caretados” serão vistos) pelos mascarados durante a festa e como eles os preparam.

Relembremos as palavras de Nego, citadas acima, sobre uma das figuras que compõe a Brincadeira/Festa: o Judas. “O Careta, eu acho pra mim, é uma personagem, do tempo de Cristo, né. Um soldado! Do Judas. Acho que o Careta que tá ali mascarado tá representando um soldado, pra mim né.” (Nego, Sede).

Primeiro, o diretor da associação, explica que o Judas é uma personagem, e não imagino que forço a barra ao ler, literalmente, “personagem”, como figura cênica, pois as palavras são poderosas vindas de nosso imaginário.

A “Semana Santa” aproxima-se e, com ela, prepara-se o cenário e o figurino para representar o enredo de todos os anos, dentro de uma tradição de muitos e muitos anos.

aberta. Disfarça-se, assim como o “Brincante” e em lugar do discurso falado, pode-se, talvez, tornar-se exasperado. O discurso metafórico, cômico, da vestimenta, dos gestos, das mudanças de corpo e da voz o faz leve, engraçado, bonito e corajoso.

Daqui, pode-se inferir que a encenação dos Caretas é uma questão que se coloca como existencial, referente à identidade do ator, do “Brincante”. O mundo cênico, representado durante a brincadeira, nos leva a imaginar que o mundo do cotidiano não serve ou não é suficiente ou conveniente ao “Brincante”.

21

“Na Santa Ceia, Jesus anuncia a traição. São João pergunta: - Quem é? Jesus responde: - Aquele a quem eu der o bocado que vou molhar. E molhando o bocado, tomou-o e deu-o a Judas Iscariotes.” (Jo-13. 21-30)

A palavra teatro significando lugar de onde se vê. Caminhemos para observar e analisar os espaços tomados (os lugares de onde os “caretados” serão vistos) pelos mascarados durante a festa e como eles os preparam.

Relembremos as palavras de Nego, citadas acima, sobre uma das figuras que compõe a Brincadeira/Festa: o Judas. “O Careta, eu acho pra mim, é uma personagem, do tempo de Cristo, né. Um soldado! Do Judas. Acho que o Careta que tá ali mascarado tá representando um soldado, pra mim né.” (Nego, Sede).

Primeiro, o diretor da associação, explica que o Judas é uma personagem, e não imagino que forço a barra ao ler, literalmente, “personagem”, como figura cênica, pois as palavras são poderosas vindas de nosso imaginário.

A “Semana Santa” aproxima-se e, com ela, prepara-se o cenário e o figurino para representar o enredo de todos os anos, dentro de uma tradição de muitos e muitos anos.

No enredo, encontram-se as caminhadas dos Caretas, a feitura do Judas, a preparação do Sítio do traidor e a arrecadação dos bens do dono do sítio, bem como elaboração da personagem: andar, falar, vestimenta, como fica claro na fala de Marcondes:

“Basicamente compõe o cenário o seguinte: É o Careta, o Judas, a forca que é o “Pau do Judas”, também é um atrativo, e o sítio. O Judas bem ajeitado, um pau bem bonito, bem alto é muito bacana. E um sítio dele muito enfeitado com melancia, mandioca, macaxeira, cana-de-açúcar, todas as variedades de alimentação possível a gente tenta valorizar de se mostrar o que se produz na localidade.”

A descrição do “cenário”, expressão do “Brincante”, marcará a última cena da “Semana Santa”, tanto na Sede, quanto nas localidades, lugar onde o Careta tirará a máscara. Suspirando, tanto de alegria por ter brincado, como pela saudade de ter terminado, mas no próximo ano... tem mais.

A figura central no cenário do Sítio, é o Judas. E sobre ele e sua confecção Marcondes fala:

Ivaneide: “Aqui no Brejinho quem faz o Judas?”

Marcondes: “Olha, o Judas sempre foi, uma tradição nossa de fazer o Judas rudimentar, diferentemente desse de Jardim. Em Jardim, o Judas, é feito mais de madeira, com prensa, bem forrado de gesso. Com um artista grande, que é o Luís Lemos. E o nosso Judas é feito rudimentar, com o famoso melão, feito de capim. Eu até já tentei inovar no Judas. Já tentei fazer igual ao de Jardim, não achei que fosse uma excelente idéia. Esse ano eu retornei as idéias passadas sempre com umas diferenças. A gente faz umas trocas.

Esse ano o meu Judas tem o famoso capim que 100 anos atrás ele já tinha ele não deixou de ter. acrescentei um pouco de gesso. E estou, fiz o projeto da cabeça dele. E quem tá dando o acabamento final é um artista daqui de Jardim. É um rapaz que fez um curso com Luís Lemos, é o Antônio Amaro.

Ele é um rapaz que trabalha na arte de escultura, escultor. Trabalha na parte de madeira em geral. É um grande artista e eu achei por bem, esse ano, valorizar o trabalho dele, e mandei ele pintar o meu Judas, isso já sendo intercâmbio cultural que antes a gente nem se conhecia e através desse Judas eu já tô buscando uma parceria com ele e dentro desse nosso Juda eu posso divulgar o trabalho dele como justamente eu quero quando a gente terminar eu quero que você dei algumas palavras pra divulgar o trabalho dele.”

Ivaneide: o Judas de vocês vai homenagear alguém?

Marcondes: Olha, sempre o Judas nosso tem característica diferente do de Jardim. Eu não tento copiar. Eu tento fazer o Judas preservando aquelas raízes que ele tem. Veja bem, mas eu tô sempre botando o nosso Judas com um tema. Esse ano o meu Judas já falei com o menino, o tema nosso vai ser a violência, por que tá sendo tanto debate no mundo. O Judas de Jardim sempre é um segredo, que eles só revelam no último dia, apesar de eu não ter um grande conhecimento, eu já posso possivelmente achar que será uma pessoa dita. O meu eu escolher o tema violência ainda hoje, esse ano mesmo houve um assalto aqui. Há pouco dias, no Jardim. O meu pai foi vítima. E através da Semana Santa eu também posso promover uma ampla discussão acerca da violência. O meu Judas vai desenvolver o tema violência. Eu vou botar ele com uma arma nas costas. Então o seguinte: aquela arma vai simbolizar como se fosse qualquer bandido. Pelo menos uma apologia como se ele fosse o bandido que nós vamos tentar destruir. (o pai de Marcondes, seu Zezinho, disse: serve até pro bandido saber como é o final do banditismo. Saber como é o final dele que ser rasgado é ser acabar) Então a consciência sempre passo pro Caretas que nós auxiliamos e no geral ele não se parece com pessoa nenhuma ele é um cidadão comum, qualquer que pode aparecer a qualquer instante e ser uma pessoa violenta. (seu Zezinho novamente: Alguém pode achar parecido com A ou com B) Então muitas pessoas quando ver a fisionomia dele, o Judas é um pouco grande. Nas dimensões de 1,78 às vez 1,80. Pesa 58, 60 kg dependendo da organização interna dele. Digamos assim, da anatomia dele.”

Acompanhei o término da confecção do boneco (2002) do Judas, realizado por Marcondes, com o auxílio do irmão e de um primo. Na oficina improvisada nos fundos da casa, os pedaços do boneco estavam sobre um jirau.

Marcondes conversava comigo, enquanto eu apreciava os trabalhos e tirava fotos. Apenas a cabeça do boneco foi confeccionada fora da “oficina familiar” e chegará pelas mãos da jovem promessa artística a que Marcondes se referiu e me apresentou: Antônio Amaro, da Serra de Boa Vista, também município de Jardim.

A imagem do boneco em pedaços sobre a “mesa”, o cuidado na sua elaboração, fez-me pensar nas palavras de Nélsia quanto à beleza do Judas de Jardim, que dava pena na hora de estraçalhar. Tive a mesma sensação ao acompanhar aquele trabalho.

Ali, sobre o jirau de lavar roupa da família Salu, vai aparecendo um ser que, aos poucos, deixa de ser inanimado para ganhar uma personalidade. Ele é carregado pela casa. Ora descansa próximo ao oratório na sala. Ora

escorra-se na parede do boteco de seu Zezinho, observa as pessoas jogarem sinuca, enquanto todos ao redor, principalmente os Caretas, preparam o ambiente para o grande dia.

Personagem tal qual os Caretas, o Judas tem sua trajetória curta e certa. Assim como parece ser o destino do inspirador do boneco, o apóstolo Judas Iscariotes (João, 126,13:29) o quinto homem no Ministério de Jesus de Nazaré, responsável pela administração dos recursos do grupo principal de seguidores do Cristo.

Homem, portanto, importante, na tarefa de Jesus de levar a palavra de seu Pai aos homens, mas que Jesus sabia que iria traí-lo. No filme, “*A última tentação de Cristo*”, o diálogo entre Jesus e Judas mexe com o raciocínio:

“Jesus: - Vá a eles e ofereça-se para levá-los aonde estou.”

“Judas: - Jamais, Mestre. O Mestre bem sabe que eu jamais o entregarei!”

“Jesus: - Judas, não me traía justamente agora!”

Na obra literária de Fernando Sabino: “*Encontro Marcado*”(2004) o protagonista diz, para horror do padre, que o maior medo de Jesus Cristo era que Judas não o traísse, por que se ele não o fizesse, como Jesus cumpriria seu destino de salvador?

“.....

O padre tomou a respirar fundo, a voz se fez deliberadamente branda: - Me diga o que foi que você perguntou ao padre Lima.

.....

- Perguntei a ele o que seria de Cristo, se Judas não o traísse...

- Explique-me essa história: se Judas não traísse...

- Porque o grande medo de Cristo era que Judas falhasse, e se não houvesse crucificação, nem nada. Isso o mundo deve a ele: Judas não falhou. Mas como a salvação do mundo só podia vir de Cristo, Judas condenou o mundo, se suicidando.” (Sabino, 2003, p40)

A ficção é um campo de debate polêmico mas seguro (nestes casos) para indagar, questionar por que não foi possível mudar o destino do apóstolo, anunciado na “Santa Ceia” ?

A sina do boneco Judas, na “Festa dos Caretas”, assim como aquele que o inspirou segue o seu curso porque assim deve ser : no caso do

escorra-se na parede do boteco de seu Zezinho, observa as pessoas jogarem sinuca, enquanto todos ao redor, principalmente os Caretas, preparam o ambiente para o grande dia.

Personagem tal qual os Caretas, o Judas tem sua trajetória curta e certa. Assim como parece ser o destino do inspirador do boneco, o apóstolo Judas Iscariotes (João, 12,13:29) o quinto homem no Ministério de Jesus de Nazaré, responsável pela administração dos recursos do grupo principal de seguidores do Cristo.

Homem, portanto, importante, na tarefa de Jesus de levar a palavra de seu Pai aos homens, mas que Jesus sabia que iria traí-lo. No filme, "A última tentação de Cristo", o diálogo entre Jesus e Judas mexe com o raciocínio:

"Jesus: - Vá a eles e ofereça-se para levá-los aonde estou."

"Judas: - Jamais, Mestre. O Mestre bem sabe que eu jamais o entregarei!"

"Jesus: - Judas, não me traía justamente agora!"

Na obra literária de Fernando Sabino: "Encontro Marcado"(2004) o protagonista diz, para horror do padre, que o maior medo de Jesus Cristo era que Judas não o traísse, por que se ele não o fizesse, como Jesus cumpriria seu destino de salvador?

".....

O padre tomou a respirar fundo, a voz se fez deliberadamente branda: - Me diga o que foi que você perguntou ao padre Lima.

....

- Perguntei a ele o que seria de Cristo, se Judas não o traísse...

- Explique-me essa história: se Judas não traísse...

- Porque o grande medo de Cristo era que Judas falhasse, e se não houvesse crucificação, nem nada. Isso o mundo deve a ele: Judas não falhou. Mas como a salvação do mundo só podia vir de Cristo, Judas condenou o mundo, se suicidando." (Sabino, 2003, p40)

A ficção é um campo de debate polêmico mas seguro (nestes casos) para indagar, questionar por que não foi possível mudar o destino do apóstolo, anunciado na "Santa Ceia" ?

A sina do boneco Judas, na "Festa dos Caretas", assim como aquele que o inspirou segue o seu curso porque assim deve ser : no caso do

boneco, primeiro é alvo de cuidados. Quase todos o seguem, o aplaudem pelos caminhos das localidades da festança e na sede. Rápida derrocada. Subirá ao topo do mastro com corda no pescoço, condenado e pagará de forma grotesca a sua traição.

Ao mesmo tempo, a figura do Judas, na festa, parece-se um tanto próximo também da figura do salvador, de Cristo. Parece trazer, em si, as duas personagens. Não foi Cristo, pelo senso comum, o ouvido, o festejado nas boas novas que trazia e depois levado ao calvário para a morte após muito sofrimento?

Quando se pergunta quando começou a brincadeira na Serra vêm aquelas respostas encontradas na cultura tradicional, “desde o começo do Mundo”, “dos antigos”, “sempre foi assim”, “do tempo da bíblia”, “meu avô, meu pai já brincavam e eu continuo.” Algo de providencial, de destinação, de “religação” em todas essas afirmativas.

No Brejinho às 16 horas do Domingo de Ressurreição, os Caretas devem se reunir em frente ao estabelecimento comercial e casa de seu Zezinho. Também estão espalhados pelos arredores dezenas de pessoas à espera do momento importante. Alguns conversam em pé mesmo. Outros sentam-se às mesas, bebericando e pondo assuntos em dia, enquanto não chega a hora de matar o dono do sítio e ver os Caretas dividirem seus pertences.

Fogos de artifícios são ouvidos. Soam os chocalhos nas cinturas dos Caretas, que fazem um círculo em torno da forca do Judas. Marcondes, sem máscara, retira as posses do Judas. Explica que, na atualidade, é diferente dos tempos antigos para evitar brigas, acidentes eles retiram as “coisas” do sítio e, após a queda do Judas, as dividem entre os Caretas, organizadamente.

Homens armados de espigadas “socadeiras” tentam derrubar o Judas. Vai escurecendo e ninguém consegue o intuito. As pessoas que aguardam dão palpites de como mirar. Seu Zezinho percebendo que a noite chegava e não haveria iluminação o suficiente para derrubar o Judas, encarrega-se da tarefa. Pronto.

Cai o Judas. Os Caretas correm, brigam por um pedaço do boneco e o estraçalham. Já não se vê nada, a poeira e a escuridão da noite, que se aproxima, nos atrapalha.

Quando termina, alguns Caretas perderam as máscaras, outros partes da roupa e apresentam arranhões nos braços.

Homens e mulheres dançam forró. Os Caretas desaparecem aos poucos. Outras pessoas pegam a estrada retornando às suas casas. Terminou a Festa naquele ano. Foi cumprida a tradição, Marcondes, termina a conversa apontando o papel do Judas:

“O papel dos Caretas malhando o Judas é simplesmente o seguinte, é chamando ele de traidor que traiu o Cristo. O maior que pisou na fase da terra até hoje. é tipo uma punição! E pra não acabar com aquele sentimento cristão mesmo que existe que o Judas traiu Jesus Cristo. Traiu o maior de todos os homens que pisou na fase da terra até hoje. Acredito eu.”

22

Os Caretas, enquanto encenação teatral, remetem-nos a questões como produção (escritor), instrumentos (códigos/suportes); mensagem (significação- conteúdo); recepção (leitura, reapropriação), palco .

Aqui, o produtor do texto, são os Brincantes, os fazedores da festa, mas também os moradores da cidade que não brincam, mas aderem à festa de diferentes formas, de livre vontade ou através de concessões. São produtores do texto, ainda, aqueles que vêm de outros lugares e fazem suas leituras, que interagem com a festa ajudando a construir determinadas imagens.

São produtores do texto, aqueles que assistem, pois o corpo reage: olha, faz careta, bate o pé, corre, ri. Nobert Elias (1991), sem uma de suas obras leva-nos à reflexão sobre “artistas” e “consumidores”, tomo a liberdade de aproximar com a relação “Brincantes” e público.

Refiro-me primeiramente aos próprios Caretas e seus métodos de composição e por que não escrita da Brincadeira/festa no município, são os Caretas de Brejinho o alvo principal de minha atenção.

E lá estava eu, na casa de seu Zezinho da Conceição(2002), quando os rapazes arrumavam-se para a brincadeira. Eu a observar, tentando ser sorrateira, como uma atriz sem fala, sem corpo, fingido ausência, tal qual um ator do teatro Nô, Kyogen e Kabuki (claro sem o mesmo talento) descrito por Barba. “trata-se de um ator-bailarino representando sua própria ausência.” (Barba,1972,p10).

A encenação inicia-se dentro de um ritual da arrumação, da colocação do traje, da composição da personagem Careta. Era um Sábado. Mais tarde teria o forró na parte da frente da venda do Seu Zezinho.

Aos poucos, rapazes e moças chegavam à casa e corriam para um quarto. Rapazes abriam as gavetas e o guarda-roupa, selecionavam vestimentas femininas e as moças participavam, com palpites, risos e jogos de olhares para aqueles que elas achavam mais bonitos. Elas entregavam acessórios como cintos, presilhas de cabelo e olhavam máscaras. Balançavam os chocalhos. Riam constantemente. Faziam apostas de que seriam capazes de adivinhar depois quem era cada um deles. Momento do jogo de sedução entre os jovens.

Lembrei da primeira conversa, na Sede, com Eternite, quando ele, falou-me que a Brincadeira começava na hora de escolher o traje, em meio aos colegas que iam brincar, dentro do que chamou de fofoca de folia.

Cegaram-me! Os rapazes iam desaparecendo. Em seus lugares apareciam um Careta por vez, veio um mostro com máscara de plástico, calça jeans, camisas sobrepostas, luvas azuis nas mãos, tênis e chocalho.

Veio um outro, com máscara de plástico debaixo do equipamento utilizado pelos criadores de abelhas, macacão branco, maior que ele, e tênis.

Caso interessante foi do Fernando, que continuava no quarto e eu ouvia risos femininos, não agüentei e fui até lá. Encontrei-o usando uma saia

que não dava dois palmos, um sutiã com enchimentos, uma máscara de mostro com gingolé colorido sem a máscara.

Fernando fazia aquilo mais dentro de um ritual de enamoramento do que para compor um traje de Careta, pois depois que deu umas voltas pelo quintal, o “travesti” sumiu e não retornou mais naquele dia. Óbvio, que arranhou outro traje.

Quanto às meninas, mais tarde senti suas ausências e soube, por pessoas que estavam ali, que muito daqueles Caretas que eu estava vendo eram elas, pois elas vestem-se depois, mais escondidas e sem alarde.

Uma encenação que não se pretende ser uma apresentação teatral como se conhece. Mas acaba por ser uma representação dentro de uma representação. O Brincante finge uma realidade diferente da realidade que nada é mais que uma representação.

Cada Brincante compõe o seu fingimento, tendo como base uma idéia de real, que é o seu cotidiano, idéia que ele tem sistematizada ou não. Mas o real é produto de leituras de cada um dentro das possibilidades dos contextos de seus grupos sociais.

Então, no representar ou encenar, o ator do teatro Ocidental finge ser outrem, toma características que não são suas, mas mantém a consciência que ele está ali. O Careta, ao trajar-se, tenta, com todas as forças físicas e psíquicas, a sua ausência. Fazendo o processo que Nietzsche tão bem afirmou quando falou sobre as procissões de rua na Grécia Antiga: “O homem já é não artista, tomou-se obra de arte...(Nietzsche,1993,p31)”

É puro fingimento mas pode, trazendo Chartier, significar tomar algo em seu lugar. Assim como posso juntar os dois conceitos a partir da Festa dos Caretas?

O texto dos Caretas não encontra-se escrito, como a maioria das peças de teatro, desde a Grécia, no mundo Ocidental, mas tem certas regras que o compõem que não podem deixar de aparecer quando observadas.

As regras são sacralizadas como provenientes da tradição. Neste sentido o fato do Careta ser um “Gaiato”, um brincalhão, um palhaço, um

bufão é básico a todos eles. Careta é aquele que promove a “arrumação” para o povão rir. Pelo menos os que gostam dos Caretas.

E, neste caso, funciona um maniqueísmo claro: existem os bons e os maus camaradas. Claro, os maus, são aqueles que não gostam dos Caretas e são quase sempre alvos favoritos das traquinagens dos mascarados. Temos várias histórias como as do senhor Zé Salu:

Zé Salu: Já fui doutor. Dava vacina nos Caretas. Às vez tinha um Careta...porque ele gosta de ter um jeito como se fosse aleijado. Recuperava um aparelho descartável e “butava” até água, que não era pra curar mesmo não. Quando acabava...(em voz de falsete) – Zé Bilão, você tá doente! Você parece que tá com começo de paralisia. (risos) E o outro dizia: - Eu tô. (voz falseada) E quando acabava, ele se deitava no chão, eu enfiava a agulha na roupa. Ele ficava bonzinho.(voz falseada). (risos)

Nas descrições de Brincadeiras dos Caretas vamos adentrando um mundo de personagens, no caso de “seu” Zé, ele fala do Doutor, presença, ainda hoje, constante nas passeatas dos Caretas e mesmo nos dias anteriores à Festa oficial, no calçadão da Sede, vê-se doutores com seringas buscando “doentes” para a cura.

Outra história, agora do filho de seu Zé Salu. Esta é uma dessas brincadeiras feitas a um desafeto dos Caretas, e estes nunca eram só os encaretados que não gostavam, parece que o motivo da risada era que, no fundo, mesmo aqueles que não eram Caretas, achavam graça em mexer com tais pessoas, como mostra a fala de seu Antônio Salu:

“Tinha um velho que gostava de tomar muito café. Um velho que era perigoso. Derrubava os “inventos” das crianças. Não tinha uma pessoa que entendesse dele. Até uma pessoa adulta tinha medo dele. (eu pergunto o nome dele é velho?) É, o finado João Borges. Nós brincando de Careta “vamo” pegar ele um dia na casa de pai. Que eles eram amigos. Aí “cheguemo” no terreno com voz de falsete: -“O “véi” Borges entrou aí? Aí o menino disse: - Tá tomando uma xícara de café. Tá que é todo um sapo sentado na cadeira. “Tava” todo um Cururu. Aí “cheguemo” por aqui um com uma espingarda, o doutor lá trás com as mãos lá nos remédios. Aí chegemos por aqui aí chegou um e botou a cara como na porta da cozinha, em voz de falsete: - Ô bicho “fei” minha Nossa Senhora! Vou matar essa peste! O velho disse: - Olhe eu não

gosto de brincadeira. Ele “tava” com a xícara. O Careta arrastou daqui (fez um gesto em relação a uma espingarda sendo retirada das costas e o gesto do tiro) e o Careta, PUM! O velho caiu com xícara de café e tudo (risadas). – Ei comadre Maria esse “fi” da peste me fez uma arte. Fulano me atirou! Me matou!!! Encheu a casa de poeira. O outro chegou por trás , em voz de falsete: - “Como foi matou o bicho? Assim o tiro não prestou não quebrou só a asa ele tá chumbado, mas eu já tô carregando de novo. Aí o velho ficou se temendo todinho. Era só pólvora. Era só de longe mas a bucha batia. Mas não era nele foi só na xícara de café. – Comadre Maria esse “espírito” me matou! Dona Maria: - Vocês tão doido? – é que tinha um bicho “fei” aqui e nós “ignoremo” o bicho é “fei” demais no “mei” do povo. (risos)

O improvisado é patente na cena acima. A encenadora, Viola Spolin, diz que: “No teatro improvisado o ator é artesão de sua própria educação” (1963, xxiv). Ou seja, sua atuação é repleta de liberdade para produzir-se a si mesmo. É o que ocorre na cena descrita por seu Antônio e, ao mesmo tempo, de maneira cômica mas não pouco violenta, os Caretas submeteram o homem que todos tinham receio. Armados e mascarados foram à forra. Seu Antônio diz que não havia perigo e reforça o lado cômico da história o ar cômico, mas seu Borges sofreu com a brincadeira que creio nem todo mundo ia gostar de passar por ela.

E se ele era uma pessoa considerada má a cena deve ter sido minimamente preparada ali, perto de onde o pobre senhor ia tomar sua inocente xícara de café. Entrada de cada Careta, ação principal preparada.

Seu Borges reagindo a ameaça de um segundo tiro faz o pedido de socorro à dona da casa, que parece incrível, nada tinha ouvido até momento em que a vítima gritou por ajuda.

23

Corpo é porção limitada de matéria; substância conformada de cada animal; parte material de uma homem ou de um animal, vivo ou morto. O corpo aparentemente é algo mais próximo do animal e mais distante da cultura,

mas, no caso do ser humano, tudo que se refere a espécie acaba por “culturalizar-se”.

O corpo humano é elemento fundamental para este afirmar-se ou renegar-se como tal, pois o ato de “culturalização”, é estatuto final de confirmar-se diferente de outros de sua espécie, em boa parte das vezes, melhor que de outras espécies.

Como disse Zumthor: “Meu corpo é a materização daquilo que me é próprio, realidade vivida...ele existe à imagem de meu ser...”(Zumthor,1990,p28) O corpo é mais uma ligação entre o teatro e a Brincadeira de Careta, o suporte, tanto em uma atividade como na outra, é o corpo ou do ator ou do “Brincante”. É sobre o corpo que vão-se montando as narrativas no teatro, na Brincadeira.

O corpo tem sido objeto de análise para os historiadores, graças a estímulos dados por outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, Sociologia e Psicologia, seja no que concerne aos “significados simbólicos” (Burke,1990), seja como “encruzilhamento entre o ego e a sociedade”(Porter,1990,)

Perspectivas adotadas por historiadores ligados a uma forma diferente de fazer pesquisa histórica, firmada no século anterior dentro do que ficou conhecido como, “Novas Abordagens”, “Novos Objetos” e “Novos problemas”.

No teatro Ocidental, o corpo é um meio importante para a comunicação em cena, mas ele compete com o texto do autor, move-se de forma determinada por algo exterior a ele mesmo, submete-se ao texto.

No caso dos Caretas não há texto escrito. Todas as regras de composição são dadas pela observação e oralidade. Dentro da construção do improviso na Brincadeira, o corpo do Brincante é o suporte que determina a personagem Careta. É com o corpo que o Careta se constrói enquanto tal.

A referência primordial para discussão deste tópico é a pesquisa desenvolvida pelo pesquisador-encenador Eugene Barba, na Obra “A Arte Secreta do Ator”(1995), não há tentativa de enquadrar ou achar princípios universais mas formas de ser Careta, mas penso poder utilizar-me da reflexão

daquele encenador-pesquisador na forma como os Brincantes se fazem Caretas, quando estes têm o corpo, assim como o ator do teatro pesquisado por Barba, como principal veículo para sua arte.

O teórico do teatro antropológico Barba, sistematizou formas de interpretações teatrais usando o corpo como principal portador das mensagens. Tendo o texto escrito (não a voz, pois os sons permanecem) como base para montar enredo ou personagens.

O corpo do ator ligado à escola de Barba, fala do lugar que pertence, assim como o corpo do Careta. Mas percebendo tal corpo dentro dos aspectos não apenas de um presente mas de uma tradição, adquirida dentro de uma aprendizagem informal dos grupos de Caretas de Jardim. O Careta tem um corpo observável. Um corpo composto para ocasião baseada em modos antigos de como ser Careta.

Barba trabalha com a idéia de que o ator Oriental, diferentemente do ator Ocidental compõe para representação no palco, a partir de regras orgânicas, ou seja, busca no seu organismo elementos para composição de suas personagens.

Diferente do ator Ocidental, em que as técnicas são exteriores ao seu corpo, vem de fora para dentro, ou seja submete-se à hierarquia de um texto escrito, a base do estudo do ator de Barba é o seu cotidiano, que tem uma marca histórica, em dado tempo e espaço.

O ator do teatro Oriental, pesquisado por Barba, tem como mote para sua composição o seu cotidiano, assim como, em muitos casos, atores de outras correntes, mas difere o ator de Barba, pois este, busca o cotidiano para dele fazer-se extra-cotidianamente.

“A maneira como usamos os nossos corpos na vida cotidiana é substancialmente diferente de como o fazemos na representação. Não somos conscientes das nossas técnicas cotidianas: nós nos movemos, sentamos, carregamos coisas, beijamos, concordamos e discordamos com os gestos que acreditamos serem naturais, mas que são determinados culturalmente.” (Barba, 1995, p9)

Ao brincar, o Careta, de forma intuitiva e prática, toma noção do próprio corpo e de certas leis sobre movimento que o rege, realiza um estudo empírico que o ator com as técnicas pesquisadas por Barba faz racionalmente.

O Brincante precisa arrumar uma forma diferente da sua própria de andar, falar. Inevitável, nesta procura, que ele acabe, diferente da maioria das pessoas, por tomar noção de como ele é, seu corpo “naturalmente”, no dia-a-dia.

Barba fala em “sentido muscular”, que é a percepção do estado de contração ou relaxamento dos músculos e do trabalho que estes realizam afim de suportar um determinado esforço.

Para libertar-se dos movimentos “naturais”, o Careta utiliza a regra oposta do cotidiano de qualquer um de nós, que é o do menor esforço para realização das atividades. O caminho do brincar é inverso. O Brincante objetiva as ações como andar e falar por meios de uma maior dificuldade em realizar tais ações.

O mesmo ocorre para trajar-se. Pois, pensar naqueles homens e mulheres em temperaturas altas totalmente escondidos, abafados por panos e outros materiais em nome do anonimato, sem medir as dificuldades, não deixa de ser admirável.

O Careta, ao se pôr a caminhar, desobedece a um equilíbrio natural em relação à linha da gravidade, perpendicular ao chão, pensada a partir da cabeça ao chão do indivíduo.

A posição do corpo é de atenção – músculos dos quadris contraem, o glúteo também - E quanto maior for o movimento fora da linha de equilíbrio maior o esforço físico para manter o corpo em movimento.

Tal modificação do corpo provoca duas ações aparentes, quanto mais o Careta concentra-se no esforço físico mais ele se modifica fisicamente, transfigura-se afastando-se do que ele o é na “realidade”. Entra em processo de representação.

Ao mesmo tempo, quanto mais afastado do seu cotidiano psicologicamente mais fácil dele entrar no êxtase e representar. A obra de arte e

não apenas a sua representação. Pois, ele acaba não sendo apenas um ator entre atores, mas ele, o Careta forma um conjunto com os outros Caretas.

O Careta concentra-se no quadril afastando-o para trás. Dobra um pouco os joelhos, prende o abdômen com a ajuda das coxas. Os pontos de tensão localizam-se, principalmente, no quadril e coxas.

Essa forma do corpo e a maneira de lhe dar intensidade é resultado da observação e do treino ao brincar, mas podia-se escolher outra forma para tensionar o corpo?

Provavelmente sim. Mas a memória ditada pela observação, realizada pelos mais jovens e a confiança deste naqueles mais antigos e na tradição, confirmam a permanência de um corpo de Careta em Jardim.

Os Caretas na festa, “é um saber-fazer”(1990), ligando-se a uma praxes que não separa o pensar do executar, a partir da análise de Paul Zumthor, com o conceito de “Performance”, que nos ajuda a ligar todo o evento. Não separa pensar-executar e nunca permanece como apresentado, modifica-se autorizado pela memória do grupo.

O corpo físico é o suporte. Ele realiza os gestos compondo a lógica da festa: a de não mostrar-se. Esconde-se do olhar que olha, utilizando-se da idéia contrária, aparecendo demais.

Na obra, “Castelo de Cartas”(1999), Ítalo Calvino, narra cenas ocorridas em um castelo em que, por algum sortilégio, os que o visitam ficam mudos e impossibilitados de falar e a comunicação acontece através de cartas de taro.

Cada personagem toma do maço de cartas para contar sua história para outros, estes se esforçam para entender, usando a imaginação como parte constitutiva da interpretação de cada narrativa.

Por vezes, o narrador, sente-se com medo de fazer uma leitura equivocada das mensagens, busca confirmação nos olhos e gestos de seus parceiros.

Falava há pouco que, ao movimentar-se, o Careta desobedece algumas leis da natureza, em nome de um desequilíbrio baseado na utilização da

lei do maior esforço para realização dos movimentos. Mas o Careta chega, mesmo quando não se movimenta, a manter tal desequilíbrio. Consegue parado manter a idéia da tensão muscular a qual Barba referia-se quando viu os atores Orientais.

O Careta parado, ainda concentrado nos quadris para trás e nos joelhos levemente dobrados, põe, em plena tensão sua musculatura de Brincante. É um corpo vivo, diferente, chamativo, grotesco e engraçado, em nome do desejo de comunicar-se com seu meio.

Quem o observa não pode deixar de ser atingido, de olhar parece impossível. Comenta-se, ri-se, olha-se principalmente. O corpo daqueles que observam também reage. Colocam as mãos na boca para esconder o riso. Quando acompanhados pegam nos braços do companheiro e comentam entre risadas.

No corpo "encaretado" vemos a importância de um adereço do traje: o chocalho.

24

Ao balançá-lo o Brincante força o quadril sempre para trás, e quanto maior é o chocalho mais o quadril é puxado em sentido contrário ao restante do corpo.

O chocalho e cassetete compõem os trajes dos Caretas, sendo o cacete (cassetete) freqüente e o chocalho obrigatório. José de Lajinhas e Jamilles concordam que Careta sem chocalho não é Careta. Tanto o cassetete como o chocalho são sinais claros de outros tempos.

O cassetete ou cacete, até um tempo atrás, era usado para bater nas pessoas que assistiam à festa, Luís Lemos diz: "Hoje em dia eles não batem mais...É só para lembrar."

Quem sabe lembrar de outros tempos, em que alguns Caretas aproveitavam a festa para aprontar com seus desafetos. Aproveitavam-se da máscara para brincar, dizer desaforos, espancar os inimigos ou realizar atos mais

singelos como correr atrás das moças que desejavam, mas não tinham coragem de revelar de cara limpa, fazendo joguinhos de assustá-las, fingindo que queriam bater nelas.

O chocalho, simboliza o próprio Careta. Ele ajuda, arrisco a dizer, que determina o corpo do Brincante para a Brincadeira. Daí a idéia de certos Caretas de afirmarem que, quanto maior o chocalho, melhor. Perguntava a eles por quê. Eles pensavam um pouco e resolviam com a frase do tipo, “faz mais barulho!”

Basta olhar o Careta para percebermos a força do adereço, importante pelo barulho, pois anuncia que lá vem mais um “encaretado”, e pelo corpo que ele ajuda a construir.

Ao andar, a impressão é que os joelhos e os quadris se sobressaem em relação ao resto do corpo. Força o Careta a prender a barriga e soltar os joelhos e é como se as “canelas” estivessem soltas em relação à tensão criada pelos quadris, barriga e joelhos.

Quando alguém observa um Careta que domina tais leis o olhar fixa-se nas tensões do corpo do Brincante. Tais tensões servem ao Brincante que tem que se concentrar no corpo cada vez mais.

Enquanto o Careta tem o sentido de atenção sobre o movimento dos quadris, que movimentam o chocalho, sua mente meio que esvazia-se, ele esquece-se de si mesmo. Como Merleau-Ponty disse, o corpo aparece como “postura”.

A atitude do Brincante, optando pelo maior esforço em permanecer na postura descrita há pouco, traz conseqüências a seu corpo, apresentadas em certas falas, como de José e Miguel de Cacimbas:

Ivaneide: - Como é o Chocalho que vocês usam aqui?

José: - Assim, desse tamanho. (deu espaço de um antebraço)

Miguel: - Quanto mais grande, mais melhor o Careta acha, eu pra mim.

Ivaneide: Acha o chocalho grande melhor, por quê?

José: (pensou) - Por causa da zoada, do tom do chocalho que a gente usa. Mas quando é no outro dia, isso aqui, (apontou) o traseiro fica todo doído. Porque bate demais. (risos)

A função de tamanho esforço, por parte do Brincante, é a estupefação e transformação, e não deixa de ser curiosa a fala de Barba sobre um nível pré-expressivo do ator Oriental estudado que bem parece com a composição dos Caretas de Jardim, observe:

“...nível pré-expressivo...energia...estar em ação(que é) o KOSHI –em japonês não é um conceito abstrato, mas uma parte muito precisa do corpo, o quadril...dizer ele tem ou não koshi é dizer se ele tem ou não quadril. Mas o que quer dizer? ...para bloquear o quadril enquanto se caminha é necessário dobrar os joelhos ligeiramente e, ajustando a coluna vertebral, usar o tronco como um bloco, que então pressiona para baixo...tensões são criadas...obrigam o corpo a encontrar um novo ponto de equilíbrio...é uma maneira de gerar vida do ator....baseada numa alteração do equilíbrio...”(Barba,1995,p10)

No Careta, o chocalho é posto na direção das ancas, seguro por uma correia de couro e para balançá-lo é necessário arrebatar as ancas, fazendo uma leve dobra nos joelhos. O que dá um efeito de jogar o tórax e a cabeça para a frente, deixando as panturrilhas como que soltas em relação à força que o Brincante é obrigado a fazer com os quadris.

Barba, em uma passagem, transcreve a conversa do ator do “Kabuki”, Sawamura Sojuro, esclarecedora quanto à maneira de obtenção de energia por parte do ator, “Meu pai nunca me disse: “Use o “Koshi” (quadril), mas ele me ensinou quando me abraçava pelo quadril e me retinha.”(Barba,1995,p10).

Para vencer a resistência do abraço de seu pai, Sojuro foi forçado a inclinar seu tronco ligeiramente para frente, dobrou os joelhos, comprimiu seus pés no chão e deslizou-os para frente antes de tomar um passo normal. Resultado: um passo básico do Nô (tipo de representação japonesa para o teatro).

Já com o Careta, o chocalho toma o lugar do abraço do pai ano filho. Tem a finalidade funcional que pouco tem a ver com a idéia da ligação direta com a pecuária ou uma saudade de um passado que nunca houve.

O chocalho funciona tal qual a força realizada pelo pai do ator da citação de Barba. São as “forças opostas” que possibilitam, tanto ao ator como ao Careta, a transformação dos movimentos cotidianos em extra-cotidianos.

O melhor Careta é o mais engraçado. Mas qual é o mais engraçado? Aquele que consegue chamar atenção pela performance, ou seja, no caso dos Caretas, aquele que vai buscar o desconforto para montar seu corpo.

Assim, Barba diz sobre o ator pesquisado aquilo que posso utilizar para os Caretas de Jardim: "O principal talento de um ator é a capacidade de resistir, tolerância...um corpo vivo, fortemente presente...forças que estão agindo em direção oposta à que se observa..."(Barba,1995,p13) Quando o corpo já não se assemelha a si mesmo, encontra-se fora do cotidiano, de seu "natural", portanto não mais obedece às regras do dia-a-dia.

Tais regras referem-se às leis da natureza e às normas sociais. Quanto às regras sociais, o corpo apresenta-se por vezes, "grotesco", indecente para alguns, como um palavrão.

25

Bakhtin, no seu estudo sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, a partir da obra de Rabelais, salienta a importância do corpo, como expressão de posições sociais divergentes ou diferentes. E há pouco adjectivei o corpo dos Caretas como grotesco. Tal termo faz do estudioso russo outra referência desta pesquisa.

Quando em desfile, nas passeatas pelo centro de Jardim, os Caretas se integram aos espaços da Sede, compõem-se e não divergem. Já soltos, fora dos desfiles, nas noites, pelas mesmas ruas ou nas localidades do município, sempre em pequenos grupos ou sozinhos, ocorre o contrário, modificam os espaços pelo estranhamento.

Aquelas figuras desconexas estão fora do cotidiano, da normalidade diária. Homens vestidos de mulheres, mulheres vestidas de homens. Alguns carregam características estereotipadas do sexo oposto, preocupados em serem gaiatos.

Outros lembram os atores orientais em outros tempos que mesmo transfigurados, não estavam “disfarçados”, como bem comenta Barba, mas despojados do próprio sexo.

Bakhtin, tratou do que chamou de cultura popular na Idade Média, em oposição à cultura da elite daquele momento. Não trabalho na perspectiva de separação da Cultura, mas a análise do autor russo é útil, no que refere-se aos seus estudos sobre as manifestações denominadas por ele de “Formas de ritos e espetáculos”, especificando-as como representações de praças, de ruas, realizadas tendo o cômico como elemento essencial.

A Brincadeira/Festa dos Caretas é uma manifestação de rua com forte comicidade, colocada a partir de elementos identificados como “grotescos”, descrita . Bakhtin, diz que a estas manifestações cômicas na rua traziam: “...visão do mundo do homem e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não oficial...um segundo mundo, uma segunda vida...”(1995,p4-5)

O autor nos fala de riso ambivalente em contraposição ao riso moderno, que emprega um humor negativo. Já o riso ambivalente, diz Bakhtin: “...expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluído os que riem.” (1995, p11) Há pouco comentava a participação daqueles que na rua observavam e participavam com seus corpos, risos e gestos de apoio ou repulsa.

Bakhtin fala ainda que tal riso ambivalente tem o poder de eliminar, provisoriamente, as hierarquias entre os indivíduos, assim como traz para a praça, no caso para as ruas gestos ligados a uma linguagem carnavalesca. Percebe-se, de imediato, características carnavalescas nas formas de vestir-se dos Caretas, na irreverência de alguns trajés, no corpo que traz uma imagem exagerada. Sexual pode-se dizer. Mas não há vulgaridade aparente, parece apenas nos lembrar da nossa real condição de seres naturais, dominados pelas regras sociais.

Lembra-nos mas não nos tira da sociedade. É uma saída por assim dizer segura, regenerativa que nos afasta e nos aproxima da vida diária brandamente. Bakhtin diz:

“As grosserias e obscenidades modernas conservaram as sobrevivências petrificadas e puramente negativas dessa concepção do corpo...Essas grosserias...humilham o destinatário segundo o método grotesco, isto é, elas o enviam para o baixo corporal absoluto, para a região dos órgãos genitais e do parto...onde ele será destruído e de novo gerado...Nas grosserias contemporâneas não resta...sentido ambivalente e regenerador, a não ser a negação pura e simples, o cinismo e o meio insulto...” (1995, p25)

O grotesco, ao qual me refiro na Brincadeira/Festa dos Caretas, integra Brincantes e observadores da Brincadeira na idéia do homem “corporificado”. Suas ancas arrebitadas para trás, a forma como andam, como trajam-se nos aproxima de uma vida material e corporal, animal, da qual a urbanidade insiste em nos afastar.

Imagens que fazem nos lembrar que atos como beber, comer, copular, parir são ações que nos fazem animais. Mas a maneira como o Brincante se aproxima do significado é regeneradora, pois não nos afasta com agressões, ao contrário, nos faz rir, talvez, não da forma do corpo estar naquele momento, mas devido ao fato de termos nos esquecido de práticas tão reais e presentes na vida diária de todos nós.

De Certeau, fala em “fazer do corpo aquilo que uma sociedade pode escrever”, quando o corpo segundo ele, “...é posto como página em branco”, ditando regras, apontando os disciplinados e os indisciplinados, os crentes e o pecadores. Quando o corpo informa o grau de dicotomização privilegiado em cada grupo social.

Quando o próprio corpo é marcado por tintas, tatuagens, “piercings”, vem a imagem do paraíso mitológico católico cobrindo-se de panos para mascarar a noção do pecado original.

Nos Caretas, o corpo é o suporte do texto e o mediador da mensagem. É sobre o corpo do Brincante que são colocados os códigos que os “espectadores” olham, lêem, dialogam. Corpo portador da metáfora que é a mensagem.

A análise utiliza-se muito da perspectiva de Barba de um corpo performático e com uma memória muscular, e muito da idéia de Bakhtin de um

corpo transgressor das convenções sociais. Mesmo quando a lógica é exatamente o de escondê-lo, como acontece com os Caretas.

A roupa do Careta tem objetivo o de escondê-lo, disfarçar quem a veste, como parte importante para encobrir o suporte humano. Elas trazem a característica da inversão tão própria a idéia do "grotesco" de Bakhtin.

A inversão é uma característica universal do brincar na lógica carnavalesca. Nos Caretas, ela atende ainda à lógica deles de manterem-se incógnitos durante a festa. E a melhor forma é omitir o próprio sexo.

Nélsia, afirma que na última festa a maioria dos Caretas eram mulheres, que não foram identificadas, porque com exceção dela e de Damiana trajadas de bruxas, as outras mulheres colocaram trajes mais pesados, mais masculinos.

Já, José dos Santos, escolheu para vestir uma saia velha longa até os pés, de sua mãe, para esconder os pêlos, e colocou sobre a cabeça um lenço que encontrou na casa. Sorrindo, disse, "...ninguém desconfiou que era eu".

Isso de pertencer a outro gênero, ser o outro, a possibilidade de ampliar ações, de experimentação, na perspectiva feminina e masculina, parece ser bem importante para os "Brincantes".

Para a escolha, para o catar de peças para composição do Careta o Brincante utiliza-se de uma "equação" citada por De Certeau, Promovemos uma sentença tipo: "*menos força = mais saber - memória = mais efeitos*," a lei do menor esforço.

Ou seja, ao catar as peças de seus trajes os Caretas vai buscá-los próximo a si mesmos, aqueles materiais que estão à vista, mas para compor o careta, por outro lado ao Brincante pouco ou nada interessa a dificuldade em usá-lo na caminhada e passeatas.

Assim temos dois tipos de atitudes que são as duas caras da mesma moeda: uma encontra o caminho na facilidade e a outra na maior dificuldade.

Dessa forma, seu Nelson de Cacimbas quando brincava, buscava panos de estopa, folhagens e completava o traje com uma máscara feita de papelão, como faz ainda o filho João.

Chegando a festa, busca o que estiver à mão, sejam os materiais que seu Nelson usava e João ainda usa, seja a máscara comprada na mercearia, ou faz como José, busca no guarda-roupa da mãe o traje mais apropriado para aquele ano.

Barba, na *"Arte Secreta do Ator"*, também comenta essa economia que nós fazemos na vida diária, e coloca que o ator ao se apresentar, deve fazer o caminho contrário, para o "público" perceber a importância do ato, do movimento. O método aplicativo é o da exaustão.

A exaustão também é o método do Brincante ao apresentar-se nas ruas e para disfarçar-se vale o esforço. O prêmio é chamar a atenção sem ser identificado aquele que chama para si a atenção do público.

Em Brejinho perguntei ao Marcondes o que é importante para ele na roupa de Careta, e respondeu-me assim:

Marcondes: - "Nós tentamos preservar no máximo que o Careta seja aquela pessoa que use a roupa rudimentar mesmo. Uma roupa rústica do homem do campo, do trabalhador. Geralmente, os nossos Caretas gostam de se vestir com uma roupa usada, rasgada. Dependendo da criatividade do Careta, ele usa várias artimanhas pra trajar-se. Têm pessoas que usam o bicho FOLHARAL com certeza esse ano vai ter esse bicho Folharal lá. Lobisomem, cachorro, é vaca, é touro. Inclusive tinha um Careta brincando que parecia aquela brincadeira do Boi-bumbá que ele corria por aqui cutucava os outros assim. Acho que a personalidade do Careta representa assim mas no fim ele nem sabia que aquilo existia daquele... Careta tem de todos os tipos. Hoje usa-se também essa máscara carnavalesca, essa máscara de borracha. Eles gostaram muito. Ao meu ver não seria uma excelente idéia por que a gente deixava aquela característica que era o Careta que usava, ele fabricava sua própria máscara com capenga de macaúba, com cabaça, papelão. Você pegava um cesto velho. Mas existe Careta que brinca com traje de borracha com a máscara mas também usa ... Eu ao meu ver não achei uma coisa eu proibir porque por incrível que pareça todas as expressões culturais que resistem ao tempo sofre algumas modificações. Eu acho se a gente fosse brincar de Careta como

se brincava há cem anos atrás não seria nem brincadeira seria uma guerra...

A fala de Marcondes é rica em significações. Sobre a idéia de roupa rudimentar ou não parece ser uma preocupação presente apenas nos Caretas da nova geração e ligados à cultura letrada. Digo isso pensando nesta fala de Marcondes mas também de outros Caretas como Nélsia e até Luís Lemos.

Conversando, por exemplo, com seu Nelson de Cacimbas, já idoso, diz-me que na sua opinião a brincadeira é muito mais bonita agora, pois os trajes, a festa em Jardim tudo é mais bonito, ajeitado, mais rico. pela série de figuras citadas por ele dentro da Brincadeira.

Ivaneide: - E como era sua roupa seu Nelson?

Seu Nelson: - Ah, meu Deus do céu!!! Imagine...Era muito triste. Era saco de estopa. Era aqueles sacos velho de açúcar. De primeiro o saco vinha de açúcar, não era?(...) É. Aquilo era o que fazia pra gente. Hoje a gente tamo numa vida muito normal. Tamo numa tradição muito enorme.

Ivaneide: - O senhor acha que hoje é melhor?

Seu Nelson: - Ave-Maria! Eu penso, mas eu nem sei, é, é explicar a razão.

Outro comentário a se fazer é sobre as figuras, personagens que aparecem na fala de Marcondes: Folharal, lobisomem, o cachorro, a vaca...Ah, cheguei a ver o Folharal e não pude deixar de emocionar-me lembra o tempo de criança quando faziam-me medo que o Babau devia ser daquele jeito. Imagem de uma figura fantástica coberta de folhas dos pés à cabeça, indefinível quanto à espécie, gênero ou raça.

As figuras que aparecem durante o período da Brincadeira compõem o roteiro cômico da apresentação destes Brincantes. Eles encenam, inventam histórias são tomados pelas personagens que criam. Como lembra a história contada abaixo por seu Antônio Salu, da Serra de Brejinho, quando lhe perguntei se havia necessidade de vigiar o Judas na época em que ele brincava:

“Antônio Salu: - Pastora ele, passa a noite de sono mais ele. Se possível passa até fome. Carrega o “Juda” nas costas. Vai de passagem

com ele. Dar uma “passeiota” com ele no lombo, não sabe. Ai, aqui ou acolá, um jura também. Em voz de falsete:

É danado, você estar em minhas costas, mas eu vou te descontar. (risos) e um outro: voz de falsete:

“- Você tá em minhas costas mas eu vou descontar. Você não vai passear de graça não.” Ai um outro diz (voz em falsete): “

Fulano “vamo” deixar pra colher tudo no dia! No dia nós colhe.” Mas às vez o cabra se revolta e o “Juda” lá trepado cansei de dar carga de revólver na bunda do “Juda” antes de matar ele. Eu, Careta puxava o revólver. “

(Voz de falsete): - Esse aqui vou descontar minha noite de sono logo! Vou matar esse peste!” outro dizia: (voz em falsete)

“- Não, “vamo” deixar pra outro dia! O cabra conversando aqui. Dava alegria de dar seis dele lá pendurado não dava pra derrubar. Só no furo. Ficava furado só. Atrás. Aquilo ali é uma falsidade grande pra que o cabra tem que se vingar. Porque o que ele fez com nosso senhor fez com nós. Aí nós “vamo” pasturar o “Juda” e quando acabar e ao menos esmagar bem “esmaganhado”. Tem que deixar só o “coiz”, nem!?”

29 Em um momento da obra “Preparação do ator”, Constantin Stanislavski, descreve um estudo de peça teatral quando define-se o que é arte, em particular, “arte de representar”. O que serve para explicar junto com a fala acima de seu Antônio Salu o que quero dizer quando digo que o bom Careta deixa de representar uma obra de arte para tornar-se a Obra.

A fala de seu Salu é exemplar, ele arenga com o boneco que não é boneco. O Judas deixou há muito de ser inanimado para tornar-se aquele que traiu Jesus.

Ele, de Careta, não é ele mais um vingador. Arrisco a afirmar, transporta-se para o tempo da traição de Judas. Vinga-se ao atirar. Não podia ser em outro lugar do corpo do boneco que não no traseiro.

Assim, não o mata, pois não chegará o dia. Mas o humilha, rebaixando-o. O local é escolhido “inconscientemente” dentro de padrões culturais há muito definidos pelo grupo.

Ele demonstra um diálogo com outro Careta que mesmo vendo-o quase arruinar a Brincadeira com a destruição do boneco não sai do papel e leva o colega a deixá-lo perdurado a esperar a hora certa da vingança.

Um ator pergunta ao diretor e este o responde:

E o que é arte?

Você mesmo a experimentou. Suponhamos que nos diga o que sentiu.

Eu nem sei, nem me recordo...

O quê? Não se recorda de sua própria excitação interior? Não se recorda que suas mãos, seus olhos e seu corpo todo tentavam atirar-se para diante, buscando agarrar qualquer coisa? Não lembra que mordida os lábios e mal podia conter as lágrimas? (Stanislavski, 1999, p41)

Seu Antônio, na história contada a nós naquele dia, recordou a excitação sentida, corpo, mãos do momento vivenciado por ele na Brincadeira de outrora. Vivenciou tanto que sorrimos, e talvez ele, por alguns minutos, tenha voltado no tempo com nossas risadas para as risadas das pessoas daquela época. Tornou-se obra de arte.

26

Dentro da lógica do esconder-se, vieram as máscaras ou “mascara” como é dito por alguns Caretas.

Que papel assumem quando adornam o rosto do Brincante?

Os Caretas levam tal nome devido a suas máscaras. Alguns Brincantes afirmam que a origem do nome vem da cara feia que é a própria máscara.

Outros, buscam a origem da denominação na arte dos vaqueiros, em que para amansar o barbatão (boi bravo) tapa-se o rosto do animal com um pedaço de couro, que é chamado de “careta”.

Câmara Cascudo, no “Dicionário do Folclore Brasileiro”(2000), define careta como “falsa cara”, “cara pequena”, e no contexto da festa, vira sinônimo de máscara, com a função das mais evidentes: o de esconder o rosto do Brincante.

São máscaras de monstros e não de pessoas como podemos lembrar das máscaras gregas antigas, dizem que foi Ésquilo que inventou a máscara com a reprodução do rosto humano para traduzir na Tragédia o patético e a dor. Sempre com rugas profundas, sobranceiras contraídas, órbitas saltadas,

olhos arregalados, boca aberta. Por vezes com cabeleira e até com barba. A máscara, neste caso, ajudava o ator a projetar a voz.

No caso do Careta não há máscaras, não as vi, com o semblante humano, são sempre monstros, animais até panos, tocas com furos nos olhos e boca que lembram as usadas pelos bandidos que aparecem em rebeliões de prisões na TV. Ou mesmo as máscaras de ladrões de filmes.

O que é patente é que não existe Careta sem careta, sem máscara. Pode ser feita de couro, papelão, folhagens de árvores, quenga de coco na zona rural. Ou de papel marchê ou mesmo comprado na mercearia de material plástico, no centro da cidade.

Jamilles Santos é Careta, e diz: "...é muito bom brincar de careta, aquela liberdade...Máscara na rua...ninguém lhe conhece. Quando você está com aquela máscara tudo é igual, você pode ser rico, de alta sociedade. Todo mundo lá...Todo mundo tá junto...lá brincando.

José Antônio e Miguel dos Santos moram na área rural de Jardim e concordam com Jamilles, "...de cara limpa a gente não pede nada a ninguém, mas com a máscara...A gente pede um real, dois real a qualquer um. Eles dizem: - Quem são vocês? E a gente diz, - Dar o dinheiro que nós tira as máscaras. Aí quando eles dão o dinheiro a gente corre e vai pedir pra outra pessoa."

Nélsia afirma: "A gente começa a brincar de Careta quando começa a confeccionar as máscaras." O fazer como o primordial. Escapar quem sabe da ditadura do apenas pensar. Escapar para o mundo do sentir primeiro e depois se unir em um corpo total, sem divisões arbitrárias.

Ou ainda pela fala de Nélsia acima e relacionando com a construção da personagem no teatro, quando os Brincantes confeccionam seus trajes tenham mais tempo de treinar como vão ser os corpos dos seus Caretas e, conseqüentemente, a personalidade do folião durante a Festa.

Liberdade, liberdade de não ser reconhecido, de pedir, de brincar. Outras falas apontam na mesma direção.

Jamilles conta rindo e com os olhos brilhando que durante a festa desse ano ela e as amigas deitaram-se em pleno dia na calçada da igreja e não foram reconhecidas. Gargalhou.

Tirar uma folga de si mesmo, desobedecer às regras parece ser “originalidade” na prática do festejo.

Uma preocupação aparece com frequência na fala dos Brincantes, principalmente nas falas daqueles da Cidade, é o dilema do uso da máscara de plástico. Na Festa na Sede a Associação dos Karetas promove um concurso para premiar o que ela chama aos Caretas mais originais.

Luís Lemos diz, que o traje que lembra os antigos é o mais apreciado pelos jurados e seria o mais criativo por trazer elementos e materiais de antigamente.

Perguntei a Fernando de Brejinho, se ele via problema em usar a máscara de látex e ele disse que não, só que era mais quente que a de couro ou de papelão.

A mesma pergunta fiz a seu Nelson, do Sítio Cacimbas, e ele disse que fazia parte da evolução da brincadeira, que não influía na brincadeira.

Nélsia, recém formada em História: “O Careta criativo faz de materiais originais a sua máscara”, ela fez a dela de papel marche. O original de que fala, talvez, não tenha muito haver com o material que é confeccionado o traje.

O Careta pode vir com trajes feitos não de materiais coletados na natureza, como os restos de vegetação ou de resto de “lixo”. O importante é o fato do próprio careta fazer, confeccionar o traje que usa.

Triste, Nélsia, acrescentou: “Os Caretas da Cidade fogem do Careta original com trapos e máscaras de papelão.” Talvez a fala da Brincante traga um certo sentimento idílico de um passado da Festa com o domínio do agricultor.

E seja ainda uma forma dela contestar os usos dados à festa na Sede pelas instituições e autoridades do Município. E a forma de apresentação do evento com trio elétrico, e por vezes, até contratação de bandas de forró vindas de fora para a Festa.

Pensando nas imagens fantásticas que formam os Caretas circulando pela cidade, que tanto lembram as descritas por Bakhtin nas festas de rua da Idade Média, observa Jamilles, “sozinhos dão medo e em grupo dão vontade de rir”.

Fantásticos monstros com suas máscaras de plástico ou caricaturas ambulantes de figuras nacionais e internacionais execradas pela TV como o juiz "La-Lau" em 2001 ou o Bin-Laden em 2002, conservam a chacota que caracteriza o humor das festas de rua como o carnaval atual ou o descrito por Bakhtin.

Mas não conseguem dar as respostas críticas que aguardariam Nélsia, pois nem o Judas nem as máscaras da Sede tem tido a cara de ninguém da região: "Os Lau-laús do Cariri ficam fora", segundo ela.

Câmara Cascudo nos aponta não uma definição mas uma reflexão, no "Dicionário Brasileiro do Folclore Brasileiro", "Convergem para a máscara as superstições do duplo, outro-eu, eu-subjetivo, atuantes na sombra e no reflexo."

O pesquisador fala das experiências relatadas a ele por diferentes grupos em seus trabalhos de campo, sendo a máscara usada em rituais ou em eventos festivos. Juntando-se a máscara à voz em falsete, o andar diferenciado do comum daquele que a usa.

A visão de um ser que esconde um outro ser. Mas que, ao mesmo tempo, torna-se um ser harmonioso, pois é, o que é e o que busca ser.

“A CIDADE E A BRINCADEIRA” – considerações finais

o homem de propensão filosófica tem mesmo a premonição de que também sob essa realidade, na qual vivemos e somos se encontra oculta uma outra, inteiramente diversa, que portanto também é uma aparência.”(Nietzsche,1993,p28

Quis perceber os Caretas em Jardim, imbricados nas relações conflituosas, inerentes àquele município, construído, através das diferenças sociais. Os Caretas trazem em sua Brincadeira/Festa todos estes conflitos e contradições.

Quis eu demonstrar que ao brincar Careta, o jardinense, realiza uma disputa de idéias, espaços e reivindicações referentes aos respectivos grupos sociais no município, seja ele consciente ou não disso.

E, estas disputas, refletem questões situadas não apenas no município ou na região onde se situa este, mas dentro de pressões exteriores ao próprio lugar.

Uma festa, em si, independente de sua natureza, acende naqueles que dela participam, mundos de sensações, expectativas e liberta um imaginário.

Agora, quando esta festa, privilegia o espaço público e não o privado, assim como o Carnaval e também a “Festa dos Caretas” tem-se, exponencialmente duplicados, todos os pensamentos e sensações a seu respeito.

A Festa/Brincadeira de Careta é cíclica como já foi dito, fácil, talvez de organizá-la, dentro de uma cronologia de começo e fim. Ela se inicia na quinta e vai até o domingo da “Semana Santa”.

Mas como também foi possível vê, tais regras são quebradas, seja pelas crianças que iniciam a brincadeira bem antes, seja pelas localidades, como a Serra de Brejinho, em que crianças e adultos, brincam além do período determinado.

São quebradas as regras também quando se quer fixar um caminho para os Caretas, fala-se até em criar no município um espaço só para eles ficarem no período da festa. Nada mais foram da peculiaridade de ser Careta.

A Brincadeira/Festa obedece à temporalidade cíclica, tradicional, dada pela observação, herdeira dos antigos, obedece a um tempo semelhante ao da natureza, anualmente é para se ter chuvas, colheitas, passagem de ano, Carnaval e Semana Santa, portanto tem que ter Careta nas ruas de Jardim.

As falas dos Caretas, de pronto, apresentam dois lados, sistematizei-as nas duas denominações, freqüentemente utilizadas no trabalho: Festa e Brincadeira.

Na primeira, Festa, enquadro as ações que querem a brincadeira organizada, por parte da “Associação dos Karetas”, representando setores oficiais do município, com o desejo de utilizá-la, para fins partidários, financeiros e como auto-afirmação na região do Cariri.

Mas a proposta de organização não é uma luta fácil para aqueles que a defendem e, não é só da Associação, outros grupos também reivindicam, dentro das intenções presumidas dos organizadores, autoridade para disputar a melhor maneira de arrumar o evento.

A Brincadeira de Careta, funciona diferente, é livre. Qual seria a sua diferenciação? Fecharia os olhos e veria os Caretas andando pelo centro de Jardim ou pelas plantações das localidades. Sem rédeas. Sem local demarcado para suas caminhadas.

O espaço da sede ou das localidades são escolhidos por eles, informalmente, pode mudar de direção. Não importa. Voltaria a falar dos verbos ir e vir próprios aos Caretas.

Ainda de olhos fechados, veria a porta da sede da Associação nos dias das passeatas, e a fadiga dos organizadores para manter quietos os impacientes Caretas até a hora marcada.

Qual a raiz da brincadeira de careta? O sonho, o delírio as projeções de futuro. A utopia de imaginar que, naquele período, não há mais as diferenças do cotidiano. É o fim da labuta de pouco resultado. É o tempo da alegria, da prosperidade e da punição daqueles que são ruins, estes açoitados pelo cassetete dos “Brincantes” ou representados na malhação do Judas.

Tudo isso para responder à pergunta do porquê da brincadeira persistir, apesar do tempo, apesar dos conflitos, apesar da vigilância, apesar do “apoio”. O maior atrativo dos Caretas é a convicção de que outros, de outros tempos, assim também fizeram.

Neste sentido, caberia a pergunta de De. Certeau: “Como o tempo se articula no espaço organizado?” Assim como perceber a memória em um jogo nos tempos e espaços, fazendo e refazendo-se em uma dada ocasião. A oportunidade de “festar”, brincar.

“...memória não possui uma organização já pronta de intervenção, a memória a obtém de sua própria capacidade de ser alterada- deslocável, móvel sem lugar fixo. Traço permanente: ela se forma (e seu capital) nascendo do outro (uma circunstância) e perdendo-a” Apenas uma lembrança.” (Certeau,2000,p249)

A memória é uma construção e não é inocente. E pertence aos vivos? Fez-me refletir, o professor de história, aposentado, de Jardim e “ex-Careta”, o qual não quer revelado seu nome.

Para o professor, a Festa dos Caretas de hoje, não tem mais sentido. Para ele, o fato dos organizadores terem retirado da festa, dois elementos, como o furto e o espancamento, “é desfazer o sentido das coisas, não tem mais graça.”

O aposentado, professor diz, agem, os organizadores, como se não tivesse existido mesmo, tanto o furto como o espancamento, mas ele rebelase, e me aponta ambos como elementos definidores da Brincadeira.

O professor, lembra o burguês de Darton, aquele que olhando uma marcha cívica, reflete que, em determinado momento, os velhos não acham nada de histórico nas ruínas que os mais jovens insistem em preservar enquanto memória.

O professor pertence a um grupo de pessoas, que enxerga pouco ou quase nada de um passado merecedor de preservação na “Festa dos Caretas”.

Já, o velho Sinê, considerado por todos com quem conversei na Associação, como o mais antigo Brincante vivo da sede, aparentemente, acha que vale a pena vigiar o “Sítio do Judas”, durante as noites de sexta e sábado, para não acontecer nada de ruim com o boneco.

Lembranças, talvez, de uma época em que havia na cidade vários sítios de Judas e uma competição entre os Caretas pela melhor brincadeira. Naquele tempo, me disse “seu” Sinê, durante a noite, os “Brincantes”, saiam para roubar os Judas dos outros grupos de Caretas da Cidade.

Ou a vigília de Sinê seja apenas uma extensão do trabalho que desempenha agora que, é o de vigia, vigia da “Associação dos Caretas”. Durante o período da Festa passa os dias bebericando, sentado, observando o movimento, ora na sede da Associação, ora no “Morro do Tetéu” onde fica o Judas.

Flávio, presidente da Associação, me diz, que se o velho Sinê não estiver, não tem graça. Já o professor aposentado riu do velho Careta. Acha que Sinê faz papel de bobo, que é manipulado devido a sua pouca instrução.

Acima imagem exemplar do conflito no processo da Brincadeira/Festa de Careta, a relação passado/presente/futuro, como se concretiza. Hobsbawm, no texto “O Sentido do Passado”, ensina que, “em história, na maioria das vezes, lidamos com sociedades e comunidades para as quais o passado é essencialmente padrão para o presente.”(Hobsbawm,1998, p?)

A Festa/Brincadeira é memória em construção, sempre apresentada nas falas dos Caretas, na perspectiva de pertencer a uma longa tradição, que tem seu Sinê na sede, “seu” Zé Salu no Brejinho, o próprio professor como testemunhas de longevidade.

Não é à-toa que na Serra do Brejinho, Marcondes, apresentava, marcava a cronologia, através da idade e do tempo de brincadeira de seu Zé Salu, insistentemente, ao longo de nossa conversa. Como percebemos abaixo:

Marcondes: “Ti” Zé montava em burro bravo?

Zé Salu: E quanto mais pulava “mió”.

Marcondes: “Encaretado”?

Zé Salu: “Encaretado” era o

Marcondes: Isso era uns 60 anos atrás?

Outro momento, também de Marcondes e seu avô:

Marcondes: (se dirigindo pra seu Zé): A festa do Jardim hoje ela tá muito promovida nacionalmente até, eu digo isso, mas no Jardim quando o senhor começou a brincar não sabia nem o que era...

Zé Salu: Não, brincava, brincava... não sabia de nada não.

Mardônio: O senhor mesmo acha que esses Caretas nasceram aqui nessa Serra aqui?

Zé Salu: Daqui por Rio cruzeiro????

Marcondes: E aí, é seguinte, o senhor tem 92 anos, e já se criou com seu pai e avô brincando de Careta?

Zé Salu: Tudo sabido. Eu já aprendi com eles, né.

Um senhor de 92 anos tem autoridade para dizer a forasteira quem carrega e, principalmente, quem deu origem à tradição dos Caretas no município.

Uma tradição que, no caso de Brejinho, aparece na fala de Marcondes, em conflito, direto com a festa na sede. Reflexo da situação das populações nas localidades? Estas, sempre negligenciados pelos setores públicos, sejam em relação às condições de existência material, sejam quanto às questões culturais.

Na fala do Careta Marcondes a “cara” do município foi dada por eles, os das localidades, em especial, pela Serra do Brejinho e adjacências, e são, segundo tal perspectiva aqueles que fazem a melhor “brincadeira” de Careta.

Nas percepções manifestadas acima, na Festa/Brincadeira, o passado aparece enquanto tradição, e este é modelo comparativo para os dias atuais, mas por mais que o desejo de reaver o passado seja forte em determinadas pessoas, grupos, trabalhamos com a idéia da impossibilidade de tal ação se concretizar. O passado é sempre seleção daquilo que se acredita ser o mais próximo do vivido, do real.

O professor de história, hoje, não quer ligar-se à Festa/Brincadeira, nem cedendo o seu nome, afastou-se, tem raiva, assim como em dado momento o ex-Careta, Miguel Moraes, disse ter enjoado da festa. Ambos fizeram uma das possíveis escolhas, no que se refere à Festa/Brincadeira: ausentam-se.

Outros optaram por ficar, participar. Mas tal participação não tem divergência com o elemento ausente, ao contrário, dentro do evento, com a presença daqueles que escolheram assim participar, podemos perceber o conflito.

A Brincadeira de Careta não tem suas raízes em uma tradição inventada pelos setores oficiais, a brincadeira foi sendo elaborada na praxis dos “Brincantes” até se tornar elemento definidor do local.

E, por ser um elemento definidor local, é importante para o jogo de poder nas relações entre os diferentes grupos sociais. Uns, como já foi dito, escolheram não mais participar. Outros participam e agem como em uma brincadeira de “cabo de guerra”.

A Festa/Brincadeira é elemento aceito pelas partes como importante, identificador deles e do espaço em que se constituíram como pessoas. Portanto, pertencentes a todos eles, mas os grupos divergem quanto à forma, à prática, na atualidade dessa manifestação.

Resultando no conflito que é, ao mesmo tempo, o confronto entre as diferentes percepções do passado e suas relações com as questões do momento presente. Uma manifestação dada como proveniente de outros tempos, de um tempo imemorial, que é utilizada para atualizar conflitos atuais.

Ligados a maneiras como grupos sociais de Jardim articulam seus cotidianos suas vidas, sobrevivências quase sempre em confronto seja, aberto ou velado.

Parte das conseqüências desse conflito, é o processo de “desraizamento”, presente não apenas na Brincadeira/Festa mas acredito em outras manifestações tradicionais.

“Enraizamento”, conceito que uso pensando em Ecléia Bosi: “O enraizamento não se alimenta de imagens de um passado idealizado nem de futuro *utópico*.” (Bosi, 2002,p23) Em Jardim o enraizamento é construído no cotidiano, no convívio com a coletividade, e a Brincadeira de Careta faz parte desses momentos de interação da população local.

Essa discussão, de início veio, não dos Caretas, diretamente, mas quando visitava o acampamento de pequizeiros, o qual retratei no capítulo 1, desta dissertação.

Na relação homem-natureza via-se o quanto o deslocamento forçado das pessoas, ocasiona a perda de valores, costumes e aprendizagens.

Algo da mesma ordem ocorre em relação às manifestações na área cultural. Novamente, Ecléia Bosi, formula a questão: "Como pensar em cultura popular em um país de migrantes? (2002, p17) Jardim é um município pequeno e pobre, mas nem por isso distante das relações mais gerais, no que diz respeito a problemática da sobrevivência no mundo da globalização.

E quanto mais desigual é a sociedade nestas relações, maior o conflito. Pois, o "desraizamento" é provocado pela falta de emprego, de infraestrutura no seu local de origem, e não deixa outra opção senão a migração.

E aqueles que permanecem? Estes lutam dentro de uma conjuntura em que tudo, mesmo os valores, as concepções religiosas, artísticas, costumeiras viram produtos para o consumidor urbano. Em que tal encontro se dá de modo desigual, em que não são respeitadas as diferenças, ao contrário, tais diferenças são tratadas como exóticas, curiosas ou frutos remanescentes de um atraso cultural.

Mas o mundo urbano e consumidor é também atrativo para as populações carentes de tantos recursos, quando pergunta se a brincadeira existiria sem a Associação, mesmo o membro da comunidade mais afastada do centro do município, franze a testa, pensa e daí a pouco, responde negativamente.

Mas a tradição, segundo os mesmos, vem de antes da Associação e mesmo hoje, nas localidades, eles caminham, brincam sem apoio da Associação o que conseqüentemente leva ao não apoio dos órgãos governamentais e empresariais. Então qual o risco?

Talvez, a pergunta é que esteja formulada incorretamente, pois a reflexão é como articular a tradição da brincadeira, a sua raiz de delírio, sonho e

projeção futura com o mundo atual da cidade, do urbano, do global. Mundo que pede a regulamentação das regras e da padronização.

13/07/01- Miguel
Mundo que leva o jardinense na maioria das vezes, a comportar-se como certos pássaros que, de época em época, partem para outras regiões e depois retornam. Mas muitos não voltam, são “abatidos” no caminho.

14/07/01- Jan
Questões para futuro permanecem. Questões posta para Jardim, mas que bem poderiam valer para todos nós, como trabalhar a particularidade no global sem perder-se totalmente? Como manter os “votos” com as gerações anteriores e repassar aprendizagem para os mais jovens, quando o passado é, a todo momento, reinventado de acordo com as conveniências?

15/07/01- Jov
Mas essa é uma outra história...

15/07/01- Manoel Bernardino

16/07/01- Eternite Lopes de Sousa

16/07/01- Flávio Vidal

16/07/01- Nélis Turbano de Santana

16/03/02- Francisco Hildeberg

23/03/02- José Marcondes Pereira

29/03/02- Siné

29/03/02 -- Juclera Ribeiro de Sousa

31/03/02- João Salu

29/03/02- José Salu

29/03/02- Cicero Cândido

31/03/02- Raimundo Salu do Nascimento

Estatuto e atas de reuniões da "Associação dos Karatas"

FONTE: (DATA DA ENTREVISTA E NOME DO ENTREVISTADO)

- 13/07/01- José dos Santos
- 13/07/01- Miguel José dos Santos
- 13/07/01- José Antônio de Oliveira
- 14/07/01- Luís Lemos
- 14/07/01- Jamilles Freitas dos Santos
- 14/07/01-Miguel Morais
- 15/07/01- Fernando Pereira de Sousa
- 15/07/01- João José de Sousa
- 15/07/01 - João Geraldo Pereira
- 15/07/01- José Geraldo pereira (seu Nelson)
- 15/07/01- Manoel Bernardino
- 16/07/01- Eternite Lopes de Sousa
- 16/07/01- Flávio Vidal
- 16/07/01- Nélsia Turbano de Santana
- 16/03/02- Francisco Hildeberg
- 23/03/02- José Marcondes Pereira
- 29/03/02- Sinê
- 29/03/02 – Jucilene Ribeiro de Sousa.
- 31/03/02- João Salu
- 29/03/02- José Salu
- 29/03/02- Cícero Cândido
- 31/03/02- Raimundo Salu do Nascimento
- Estatuto e atas de reuniões da “Associação dos Karetas”.
- Memória do sagrado: estudos de religião e rituais
São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BOSI, Alfredo. Plural mas não caótico. In: *Cultura Brasileira: Temas e situações*.
4ª edição. São Paulo: Editora Ática - Séries Fundamentos, 2002, p7-14.
- BOSI, Eclêa. *História e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 3ª edição, São Paulo:
Companhia das Letras, 1983.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antônio Augusto. *O Que é Cultura Popular*, edição 36º, São Paulo: Editora brasiliense, 1998.
- ALBERTI, Verena. *História Oral: A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BARBA, Eugênio. *A Arte Secreta do Ator*. Dicionário de Antropológico Teatral. São Paulo: Editora Hucitec/Unicamp, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. 3º edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.
- BARROSO, Oswald. *Os Reis de Congo*. Fortaleza: Editora UFC- MIS, 1996.
- CALVINO, Italo. *Tradição e Tradução*. O Riso e o Rito na Cena Popular Tradicional. Anotações e comentários para curso no Teatro José de Alencar, Fortaleza, 2000.
- BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*: Editora Imaginário.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução Rouanet, 10ª edição, São Paulo: editora brasiliense, 1996, p197-232.
- BREMMER, e ROODENBURG. Humor e História. In: *Uma História Cultural do Humor*. Azevedo e Soares, Rio de Janeiro: Record, 2000, p13-26. .
- BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a Significação do Cômico*. 2º edição, Rio de Janeiro: Editora. Guanabara, 1987,.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Folclore*. 13º edição, São Paulo: Editora brasiliense, 1997.
- CHAUI, Madalena. *Conformismo*. Memória do sagrado: estudos de religião e ritual. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BOSI, Alfredo. Plural mas não caótico. In: *Cultura Brasileira: Temas e situações*. 4º edição. São Paulo: Editora Ática - Séries Fundamentos, 2002, p7-14.
- BOSI, Ecléa. *História e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 3º edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

- _____ Cultura e desraizamento. In: *Cultura Brasileira: Temas e situações*. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática - Séries Fundamentos, 2002, p16-41.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. 2ª edição, São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- _____ O Mundo como Teatro: In: *Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Rio de Janeiro: DIFEL, 1992, .Pp. 233 a 251.
- _____ Fronteiras do cômico nos primórdios da Itália moderna. *Uma história cultural do humor*. Tradução Azevedo e Soares, Rio de Janeiro: Record, 2000, p93-114
- _____ *Variedades de História Cultural*. Tradução Porto, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira 2000.
- CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Tradução Mainardi, 14ª edição, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.
- _____ *Castelo dos Destinos Cruzados*. São Paulo: Editora Companhia das Letras., 1999.
- _____ A palavra escrita e a não escrita. In: *História Oral. Usos e abusos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p139-148.
- CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo: editora Contexto, 2001.
- CARVALHO, Gilmar de. *Madeira Matriz: Cultura e Memória*. São Paulo: ANNABLUME, 1999.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª edição, São Paulo: Editora Global, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro Brasil: Bertrand, 1987.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. 4ª edição. São Paulo: Editora brasiliense, 1986.
- _____ Convite à Filosofia. 2ª edição, São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo. In: *História Oral. Usos e abusos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p149-165.

CUNHA, M.^a Clementina Pereira. *Ecos da Folia: Uma História Social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6^o edição. Rio de Janeiro: Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

De CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Tradução Menezes, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Tradução Alves, 3^o edição, Petrópolis: Editora Vozes, vol., 1, 1998.

_____. *A Invenção do Cotidiano. Morar, cozinhar*. Tradução Alves, 3^o edição, Petrópolis: Editora Vozes, vol., 2000.

_____. *A cultura no plural*. Tradução Dobránszky, São Paulo: Papyrus, 1955.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Tradução Fontenelle, Rio de Janeiro: Edições UFC, 1983.

ELIAS, Nobert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Tradução Goes de Paula, 2^o edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ÉSQUILO. *Os Sete contra Tebas*. Rio Grande do Sul: L&PM POCHE, 2003.

FREITAS, Sônia Maria. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Imprensa Oficial & Humanitas/USP, 2002.

GARAUDY, Roger. *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1950.

GARRIOCH, David. *Insultos verbais na Paris do século XVIII. História Social da Linguagem*. Tradução Hattner, São Paulo: Editora UNESP, 1997, p121-140.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora ABDR, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução Paes, 10^o edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GONÇALVES, José Artur Teixeira. *Cavalcadas na América Portuguesa: morfologia da festa*. In: *Festa, Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec – edusp - fasep- Imprensa Oficial, vol., II, 2001, p951-969.

- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e cotidiano. In: *Festa, Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec-edusp-fasep-Imprensa Oficial, vol.,II,2001,p9969-979.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Schaffter, 2º edição, São Paulo: Editora Vértice,1990.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Tradução Cavalcante, 2ºedição, São Paulo: Paz e Terra,1997.
- NIETZSCHE, Friedrich O Sentido do Passado. In: Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NORA, Pierre O novo século: Entrevista a Antonio Polito. Tradução Marcondes, 3º edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O papel da pecuária e do algodão. In: *História do Ceará*. 2º edição, Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha,1994.
- KURY & LORELAI. *Ritos do Corpo*. Rio de Janeiro: Senac, 2002.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, Um conceito antropológico*. 6º edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.,1992.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4ºedição, Campinas: Editora Unicamp,4ºedição,1996.
- POSSA, Paulo O riso na Idade Média. In: *Uma História cultural do humor*. Tradução Azevedo e Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000,p65-83.
- LEITÃO, Cláudia. *Por uma Ética da Estética: Uma reflexão acerca da "Ética Armorial"* Nordestina. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha,1997.
- LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: *A Escrita da História. Novas perspectivas*. 4º edição, São Paulo: Editora UNESP,1991, p133-162.
- MACEDO, José Rivair. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. São Paulo: Editora Unesp e Editora da Universidade,2000
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora UNESP & HUCITEC, 1998.
- MAROTTA, Cláudia Otoni de A. *História das Mentalidades*. São Paulo: Editora brasiliense,1991.

- MONTENEGRO, Antônio. *História Oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3ª edição, São Paulo: Editora História e Contexto, 1994.
- MORAIS, Melo. *Festas e tradições populares*. Brasília: Senado federal: coleção básica brasileira.
- MORALES, Ana Lúcia. A Feira de São. Cristovão: O Nordeste é aqui? In: *Revista Ângulo*, Rio de Janeiro: Lorena CPS: Centro Cultural Tereza D'Avila, nº87, Jan/março, 2001
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução Guinsburg, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, N.º 10, P. 7/28, 1993.
- OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: Velhos Carnavais*. Fortaleza: Editora UFC, 1997.
- PEREIRA, Maria Alacoque de Lima. *Jardim: sua História e sua Gente*. Fortaleza: 1987.
- PINTO, Júlio Pimentel. Os Muitos Tempos da Memória: In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, N.º17, P203-211, 1998.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV, V.2, nº3, P3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, n.º14, P7-24, 1997.
- _____. O que faz a História Oral diferente. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, nº14, p25-38, 1997
- _____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, N.º15, 13-49, 1997.
- _____. O massacre de civitella Val di chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: *História Oral. Usos e abusos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p103-130.
- PRINS, Gwyn. História oral. *A Escrita da História*. Novas perspectivas. 4ª edição, São Paulo: Editora UNESP, 1991, p1199-236.

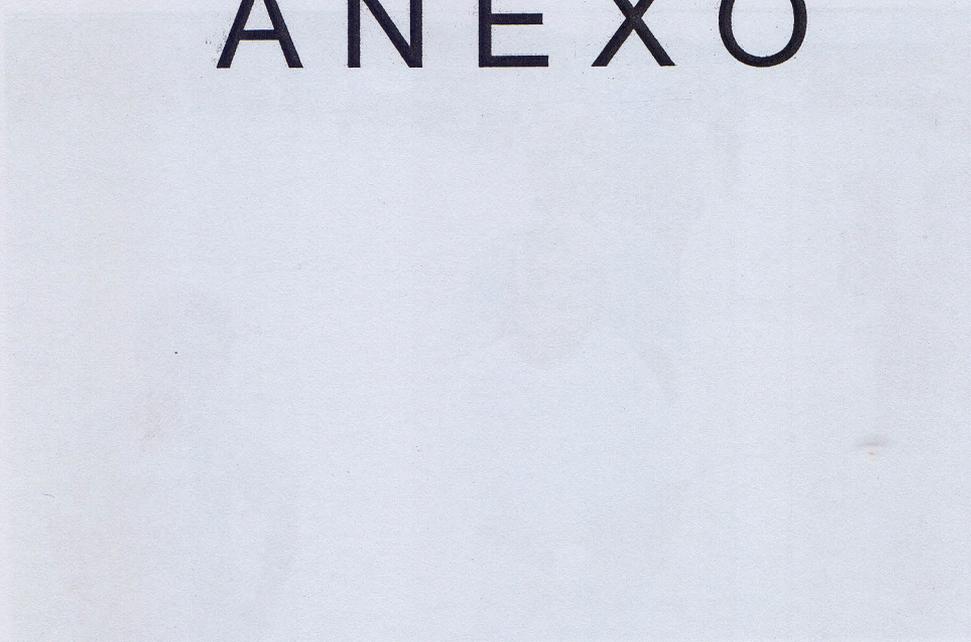
- RIVIÈRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Tradução Teixeira, Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- SABINO, Fernando. *Encontro marcado*. 74ª edição, Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo; Edusp, 2002.
- SOUZA, Océlio Teixeira. *A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (Ce): Entre o Controle e a autonomia (1928-1998)*: In: Dissertação, Rio de Janeiro, 2000.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Tradução Koudela & Amos, 4ª edição, São Paulo: editora Perspectiva, 1998.
- STANISLAVKI, Constantin. *A Preparação do Ator*. Rio de Janeiro/Lisboa: Civilização Brasileira, 1999.
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias*. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, N.º 15, 51-84, 1997.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História Oral. Tradução Oliveira, 2ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro. O vivido e o mito*. São Paulo: editora brasiliense, 1999.
- VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: *Domínios da História*. 6ª tiragem. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1997, p127-162.
- VERENA, Alberti. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- VOLDMAN, Daniéle. *A invenção do depoimento*. In: *História Oral. Usos e abusos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p247-266.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a Cidade. na história e na literatura*. Tradução Brito, 2ª edição, São Paulo: companhia das Letras, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a voz. A Literatura Medieval*. Tradução Pinheiro & Ferreira, São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- _____ *Performance, Recepção, Leitura*. Tradução Ferreira & Fenerich, São Paulo: Educ, 1990.

FOTO 1



SEDE - 2002

ANEXO



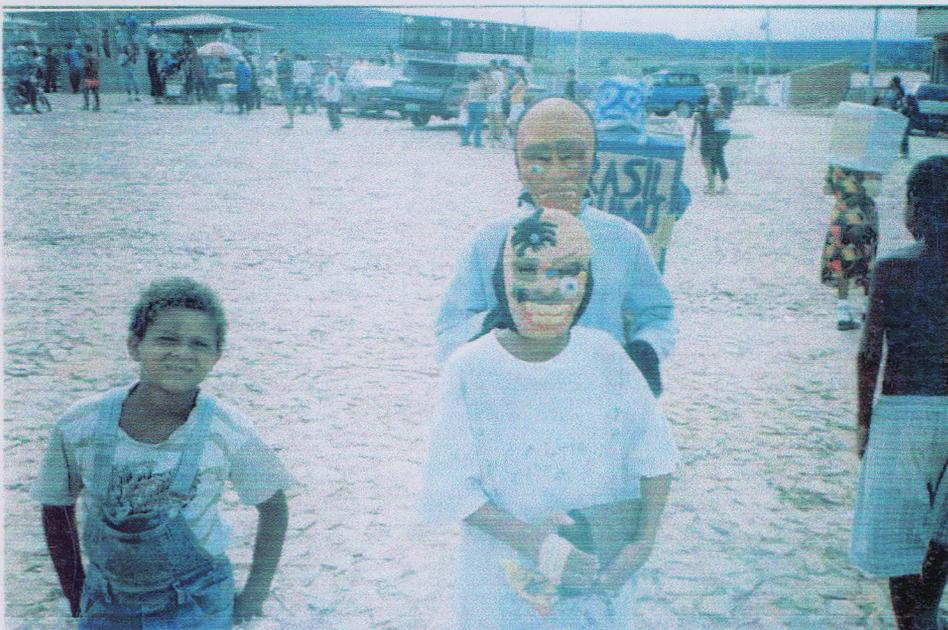
MORRO DO TETEU
CARETINHAS

FOTO 1



SEDE - 2002

FOTO 2



MORRO DO TETEU
CARETINHAS

FOTO 3



SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS KARETAS - 2002
OS CARETAS DE LAJINHAS

FOTO 4



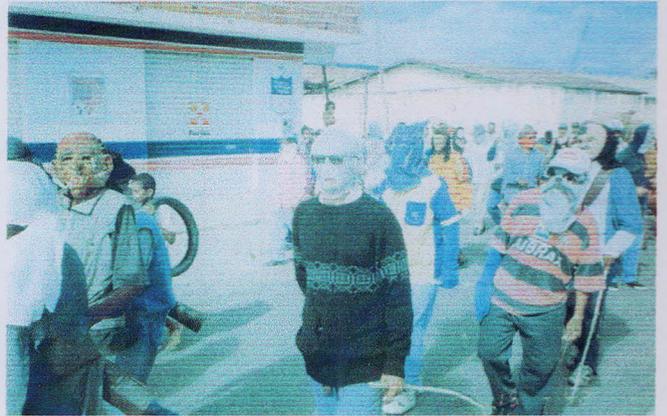
SUBIDA DO MORRO DO TETEU - 2002
CARETAS DE LAJINHAS

FOTO 5



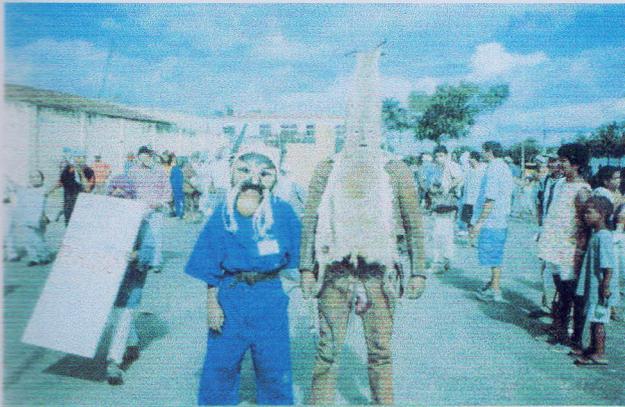
SEDE - 2002
"PASSEATA DO PAU DO JUDAS"

FOTO 6



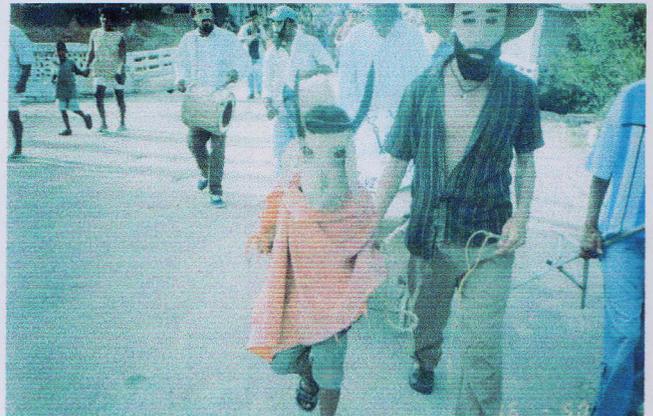
PASSEATA DO "PAU DO JUDAS"
SEDE - 2002

FOTO 7



SEDE - 2002
CONCENTRAÇÃO PARA PASSEATA
DO "PAU DO JUDAS"

FOTO 8



SEDE - 2002
"PASSEATA DO JUDAS"



FOTO 9

MARCONDES
BREJINHO - 2002
FEITURA DO JUDAS

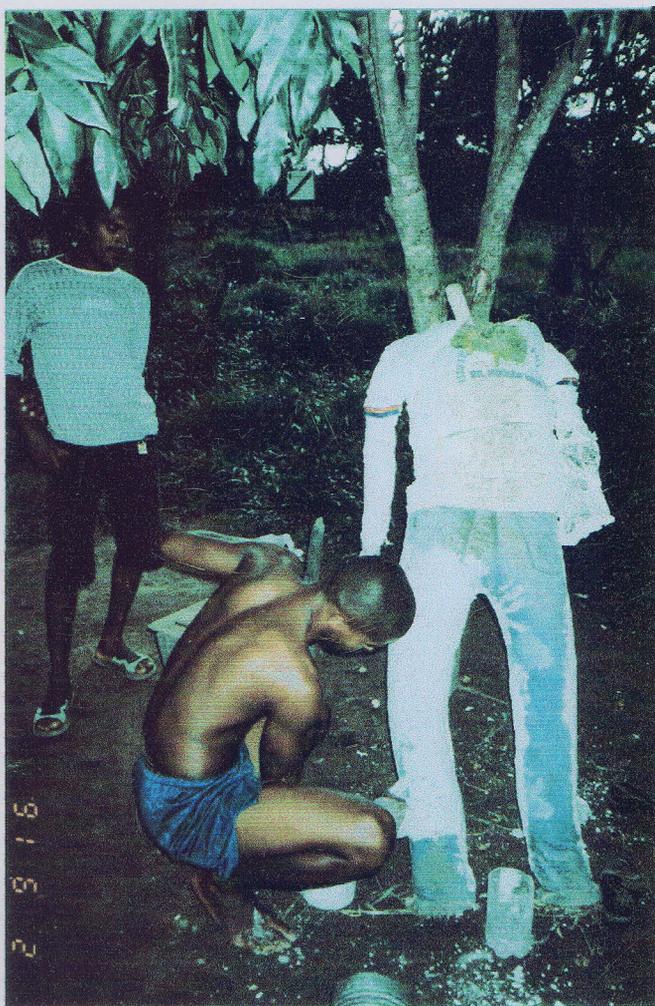


FOTO 10

FERNANDO
BREJINHO - 2002
FEITURA DO JUDAS



FOTO 11

SEDE - 1999

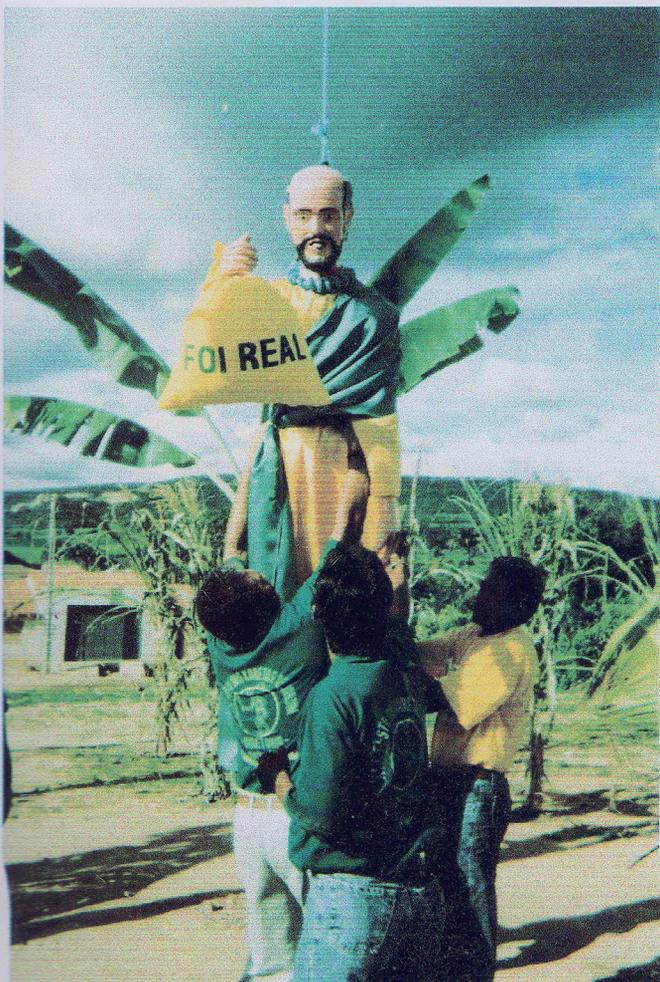


FOTO 12

SEDE - 2000

FOTO 13



BREJINHO
2002

CARETAS
PREPARAÇÃO FINAL
DO "SÍTIO DO JUDAS"

FOTO 14



BREJINHO - 2002
CARETAS PROTEGEM O
SÍTIO DO JUDAS

FOTO 15



CARETAS DE BREJINHO - 2002

FOTO 16



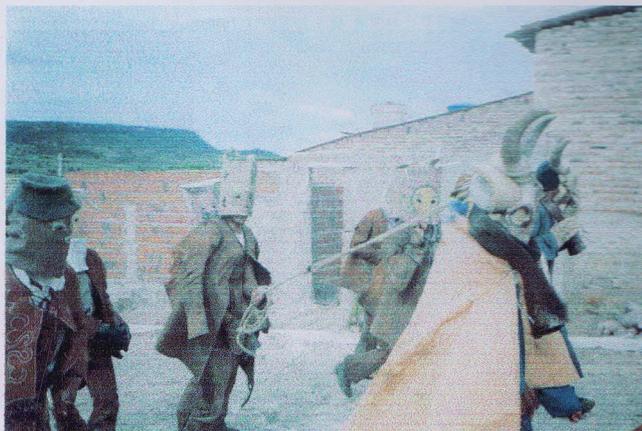
BREJINHO - 2002

FOTO 17



SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS KARETAS - 2002
O CARETA COM MÁSCARA DA CARA
PAÇA DE UMA TARTARUGA, CHICOTE
E O CHOCALHO.

FOTO 18



SUBIDA DO MORRO DO TETEU - 2002
KARETAS DE LAJINHAS

FOTO 19



MORRO DO TETEU - 2002
KARETAS DE LAJINHA BRINCA
COM KARETA DA SEDE

FOTO 20



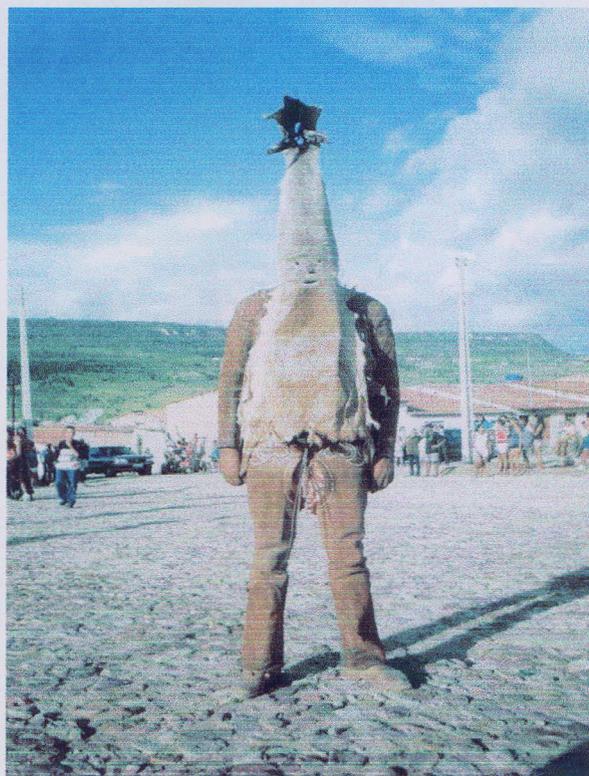
BREJINHO - 2002

FOTO 21



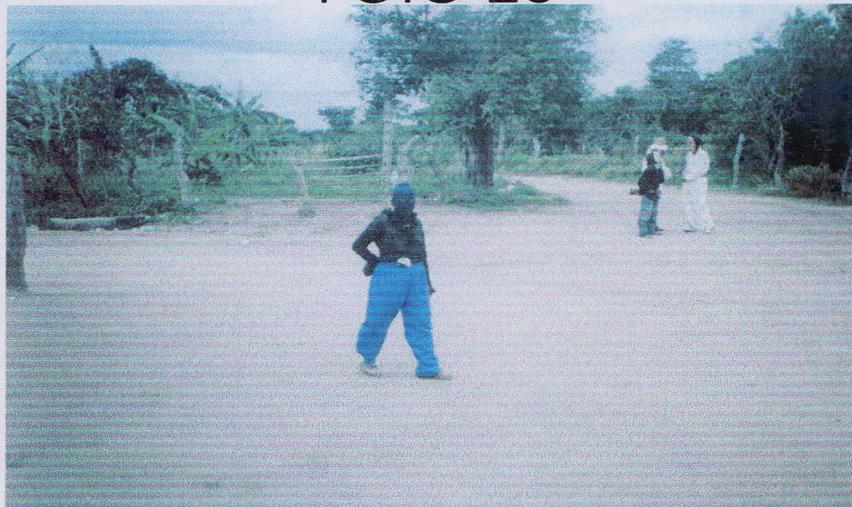
SUBIDA DO MORRO DO TETEU - 2002
CARETA "FOLHAGEM" COM MENSAGEM:
"OS ÍNDIOS QUEREM PAZ
TODO BRASILEIRO QUER PAZ
OS ÍNDIOS FIZERAM PARTE
DA DESCOBERTA DO BRASIL.
NÃO QUEREMOS GUERRA, SÓ PAZ."

FOTO 22



MORRO DO TETEU - 2002
KARETA TRAJADO COM
COURO DE RAPOUSA E BOI.

FOTO 23



BREJINHO - 2002
EM PRIMEIRO PLANO "UMA" KARETA

FOTO 24



MORRO DO TETEU - 2002
KARETA REINVIDICA:
FILIPÃO, QUEREMOS ROMÁRIO

FOTO 25



SUBIDA DO MORRO DO TETEU - 2002
KARETAS E HISTÓRIA: "FOI ASSIM QUE
O RELÓGIO DA IGREJA CHEGOU
NA CIDADE DE JARDIM. AMIZADE, A PAZ."

FOTO 26



MORRO DO TETEU - 2002
IRREVERÊNCIA "CARNAVALESCA"

FOTO 27



SEDE - 2002
CARETINHAS FAZEM POSE

FOTO 28



MORRO DO TETEU - 2002
CARETA TRAZ A FIGURA DA "VEA" À FESTA

